

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SEMIÓTICA E LINGUÍSTICA GERAL

LARA FRUTOS

**Escalas no Guaraní Paraguaio: uma análise do modificador
de grau *-pa***

Versão Corrigida
São Paulo
2011

LARA FRUTOS

**Escalas no Guaraní Paraguaio: uma análise do modificador de grau
*-pa***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Linguística Geral do Departamento de Linguística da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo como requisito para a obtenção do título de mestre em Linguística.

Orientadora: Prof^a Dr^a Ana Lúcia de Paula Müller

Versão corrigida
São Paulo, 2011

*A Ana Maria Olazar Frutos
e Ramão Arsênio Frutos, meus avós maternos*

*A Yolanda Pedra González
e Juan González Raina, meus avós paternos*

*A Maria Luiza Frutos
e Humberto José Pedra González, meus pais*

Agradecimentos

Primeiramente gostaria de agradecer à minha orientadora Ana Müller, que não só me aceitou como sua orientanda, como abraçou o projeto de trabalhar com o Guarani com todo o carinho. Suas orientações, correções e aulas foram decisivas para a minha formação. Agradeço a ela por me ensinar a trabalhar - e a gostar de trabalhar - com línguas indígenas. E também agradeço pela seriedade e pelo rigor em seu trabalho, que muito me ensinaram e me ajudaram a crescer durante esta trajetória.

Gostaria de agradecer especialmente a Ana Paula Quadros Gomes, que me introduziu ao mundo da semântica de graus através de uma disciplina deliciosa. À Aninha, agradeço pelas aulas, pelas caronas, pelas boas conversas e pelos bons conselhos. Quero muito que o grau na escala da nossa amizade seja cada vez maior.

Agradeço aqui também ao professor Marcelo Ferreira, que me fez ver o mundo como um λw . Suas aulas e participações no grupo de estudos, no exame de qualificação e em atendimentos foram imprescindíveis para que este trabalho existisse.

Agradeço também à Ana Paula Scher pelos ótimos comentários feitos durante o exame de qualificação e pela disposição em sempre ajudar, principalmente enquanto estive como chefe do departamento. Espero que ainda possamos trocar figurinhas várias vezes!

Gostaria de estender meus agradecimentos aos professores do Departamento de Linguística, em especial àqueles com quem tive mais contato através de disciplinas e grupos de estudos. A Esmeralda Negrão, Marcos Lopes e Luciana Storto fica aqui o meu agradecimento.

Também não posso deixar de agradecer à Teresa Cristina Wachowicz, minha orientadora de iniciação científica, professora e amiga. Todo o meu interesse pela semântica nasceu das suas aulas e do grupo de estudos que conduziu na UFPR. Não é nem possível medir a sua influência no que sou hoje, como pessoa e como pesquisadora, e creio que só tenho a agradecer por isso. Agradeço a ela pela disposição de me ensinar tanto, por acreditar no meu trabalho e por ter sempre me incentivado a vôs mais altos.

E se estou mencionando aqui a minha formação, seria injusto não agradecer aos meus queridos professores de linguística da graduação: Márcio Renato Guimarães, Luiz Arthur Pagani, Claudia Mendes Campos, José Borges Neto, Adelaide Hercília Pescatori Silva, Maximiliano Guimarães, Lígia Negri e, em especial, Maria José Foltran. Essas pessoas me fizeram ser

totalmente apaixonada pela linguística, nas suas diversas áreas. Ainda, foram meus primeiros modelos de “linguistas”. Fica aqui registrada a minha mais sincera admiração.

Gostaria de agradecer também o trabalho dos funcionários do departamento, Érica Flávia, Robson e Ben Hur. Haja paciência para aguentar alunos perdidos no meio de tanta burocracia e funções na máquina de xerox como eu. Esses funcionários tornam a nossa vida dentro da USP possível.

Dentre os colegas da pós, gostaria aqui de destacar meus agradecimentos aos que me acompanharam no Grupo de Estudos de Semântica Formal: Roberlei Bertucci, meu amigo paranaense, Lidia Lima da Silva, Fernanda Rosa, Nize Paraguassu, Michel Platiny, Letícia Nóbrega e Andreia Carvalho. As discussões com todos os colegas (sérias ou não) foram sempre muito produtivas. Tenho sorte de poder contar com eles como colegas de formação. Como não poderia deixar de ser, deixo meu agradecimento especial para a Luciana Sanchez Mendes, minha companheira de escalas, com quem aprendi muitas coisas e a quem admiro ‘pitat’.

Ao amigo Julio Barbosa devo agradecer por muitas coisas, porque além de se dispor a ser meu amigo - e pra ser amigo é preciso disposição, também foi um ótimo arguidor para minhas ideias. Agradeço imensamente pela disposição em discutir meu trabalho comigo tantas e tantas vezes, fornecendo sempre feedbacks muito interessantes. Ao Julinho meu muito obrigada também por ir ao mercado comigo, pela companhia virtual e real, pelos bolos de banana (e isso se estende à D. Rosa, claro), e pelo incentivo desde o processo seletivo.

A Leonor Simioni, Rerisson Cavalcante e Harrison Bourguignon agradeço por terem me ajudado, e muito, em todas as etapas da minha vinda. Sem ajuda para tanto, São Paulo teria sido impossível.

A Indaiá Bassani, Paula Armelin, Renato Lacerda, Aline Garcia Rodero, Vítor Nóbrega, Marcus Lunguinho, Carolina Petersen e a todos os colegas gostaria de agradecer pelas conversas, pela mão amiga e pela companhia em congressos e cafés na cantina. Agradeço-lhes por fazerem do DL um interessante espaço de convívio!

Deixo registrado aqui meu carinho e agradecimento por cada um dos informantes que me ajudaram a montar a base de dados para o trabalho. Agradeço aos meus informantes lá de Assunção: Susy Delgado, Miguelángel Meza e Gregorio Gomez, todos grandes poetas do idioma Guarani. Também agradeço às queridas Vó Domingas, D. Corina Alcaraz, D. Maíta Alcaraz e Raimunda Alcaraz, minhas queridas informantes, que muito me ajudaram e encorajaram, sendo

sempre receptivas, mesmo quando eu aparecia com uma lista imensa de dados pra testar. E, por fim, agradeço a Mario Ramão Villalva Filho, meu professor de Guarani, e a Sônia Elicena Avalos Torres, que mais recentemente integraram o grupo de colaboradores. Todas as pessoas me ajudaram a destrinchar o Guarani e me incentivaram a seguir com o trabalho.

Ao Júlio Paulo Calvo Marcondes (in memoriam) devo agradecer pela chance de ter podido conhecê-lo em sua breve passagem pela vida. Agradeço-lhe por me apresentar seu mundo, por me ensinar de livros e de literatura (nem só de linguística vive o homem) e por sempre ter me recebido tão bem, primeiro em Curitiba, depois em São Paulo.

Pegando carona no universo juliesco, registro aqui o quanto sou imensamente grata por ter tido a chance de conviver com o pessoal do bonde do Faquir: Fábio Liberal, Fernando Delmonte, Assionara Souza, Maria Paula Calvo Marcondes e Ana Cláudia Berwanger. Obrigada pelas noites de poesia, pela amizade, pelas boas conversas e pela diversão. Editar o Faquir Loquaz, obra póstuma de Júlio Paulo Calvo Marcondes, com essas pessoas é dessas experiências que fazem a gente suportar o entorno da vida, que nem sempre é tão divertido quanto virar a noite revisando um livro com eles.

Aos meus queridos amigos paraguayos, Miguel Ángel Fernandes, Daiane Pereira Rodrigues e Guillermo Sequera agradeço pelo acolhimento e ajuda durante minha estadia em Assunção. Foram dias inesquecíveis, que decidiram em muito os rumos da produção deste trabalho. Graças a eles, Assunção já é um pouco minha casa.

À Erica Werner, minha grande amiga, agradeço pela amizade e amor. Agradeço-lhe por ter me convencido de que morar em São Paulo não era assim tão ruim e que a USP podia valer à pena. Não teria vindo pra cá se ela não tivesse tido a coragem de vir antes e se não tivesse se esforçado tanto por me mostrar coisas interessantes daqui.

Aos meus amigos do Sarau agradeço por tantos anos de convivência, pelas muitas rodas de tererê e por fazerem de Guaíra (e de Curitiba) sempre um lugar bom pra se voltar. Em especial, agradeço ao Cristian E. Aguazo, que além de ser amigo-irmão, foi a primeira pessoa a me incentivar a ser linguista.

Por fim, agradeço à minha mana querida, Naíra, de quem é tão difícil ficar longe e com quem sei que sempre posso contar. E claro, agradeço ao meu pai e minha mãe por terem me incentivado a seguir o caminho que eu escolhi, sempre me apoiando e me aconselhando. Eles, além de tudo, junto com a vó Ana, o vô Chichio, a vó Yolanda e a vó Lucila são meu universo

guarani. Em tempos de crises de identidade, essas pessoas me presentaram uma bem forte para eu me orgulhar. E isso é tão importante pra mim, que aqui está a minha dissertação. Tenho por eles todo o amor do mundo.

Ao Breno agradeço por ter sido meu companheiro em tantos aspectos quanto possíveis durante essa trajetória. Eu não poderia querer alguém melhor para dividir os momentos da vida. Che rohayhu!

Foi bonita a festa, pá,
fiquei contente.
‘Inda guardo renitente
um velho cravo para mim.
Já murcharam tua festa, pá,
mas, certamente,
esqueceram uma semente
nalgum canto de jardim.
Tantas léguas a nos separar,
tanto mar, tanto mar.
Sei também que é preciso, pá,
navegar, navegar.
Canta a primavera, pá
cá estou carente.
Manda novamente
algum cheirinho de alecrim.
(TANTO MAR - *Chico Buarque*)

Resumo

Este trabalho apresenta uma análise semântica dos verbos e adjetivos do Guaraní Paraguaio baseada nos pressupostos da Semântica Formal. Mais especificamente, este trabalho se propõe a analisar a interação de verbos e adjetivos com um morfema de grau da língua, a partícula {-pa}. São analisados neste trabalho adjetivos, verbos e construções causativas com verbos deadjetivais a partir de suas possíveis leituras com o morfema {-pa}. Demonstra-se aqui que o morfema {-pa} funciona como um modificador da relação de predicação entre o adjetivo ou o evento e um argumento nominal. Essa relação está dada em termos de uma estrutura de graus, de acordo com a semântica escalar proposta por Kennedy (1999b) e Kennedy & McNally (2005). Essas teorias partem do pressuposto de que adjetivos mapeiam entidades em graus de estruturas abstratas de uma propriedade, as escalas, e por isso adjetivo contém uma variável de grau d em sua entrada lexical. Essa variável é quantificada através de um morfema de grau. Proponho aqui que além do modificador que satura a variável de grau dada no seu léxico, o adjetivo também pode receber um modificador de grau quando houver uma escala de quantidade, dada composicionalmente de acordo com o modelo de Bochnak (2010). Nesse sentido, {-pa} não atuaria sobre a variável de grau dada pelo léxico do adjetivo, mas sobre uma escala de quantidade construída na sintaxe. Em relação a verbos, {-pa} modificaria a relação de mapeamento do evento sobre entidades, medido por uma estrutura de graus. Uma das vantagens desta proposta é que isso permitiria que adjetivos fossem modificados simultaneamente por {-pa} e outros modificadores de grau que atuam sobre a escala de intensidade de adjetivos, o que de fato ocorre na língua. Para sustentar minha hipótese de análise, apresento alguns dados do Guaraní Paraguaio em que o morfema {-pa} co-ocorre com outros intensificadores de grau. Em relação aos verbos deadjetivais, mostrarei que estes não possuem uma leitura atélica como os verbos deadjetivais do Inglês e do Português Brasileiro. Isso serve de evidência para concluir que {-pa} não modifica a escala de propriedade dada pelo adjetivo formador do verbo, mas que atua no mapeamento do evento na estrutura de graus dada por seu argumento nominal. Em suma, este trabalho mostra que {-pa} opera sempre sobre escalas de quantidade e nunca sobre a variável de grau do léxico de verbos e adjetivos.

Palavras-Chave: Semântica das escalas; adjetivos graduáveis; eventos graduáveis; modificadores de grau; incrementalidade.

Abstract

This dissertation presents a semantic analysis of verbs and adjectives Paraguayan Guaraní based on the assumptions of Formal Semantics. More precisely, this study aims to analyze the interaction of verbs and adjectives with the particle {-pa}, a degree morpheme of the language studied here. In this dissertation, I analyze adjectives, verbs and causative constructions with deadjectival verbs and the possible readings of the modification of {-pa} towards these predicates. It is shown here that the morpheme {-pa} acts as a modifier of the relationship between the adjective or the event and a nominal argument. This relation is described in terms of a degree structure, according to the semantic of scales proposed by Kennedy (1999b) and Kennedy & McNally (2005). This theory is based on the assumption that adjectives map entities onto degrees of abstract structures of properties - the scales and, for this, adjectives have a degree argument in their lexical entry. The degree variable is saturated by a degree morpheme. I propose here that besides the modifier that saturates the degree variable of the lexicon, the adjective can also be modified by another degree modifier that operates on a quantity scale, which is compositionally given, according to Bochnak (2010). In this sense, {-pa} does not saturate the degree variable given by the lexicon of the adjective or the verb, but it applies to a quantity scale that is built in syntax. Regarding verbs, {-pa} modifies the mapping of the event onto entities, which is measured by a degree structure. One of the advantages of this account is that it allows that {-pa} and other degree intensifiers modify adjectives simultaneously. And it actually happens in Guaraní. In order to support my analysis, I present some data of Paraguayan Guaraní that illustrate how {-pa} combines to other degree modifiers. I also show that deadjectival verbs cannot have an atelic reading similar to Brazilian Portuguese and English deadjectival verbs. This is used as an evidence to point out that {-pa} does not modify the property scale of the verb introduced by the adjective, but it only acts on the mapping of the event onto the degree structure of its nominal argument. In conclusion, this work shows that {-pa} always operates on quantity scales and never on the degree variable of the lexicon of verbs and adjectives.

Key-words: Semantics of scales; gradable adjectives; gradable events; degree modifiers; incrementality.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
Abreviaturas	14
1. O MORFEMA -PA DO GUARANI PARAGUAIO: APRESENTAÇÃO DOS DADOS	16
1.1 Introdução	16
1.2 O Guarani Paraguaio	16
1.3 Metodologia	19
1.4 Descrição dos dados	20
1.4.1 -pa em predicados estativos formados de adjetivos	21
1.4.2 -pa em predicados não-estativos	22
1.5 Problema de pesquisa e hipótese	27
1.6 A partícula -pa na literatura: a ideia de completude	28
1.6.1 -pa na literatura	28
1.6.2 A teoria aspectual de Klein	31
1.6.3 -pa não é perfectivo	41
2. VERBOS E ADJETIVOS DO GUARANI PARAGUAIO: UMA ANÁLISE A PARTIR DA SEMÂNTICA ESCALAR	44
2.1 Introdução	44
2.2 Uma semântica para os adjetivos de grau	45
2.3 Adjetivos de grau no Guarani Paraguaio: o que -pa pode nos revelar sobre eles?	55
2.4 Verbos do Guarani Paraguaio	64
2.5 Uma proposta de análise de {-pa} a partir da semântica escalar	71
2.6 Bochnak (2010): escalas de quantidade formadas composicionalmente	81
2.7 -pa e escalas de quantidade: uma nova proposta de análise	92
3. VERBOS DEADJETIVAIS NO GUARANI PARAGUAIO: ESCALAS DE QUANTIDADE X ESCALAS DE INTENSIDADE	103
3.1 Introdução	103
3.2 Verbos deadjetivais na perspectiva da semântica escalar	104
3.2 Verbos deadjetivais no Guarani Paraguaio	111

3.3 Uma proposta formal para os verbos deadjetivais	115
CONCLUSÃO	120
REFERÊNCIAS	122

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem o objetivo de, em primeiro lugar, descrever e analisar o comportamento do morfema {-pa}¹ e de seu alofone [-mba] em relação aos verbos e adjetivos do Guaraní Paraguaio (GP). Este morfema combina-se a apenas alguns adjetivos e verbos e, em termos gerais, dá uma ideia de completude. Procuo neste trabalho explicar a natureza da agramaticalidade de {-pa} com alguns adjetivos e verbos, discutindo as propostas já existentes na literatura.

Apesar de ter sido analisado como morfema aspectual de perfectivo, mostro neste trabalho que esta análise não é correta, uma vez que o fato de {-pa} não poder se combinar a verbos atélicos não está previsto dentro da teoria sobre aspecto perfectivo.

A análise de {-pa} será dada neste trabalho de acordo com os pressupostos de uma semântica de graus, com base em Kennedy (1999b) e Kennedy & McNally (2005). Segundo esses autores, adjetivos mapeiam entidades em graus de uma estrutura abstrata de propriedade, as escalas. Por isso, os autores incluem na entrada lexical do adjetivo um argumento de grau (*d*).

Proponho aqui que adjetivos, além da estrutura escalar de propriedades, também podem possuir uma estrutura escalar de quantidade, dada composicionalmente pela estrutura de soma de um indivíduo sobre o qual predica o adjetivo. A partir disso, proponho que {-pa} opera somente sobre essas escalas de quantidade, não podendo atuar sobre escalas de intensidade, dadas pela propriedade mensurável do adjetivo. Essa análise segue o modelo de Bochnak (2010), que trata dos modificadores de proporção como modificadores que atuam exclusivamente sobre escalas de quantidade

Assumo aqui, junto com Thomas (2007) que {-pa} modifica apenas os argumentos absolutivos (objeto, em estruturas transitivas e, sujeito, em estruturas intransitivas). No entanto, a análise que aqui proponho difere-se daquela uma vez que assumo que {-pa} não atua sobre uma variável de grau dada pelo léxico do adjetivo ou do verbo, mas sobre uma escala construída na mediação da predicação do adjetivo ou evento sobre seu argumento nominal, uma relação que será definida em termos de uma estrutura escalar de graus.

¹ Há um morfema homófono de {-pa} usado como marca de interrogativas, considerado um morfema homófono. Uma vez que tratamos apenas de sentenças declarativas não trataremos desse uso de {-pa}.

A partir disso, mostrarei que {-pa} modifica predicados que possuem uma relação de incrementalidade em relação a um indivíduo, sejam eles adjetivos ou verbos. Para definir essa relação de incrementalidade me apoiarei em Tenny (1994) e Krifka (1989;1992;1998).

O primeiro capítulo apresenta uma breve consideração sobre aspectos do Guaraní Paraguaio relevantes para o entendimento dos dados aqui propostos, bem como considerações acerca da metodologia do trabalho desenvolvido. Em seguida, o capítulo apresenta os dados que se pretende explicar neste trabalho e a sua problematização. Além disso, o capítulo traz uma recuperação do tratamento de {-pa} como morfema de aspecto perfectivo na literatura, seguida de uma discussão sobre como {-pa} não pode ser analisado dessa maneira, que se baseia em Klein (1994).

O segundo capítulo traz a apresentação de uma abordagem escalar em relação a adjetivos e a eventos. Neste capítulo apresenta-se a teoria semântica de graus para adjetivos, problematizando-se alguns pontos. Na seção seguinte, apresenta-se uma análise de {-pa} em relação a adjetivos segundo essa proposta, que parece não contemplar todos os fatos apresentados. Depois apresentam-se algumas informações sobre o comportamento semântico dos verbos do Guaraní Paraguaio. Em seguida, introduzo ao leitor a análise de Thomas (2007), que visa tratar o uso de {-pa} com adjetivos e verbos a partir da proposta da semântica escalar de Caudal & Nicolas (2005). Por fim, após apresentar a proposta de Bochnak (2010) para modificadores de proporção, passo a me dedicar à proposta de análise deste trabalho.

No terceiro capítulo discutirei a relação de {-pa} com os verbos deadjetivais da língua. Argumentarei aqui que os verbos deadjetivais do Guaraní Paraguaio têm a sua escala de intensidade já medida por um parâmetro contextual e por isso indisponível para modificação por um intensificador de grau. Por outro lado, alguns desses verbos podem ocorrer em construções com tema incremental, e, quando isso ocorre, a modificação por {-pa} é possível. Esse fato, além de apontar na direção da reinterpretação da maneira como se checa a telicidade em verbos deadjetivais, já anunciada em Caudal & Nicolas (2005), corrobora a hipótese de análise do morfema {-pa} como um modificador de predicções incrementais.

Por fim, serão apresentadas as conclusões desse trabalho, avaliando de que maneira a análise proposta aqui pode ser considerada mais acertada em relação às análises pré-existentes. Além disso, mostra-se também como o objeto de estudo dessa pesquisa pode ser considerado importante dentro em um panorama geral da teoria de escalas.

Abreviaturas

1S - primeira pessoa do singular

3 - marca de terceira pessoa no argumento interno do verbo

3S - terceira pessoa do singular

CAUS - partícula causativa

CL - classificador

COMP+ - sufixo comparativo “mais”

deit.in - dêitico invisível (Liuzzi & Kirthuck, 1989)

DEM - pronome demonstrativo

FUT - Futuro

IMPERF - imperfectivo

ITE - intensificador de grau (bem)

ITEREI - intensificador de grau (muito)

LE - partícula {-le} do Mandarim (Klein, 2000)

NEG - negação

NUM - numeral

NFut - não-futuro

PA - pa

PERF - Perfeito

PL - plural

sit - situativo (Liuzzi & Kirthuck, 1989)

1. O morfema *-pa* do Guarani Paraguaio: apresentação dos dados

1.1 Introdução

Este capítulo tem o objetivo de apresentar os dados que serão discutidos neste trabalho. Visa-se apresentar o problema de pesquisa bem como as principais hipóteses de trabalho a partir da exposição do comportamento dos verbos e adjetivos do Guarani Paraguaio em relação ao morfema {-pa}, um morfema da língua que denota a ideia de completude.

Na seção 1.2 deste capítulo, apresentarei algumas características do Guarani Paraguaio relevantes para o entendimento dos dados discutidos. Essa apresentação não pretende ser exaustiva ou contemplar todos os aspectos da língua, mas apresentar um guia de alguns fenômenos do Guarani indispensáveis para o entendimento das questões discutidas aqui. Na seção 1.3, apresento a metodologia utilizada na coleta de dados. Na seção 1.4, será apresentada a descrição dos dados que incluem adjetivos, verbos e verbos deadjetivais. Na seção 1.5, apresento a formulação dos problemas e hipóteses deste trabalho. Por fim, na seção 1.6, apresento uma discussão das análises do morfema {-pa} na literatura, bem como uma problematização dessas análises, com base na teoria de Klein (1994) e Klein (2000).

1.2 O Guarani Paraguaio

O guarani é uma língua indígena que pertence ao tronco tupi-guarani e possui diferentes dialetos como o Mbyá, o Nhandeva, o Kaiowá, o guarani do Chaco Boliviano e o Guarani Paraguaio (doravante GP). O Guarani Paraguaio, objeto de estudo do trabalho proposto, é falado por 90% da população do Paraguai e é, junto com o castelhano, língua oficial do país.

Analisando o idioma de uma perspectiva tipológica baseada na morfologia, podemos classificar o guarani como uma língua parcialmente polissintética, ou seja, uma língua que expressa através de morfemas o que outras línguas expressariam através de advérbios ou nomes. Esses morfemas são normalmente aglutinados ao verbo. Ainda, pode-se dizer que o Guarani Paraguaio é uma língua aglutinante, já que os morfemas possuem uma ordem e regularidade bastante grande, não sendo “fundidos” a outros morfemas. Outra característica das línguas aglutinantes é o fato de normalmente cada morfema estar associado a apenas um significado,

diferentemente do que ocorre em português, em que o morfema ‘i’ em ‘corr-i’ está associado a informações de tempo, aspecto, modo, número e pessoa. Um exemplo desse comportamento pode ser visto em (1):

- (1) Kuehë Juan o-typéi-pa-ta-ma la hoga.
Amanhã Juan 3S-varrer-PA-FUT-PERF ART casa
Amanhã, Juan já vai ter varrido toda a casa.

Como se pode observar no exemplo acima há um morfema correspondente a número-pessoa ({o} - 3ª pessoa do singular), um morfema correspondente a tempo ({ta} - futuro), um morfema correspondente à completude do evento ({pa}) e um morfema correspondente a aspecto ({-ma} - perfeito). Esses morfemas aparecem em ordem regular e não se fundem, cada um possuindo apenas significado. Essa classificação tipológica é feita por Krivoshein de Canese & Acosta Alcaraz (2007) e por Tonhauser (2006), e nos serve de base para observar os dados da língua.

A estrutura oracional do GP é Sujeito-Verbo-Objeto (SVO) para a oração principal (Gregores & Suárez, 1967), apesar de outras ordens serem possíveis, a depender de contextos gramaticais e pragmáticos (Tonhauser & Colijn, 2010). Trabalhamos aqui com sentenças de verbos transitivos que aparecem na ordem básica da língua, com a sentença apresentada em (1).

Em relação à marcação de tempo na língua, o guarani é uma língua que possui apenas a distinção Futuro x Não-futuro (Liuzzi & Kirtchuk, 1989; Bertinetto, 2005, para o Guarani do Chaco-Boliviano). Uma sentença não marcada é analisada como possuindo um morfema Ø, que denota o tempo não-futuro, que inclui os tempos presente e pretérito. As sentenças que possuem o morfema {-ta} são interpretadas como denotando tempo futuro.

- (2) a. O-ky-Ø²
3S-chover-NFut
‘Chove/ choveu’

² Os dados serão apresentados em três linhas: i) a primeira apresenta a segmentação em morfológica da língua; ii) a segunda apresenta a glosa, morfema a morfema; iii) a terceira apresenta a tradução aproximada para o português.

b. O-ky-ta

3S-chover-FUT

‘Vai chover’

Nos exemplos acima, temos a primeira sentença marcada pelo morfema Ø. Nesse caso, o evento de chover pode estar localizado tanto no passado como no presente. Na segunda sentença, marcada com o morfema {-ta}, o evento se localiza no futuro.

Uma das características do dialeto falado no Paraguai é o empréstimo de vocábulos do castelhano e algumas vezes até de elementos gramaticais. Ao longo deste trabalho podem ser notados esses empréstimos, de verbos, nomes e advérbios, além do uso do artigo ‘la’ antes de descrições definidas. O artigo ‘la’, que no espanhol corresponde ao artigo definido singular feminino, é o único artigo usado no Guaraní Paraguaio, e não há distinção de gênero ou número. No entanto, a depender do contato do informante com o castelhano, se maior ou em menor grau, seu uso é opcional. Informantes que se utilizam menos do castelhano fornecem dados sem o artigo, ao contrário daqueles possuem mais contato com o idioma espanhol.

Opcionalidade do artigo

(3) Juan ho’u-Ø (la) manzana.

Juan comer.3S-NFut ART maçã

‘Juan comeu a maçã’

Contexto: Tinha uma maçã em cima da mesa e Juan a comeu.

No exemplo acima pode o artigo ‘la’ pode aparecer ou não. Porém, quando aparece, a única leitura possível é a descrição definida. Quando o artigo não aparece, essas informações a definitude é dada apenas por informação contextual.

Para descrições indefinidas, pode-se encontrar o uso do numeral *um* ‘petei’, pois apesar de a língua não possuir artigo além daquele emprestado do espanhol, possui determinantes (numerais e pronomes demonstrativos), como demonstra o exemplo abaixo, em que aparece o uso do artigo emprestado do espanhol, o demonstrativo *aquela* ‘amo’ e o numeral *um* ‘petei’:

Uso de determinantes

(4) Juan	o-japi- Ø	la/amo/petei	ka'i
Juan	3S-atirar-NFut	ART/aquele/NUM.1	macaco
‘Juan atirou no macaco/ naquele macaco/ em um macaco’			

Outros aspectos relevantes da gramática do Guarani Paraguaio serão tratados posteriormente, a partir dos exemplos que serão apresentados no texto quando necessário. Esses tópicos têm o objetivo de servir para situar o leitor em relação aos dados apresentados aqui, por isso não se pretende fornecer uma análise completa de cada um desses fenômenos linguísticos.

1.3 Metodologia

A coleta dos dados discutidos neste trabalho se deu durante o curso do mestrado. Foram feitas seis coletas, duas em Curitiba-PR (abril e dezembro/2009), três em Guaíra-PR (fevereiro, julho e setembro/2010), uma em Assunção-PY (março/2011) e outra na cidade de São Paulo (julho/2011). Em todas essas coletas, os dados foram testados com pelo menos dois informantes. Eventualmente, alguns informantes foram contatados por telefone ou e-mail para que pudessem esclarecer algum dado que deixasse dúvida. Os informantes são todos paraguaios e falantes nativos de guarani, embora também se comuniquem em espanhol e português.

Os dados das duas primeiras coletas foram obtidos principalmente por elicitación e julgamento de aceitabilidade. Explicava-se um contexto em espanhol/português e o informante fornecia uma sentença em Guarani que fosse adequada para descrever o contexto. Posteriormente, apresentava-se a sentença a um segundo informante e era solicitada a aceitabilidade daquela sentença em relação ao contexto determinado.

A partir da terceira coleta, as sentenças eram montadas em guarani e era checada a aceitabilidade da sentença, sempre em relação a um contexto específico. Primeiramente explicava-se o contexto ou a situação que se queria descrever, depois apresentava-se a sentença, perguntando se a sentença poderia descrever aquele contexto. Além de julgar a aceitabilidade, o informante fornecia uma versão alternativa para a mesma quando a sentença dada era considerada inadequada.

Quando não se sabia a tradução de alguma palavra, solicitava-se apenas o termo (verbo/nome/adjetivo) e rapidamente montava-se a sentença com esse termo. Essas sentenças

eram preparadas com a ajuda de dois dicionários: o dicionário de Guasch & Ortiz (1993) e o *Gran dicionário Katupyry* (2008), ambos em Castelhana-Guarani/Guarani-Castelhana. As gramáticas fornecidas nesses dicionários, assim como a gramática elaborada por Krivoshein de Canese & Acosta Alcaraz (2007) também serviram de guia para a preparação das coletas.

1.4 Descrição dos dados

Nessa seção apresentarei os dados coletados que exemplificam os usos do morfema {-pa}. O morfema {-pa} e seu alofone nasal [-mba] são tratados na literatura como morfema aspectual que denota a ideia de completude (Liuzzi & Kirtchuk, 1989; Tonhauser, 2006; Guasch & Ortiz, 1993, para o Guarani Paraguaio; Thomas, 2007 para o dialeto Mbyá;)³.

Os dados apresentados a seguir mostram que o morfema {-pa} modifica adjetivos e verbos que denotam eventos⁴. Dentro da categoria dos verbos, apresenta-se também a categoria de verbos causativos deadjetivais, verbos do Guarani Paraguaio que se formados de um morfema causativo e uma raiz adjetival.

Como se poderá observar, o morfema {-pa} modifica apenas alguns tipos de adjetivos quando este predica sobre um indivíduo, dando a ideia de afetação total do sujeito em relação à propriedade denotada pelo adjetivo. No entanto, {-pa} pode modificar todos eles quando há sujeito plural, em uma sentença em que as condições de verdade exigem que todos os indivíduos de um determinado grupo sejam afetados pela propriedade em questão. Em relação aos verbos, temos dois tipos de construção sintática: verbos transitivos e verbos intransitivos. Com relação aos verbos intransitivos, {-pa} modifica apenas aqueles que denotam sujeito plural. Já em relação aos verbos transitivos, {-pa} modifica todos os que denotam objeto plural. Para modificar verbos transitivos com objeto singular, é necessário que haja uma relação de incrementalidade entre verbo e objeto, ou seja, um mapeamento do evento denotado em relação às partes do objeto. Os verbos causativos deadjetivais seguem o mesmo padrão de comportamento dos verbos transitivos.

³ Essas abordagens serão apresentadas na seção seguinte.

⁴ Essa língua apresenta um padrão de conjugação verbal ativo-inativo. A conjugação ativa denota um evento, e a conjugação inativa denota um estado. As formas estativas analisadas aqui são apenas aquelas que têm por complemento um adjetivo.

1.4.1 *-pa* em predicados estativos formados de adjetivos

Nesta parte do trabalho, apresentarei em detalhes os usos de {-pa} com adjetivos. Nesse tipo de contexto sintático, observa-se que {-pa} pode se combinar com alguns adjetivos dando ideia de completude, mas não com outros, como mostram os exemplos a seguir:

Adjetivo: henihë ‘cheio’

(5) a. Pe vaso tenyhë
este copo cheio
‘Este copo está cheio’

b. Pe vaso tenyhë-mba.
este copo cheio-PA
‘Este copo está completamente cheio’

Como se pode observar no exemplo acima, há alguns adjetivos que aceitam a modificação por {-pa}. Já no dado abaixo, percebemos que {-pa} não pode modificar alguns adjetivos.

Adjetivo: karape ‘baixo’

(6) a. Juan i-karape
Juan 3-baixo
‘Juan é baixo’

b. *Juan i-karape-pa
Juan 3-baixo-PA
‘Juan é completamente baixo’

No entanto, os adjetivos que não aceitam {-pa} como em estruturas como (6), aceitam a modificação de {-pa} ou por seu alofone nasal [-mba], se possuem um sujeito plural. Nesses

contextos, a sua interpretação é de que todos os indivíduos denotados pelo sujeito são afetados pela propriedade do adjetivo:

- (7) a. Mitã-guéra i-porã-mba
criança-pl 3-bonito-PA
'Todos são bonitos'

Contexto: uma mãe olha para seus três filhos e quer dizer à amiga que os acha todos bonitos.

Como mostra o dado acima, se há um grupo de indivíduos definidos presentes em um determinado contexto e a intenção é dizer que todos possuem a propriedade denotada pelo adjetivo, então a modificação por {-pa} é possível.

1.4.2 {-pa} em predicados não-estativos

Em relação aos verbos agentivos, o comportamento do morfema {-pa} é parecido com o comportamento desse morfema em relação a adjetivos, podendo este morfema modificar alguns verbos e não outros. No exemplo abaixo, vemos um caso em que a modificação de {-pa} é possível.

- (8) a. Juan o-hasa-Ø (1a) puente
Juan 3S-atravesar-NFut ART ponte
'Juan atravessou a ponte'
- b. Juan o-hasa-pa-Ø (1a) puente
Juan 3S-atravesar-PA-NFut ART ponte
'Juan atravessou a ponte toda'

No exemplo acima, a modificação de {-pa} em relação verbo *hasa* 'atravessar' dá ao evento uma leitura de completude. Em (8a), a ponte pode não ter sido totalmente atravessada, enquanto em (8b), necessariamente temos um evento em que Juan chegou ao final da ponte. Isso

pode ser exemplificado através de (9), em que se modifica o verbo com o modificador emprestado do castelhano, *a la mitad* ‘pela metade’:

- (9) a. Juan o-hasa-Ø (la) puente a la mitad
 Juan 3S-atravesar-NFut ART ponte pela metade
 ‘Juan atravessou a ponte pela metade’

Contexto: Juan foi até metade da ponte e parou. Não chegou a atravessá-la toda.

- b. *Juan o-hasa-pa-Ø (la) puente a la mitad
 Juan 3S-atravesar-PA-NFut ART ponte pela metade
 ‘Juan atravessou toda a ponte pela metade’

No exemplo acima, vemos que a modificação por {-pa} não é possível, já que o modificador ‘pela metade’ anula a completude do evento. É importante notar que verbos que seguem esse mesmo padrão apresentam esse comportamento nas estruturas transitivas em que foram testadas.

Há outros verbos que aceitam a modificação por {-pa} apenas em alguns contextos sintáticos. O verbo *guata* ‘caminhar’ não aceita a modificação por {-pa}, que torna a sentença agramatical:

- (10) a. Juan o-guata-Ø.
 Juan 3S-caminhar-NFut
 ‘Juan caminhou’
- b. .*Juan o-guata-pa-Ø
 Juan 3S-caminhar-PA-NFut
 ‘Juan caminhou completamente’

No exemplo acima, temos demonstrada a agramaticalidade de {-pa} com este verbo, no entanto há dois casos que esse verbo pode ocorrer com {-pa}. O primeiro é se o sujeito é

plural, em que a modificação de {-pa} indica que todos os sujeitos de um determinado contexto, sem exceção, praticaram um determinada ação.

- (11) Mitã-guéra o-guata-pa-Ø
criança-pl. 3S-caminhar-PA-NFut
'Todas as crianças caminharam'

Contexto: Havia 5 crianças na sala, todas caminharam até a cozinha. OK

Contexto: Havia 5 crianças na sala, apenas 3 caminharam até a cozinha. Ruim

Caso não houvesse a presença do morfema {-pa} na sentença acima, não haveria necessidade de haver um número específico de crianças que caminharam, sendo possível que apenas algumas de um contexto tenham caminhado, como no exemplo a seguir:

- (12) Mitã-guéra o-guata-Ø
criança-pl. 3S-caminhar-NFut
'As crianças caminharam'

Contexto: Havia 5 crianças na sala, apenas 3 caminharam até a cozinha.OK

Ainda, quando há pressuposição de uma duração delimitada do evento associado a esses verbos, dada contextualmente, a modificação por {-pa} também se torna possível.

- (13) Juan o-guata-pa-Ø
Juan 3S-caminhar-PA-NFut
'Juan terminou de caminhar'

Contexto: Juan caminha todas as manhãs por 1 hora. Ele acabou de chegar em casa da sua caminhada. OK

Contexto: Juan caminha 3Km todas as manhãs. Ele acabou de chegar em casa da sua caminhada. OK

Há ainda um outro tipo de verbo que não aceita a modificação de {-pa} quando há a pressuposição de uma duração estabelecida contextualmente, como no caso dos exemplos acima. Isso ocorre porque esses verbos denotam eventos pontuais, sem duração.

- (14) #Juan o-gueru-pa-Ø (1a) jety.⁵
 Juan 3S-trazer-PA-NFut ART batata
 ‘Juan trouxe a batata’

Contexto: João normalmente leva 15 minutos para trazer a batata do mercado até aqui. Ele acabou de chegar em casa com a batata. Ruim.

No exemplo acima, vemos que o verbo *gueru* ‘trazer’ não aceita a modificação de {-pa} quando o objeto denota apenas um indivíduo, mesmo quando se procura criar uma duração para o evento. Isso ocorre porque este verbo parece não denotar eventos com duração.

Verbos desse tipo apenas aceitam a partícula {-pa} quando a construção tem objeto plural. Em (15a) temos a sentença sem a modificação e em (15b) com a modificação de {-pa} e a sua leitura em dois contextos diferentes:

CONTEXTO: Havia 50 batatas em um cesto. Eu pedi ao João que trouxesse as batatas para um outro cesto e ele o fez.

- (15) a. Juan o-gueru-Ø umi jety.
 Juan 3S-trazer-NFut DEM.pl batata
 ‘Juan trouxe as batatas’
- b. Juan o-gueru-pa-Ø umi jety.
 Juan 3S-trazer-PA-NFut DEM.pl batatas
 ‘Juan trouxe as batatas completamente’

Contexto: Juan trouxe apenas 40 batatas. Ruim

Contexto: Juan trouxe todas as batatas. OK

⁵ O sinal # marca a impossibilidade de uso da sentença em relação a um contexto específico.

Porém, como se observa no exemplo acima, quando o objeto é plural, {-pa} parece modificar esse argumento interno plural de maneira semelhante a um quantificador universal e a sentença é boa apenas no contexto em que todas as batatas foram trazidas por João.

Outro tipo de verbo que {-pa} pode modificar são os verbos causativos deadjetivais. A partícula causativa é um verbalizador muito produtivo na língua, formando verbos, principalmente, a partir de adjetivos. Verbos causativos no GP são formados da partícula {-mb-}, {-mo-} ou {-mon-} e uma raiz, normalmente adjetival, e são todos transitivos. Esses verbos deadjetivais são os que serão os tratados aqui. Alguns desses verbos não aceitam a modificação por {-pa}, como o verbo *moporã* ‘embelezar’, exemplificado abaixo:

- | | | | | |
|------|---|------------------------|------|---------|
| (16) | a. Maria | o-mo-porã-Ø | (1a) | i-memby |
| | Maria | 3S-CAUS-bonito-NFut | ART | 3-filho |
| | ‘Maria embelezou o filho’ | | | |
| | b. *Maria | o-mo-porã-pa-Ø | (1a) | i-memby |
| | Maria | 3S-CAUS-bonito-PA-NFut | ART | 3-filho |
| | ‘Maria embelezou o filho completamente’ | | | |

Como vemos no exemplo acima, a modificação de {-pa} não é possível neste caso. No entanto, como nos outros casos, se houver um objeto plural, ela se torna possível.

Há também verbos deadjetivais que aceitam a modificação por {-pa}, como verbo *mongya* ‘sujar’:

- | | | | | |
|------|------------------------------------|----------------------|------|---------|
| (17) | a. Juan | o-mon-gy’a-Ø | (1a) | ij-ao |
| | Juan | 3S-CAUS-sujo-NFut | ART | 3-roupa |
| | ‘Juan sujou a roupa’ | | | |
| | b. Juan | o-mon-gy’a-pa-Ø | (1a) | ij-ao |
| | Juan | 3S-CAUS-sujo-PA-NFut | ART | 3-roupa |
| | ‘Juan sujou a roupa completamente’ | | | |

Contexto: Há um monte de roupas e Juan sujou todas as peças desse monte de roupas. OK

Contexto: Há uma peça de roupa em cima da cadeira e Juan sujou todas as partes dessa peça de roupas. OK

Como vemos no exemplo acima, {-pa} pode modificar esses verbos, dando a ideia de que todo um monte de roupas foi sujado, ou que apenas uma peça foi sujada em todas as suas partes. Esses verbos serão analisados no terceiro capítulo, procurando estabelecer uma relação entre os adjetivos formadores desses verbos e o comportamento da partícula {-pa}.

1.5 Problema de pesquisa e hipótese

A partir dos dados apresentados aqui, apresenta-se o meu problema de pesquisa: por que {-pa} pode modificar apenas alguns itens lexicais em contextos sintáticos específicos? O que condiciona seu funcionamento? A hipótese de que lançarei mão neste trabalho é de {-pa} modifica escalas incrementais, atribuindo a elas um grau máximo. No entanto, mostrarei que {-pa} não modifica a escala de intensidade dada pela propriedade do adjetivo, mas apenas a escala de quantidade dada pelo indivíduo ao qual se aplica a predicação. Para tentar justificar essa análise, mostrarei que escalas são dadas a verbos transitivos pelo objeto direto, em relação a sua extensão ou a sua quantidade. Dentro da perspectiva que adoto aqui, telicidade será a atribuição de um grau máximo a uma escala de tema incremental, operação realizada por {-pa}.

Para propor uma estrutura para as sentenças em que adjetivos são modificados por {-pa}, proporei duas instâncias de modificação de grau, um para a propriedade do adjetivo e outra para a “quantidade” do indivíduo ao qual se aplica determinada propriedade. Essa análise está explicitada no capítulo 2.

Em relação aos verbos deadjetivais, mostrarei que a escala que {-pa} modifica é a escala de quantidade e não a da propriedade do adjetivo. No terceiro capítulo proporei que a telicidade dos verbos deadjetivais é atribuída de duas maneiras diferentes, uma através da quantificação sobre a escala de propriedade do adjetivo formador do verbo e outra através da quantificação do seu tema incremental, quando houver, sendo que {-pa} atua apenas sobre esta última.

Assim, neste trabalho serão discutidos não apenas aspectos da semântica de {-pa}, mas também questões teóricas em relação a escalas e telicidade no domínio adjetival e no domínio verbal.

1.6 A partícula *-pa* na literatura: a ideia de completude

1.6.1 *-pa* na literatura

Nesta seção serão apresentadas as análises para o morfema {-pa} presentes na literatura (Guasch & Ortiz, 1993; Liuzzi & Kirtchuk, 1989; Tonhauser, 2006). O objetivo é confrontar essas análises com a proposta deste trabalho, mostrando as vantagens desta sobre aquelas. Além disso, tendo em vista todas essas descrições e análises do morfema {-pa}, pretende-se chegar a uma proposta que dê conta das características descritas por todos esses autores.

Guasch & Ortiz (1993) trazem em seu dicionário várias entradas para a partícula, que cobrem desde a ocorrência de {-pa} como partícula interrogativa, até a ocorrência de {-pa} como verbo. As entradas que tratam de {-pa} dentro das ocorrências sintáticas que nos propomos a analisar nesse trabalho podem ser resumidas da seguinte maneira:

- i) sufixo verbal com sentido completude: *akaru-pá-ma*⁶ ‘já terminei de comer’;
- ii) como o quantificador ‘todos’ ;
- iii) verbo intransitivo: *o-pa* ‘terminar’;
- iv) intensificador: *morotí-mba* ‘branquíssimo’;
- v) esgotamento e carência: *che y-pa* ‘minha água acabou’.

Como se pode observar pelos exemplos, essas entradas indicam que apesar de poder ser usada em diversos contextos, deve ser possível estabelecer uma generalização sobre seu significado, uma vez que a ideia de completude está presente em todas as ocorrências.

Liuzzi & Kirtchuk (1989) descrevem o morfema {-pa} como um morfema gramatical que indica a terminação de um processo com caráter pontual, como um limite de um processo. Para os autores, a partícula conserva as propriedades do verbo *opa* ‘terminar’.

⁶ {-ma} é o sufixo que indica o tempo perfeito no Guaraní Paraguaio.

- (18) a-há-há-pe ñemo'ã ku nda-a-há-pa-i-va
 1S-ir-sit-em parecer deit.in NEG-1SG-ir-PA-NEG-VA⁷
 'Aonde vou, parece que não chego completamente' [Liuzzi & Kirtchuck, 1989]

No exemplo acima, a negação do verbo 'chegar' modificado pelo morfema {-pa} é interpretada como a negação da culminação do evento pelos autores. Isso indicaria que {-pa} denota justamente a culminação do evento. No entanto, a sentença, que aparece fora de um contexto, foi coletada de textos escritos, o que pode indicar que a glosa talvez não capture o significado correto da sentença, uma vez que esse dado é agramatical para os meus informantes.

Os autores também apresentam um dado que indica o uso da partícula em contexto de quantificação nominal, embora na glosa a tradução esteja como "terminar".

- (19) o-ñani-mba o-pa o-i-va
 3S-correr-PA 3S-terminar 3S-estar-que
 'Correram todos os presentes' [idem]

Apesar de {-pa} aparecer nesse dado duas vezes, uma ligada ao verbo e a outra como um possível quantificador universal, essa distinção não é comentada pelos autores. Esses, se limitam a dizer que o morfema gramatical {-pa} se lexicaliza na forma de *opa*, com o sentido de 'terminar', 'todos' ou 'completamente'. Essa descrição revela que o estatuto sintático-semântico dessa partícula merece um estudo mais aprofundado, já que nessa sentença apresenta-se tanto com significados diferentes e quanto em contextos sintáticos distintos. O quantificador 'todos', o verbo 'terminar' e o advérbio 'completamente', traduções apresentadas pelos autores para {-pa}, possuem comportamento sintático e semântico distinto. Se {-pa} funciona como esses itens lexicais, é preciso captar alguma generalidade entre eles que justifique esta análise.

Tonhauser (2006) também aponta para essas duas ocorrências da partícula {-pa}. No entanto, para a autora, {-pa} não funciona como um quantificador universal, mas apenas como um marcador verbal de completude ou afetação (Tonhauser, 2006, p:156). O uso dessa partícula em contextos como (19), em que {-pa} se liga ao verbo é explicado da seguinte maneira: a partícula elucida a interpretação de uma "constelação de participantes verbais", ou seja, um

⁷ A negação no Guaraní Paraguaio é circunfixal, tendo a forma 'nd-predicado-i'

conjunto de indivíduos que participam do evento. Nesse caso, {-pa} faz uma asserção sobre a total afetetação dos participantes que são tema/paciente do evento.

Em relação ao uso de {-pa} como marca aspectual de completude, a autora aponta que {-pa} é compatível tanto com verbos télicos quanto com verbos atélicos. Quando usado com verbos télicos, dá a ideia de completude:

- (20) O-ky-pa
3S-chover-PA
'Parou de chover' [Tonhauser, 2006]

Quando a partícula é usada verbos télicos, expressa a ideia de que o evento se completou, havendo total afetação do objeto em relação ao término do evento, o que é descrito pela literatura como incrementabilidade:

- (21) Kyju kiri-kiri ho'u-pa avei upe hogue, ha oi-ke i-kuára pe,
grilo 3S-comer-PA também essa folha e 3S-entrar REL-caverna em
'O grilo também terminou de comer essa folha e entrou na caverna' [idem]

Nesse exemplo, observa-se a relação entre o término do evento de comer e a consumição da folha, denotados por {-pa}. Como se poderá observar na descrição dos dados coletados feita na seção seguinte deste capítulo, dados como (20) são considerados agramaticais, já que {-pa} não pode ser usado com verbos atélicos, a menos que haja alguma duração pressuposta. Como o dado (20), conforme indica a autora, foi apenas ouvido e não coletado por elicitación, podemos deduzir que ao emitir essa sentença, o falante estivesse pressupondo uma duração específica da chuva. Por exemplo, se o falante sabe que a chuva da tarde costuma durar 40 minutos, ao dizer a sentença (20), o falante estaria expressando que o fim da duração específica daquela chuva, pois 'chover', em si mesmo, é um verbo não tem um ponto final determinado de acordo com a classificação aspectual lexical vendleriana (Vendler, 1967; Dowty, 1979; Rothstein, 2004, entre outros).

A partir das análises aqui apresentadas percebemos que {-pa} tem um forte valor de completude. Isso poderia sugerir que {-pa} é uma marca aspectual de perfectivo. Na seção

seguinte do trabalho discutirei a teoria de Klein (1994) sobre o perfectivo, com o objetivo de mostrar como {-pa} não pode ser um morfema de aspecto perfectivo.

1.6.2 A teoria aspectual de Klein

Para mostrar que {-pa} não é perfectivo, é preciso antes explicitar o que se entende por aspecto perfectivo. Nessa seção do texto apresentarei a perspectiva teórica de Klein (1994; 2000) sobre o aspecto gramatical. Dentro dessa apresentação, serão abordadas as vantagens dessa perspectiva sobre as demais (Comrie, 1976; Smith, 1991). Para tanto, apresentarei a análise de Klein (2000) para a partícula perfectiva {-le} do Mandarim-chinês, que capta generalidades que escapam às outras análises⁸.

A apresentação e discussão desse artigo em particular se justificam pelo fato de o Guarani, assim como o Mandarim, possuir uma marca gramaticalizada de completude, comumente chamada de partícula ou marcador. Após a apresentação dessa análise, demonstrarei como {-pa} não pode ser considerado aspecto perfectivo baseando-me em dois principais argumentos: i) {-pa} pode ser usado com alguns predicados estativos formados de adjetivos e ii) ao invés de indicar término quando usado com verbos de atividade (1-state), {-pa} apresenta uma restrição lexical em relação a essa classe. Uma restrição lexical em relação a alguns tipos de verbo, além do uso desse morfema com alguns adjetivos, não está prevista para o funcionamento de uma partícula de aspecto perfectivo.

Klein (2000) apresenta em seu artigo a partícula {-le} do Mandarim, que é normalmente considerada como marcador perfectivo, pois apresenta uma situação na sua completude, sendo o evento limitado no seu início e fim. Li & Thompson (1981, apud Klein, 2000) demonstram que o significado de {-le} depende do verbo com o qual ocorre: com verbos télicos, possui o significado de completude e com verbos atélicos, possui o significado de término de uma ação ao invés da completude.

(22) Qi-chi zhuang-dao-le fangzi

⁸ Klein (2000) apresenta uma análise das partículas {-le}, {-guo}, {-zai} e {-zhe}. {-guo} que correspondem ao perfeito na língua, enquanto {-zai} e {-zhe} correspondem ao imperfectivo. Como o objetivo aqui é mostrar que {-pa} não corresponde ao marcador de aspecto perfectivo do Guarani Paraguaio, procurarei apenas tratar da marca de perfectivo {-le} do Mandarim, comparando-o com {-pa}.

carro bater-quebrar-LE casa
'O carro derrubou a casa'

[Klein, 2000]

(23) Xiao yazi you-le yong
patinho nadar-LE crawl
'O patinho nadou'

[idem]

No exemplo (22), com a construção resultativa “bater-quebrar”, {-le} possui o significado de completude, ou seja, o evento chegou a um ponto final em que a ação de ‘derrubar’ a casa está completa, tendo como estado resultante, a casa derrubada. Já em (23), {-le} indica que o evento terminou em algum ponto indefinido do tempo e não que chegou ao seu final inerente, como no caso de (22). Nessa leitura, houve uma interrupção da ação de nadar.

Antes de apresentar sua análise para essa partícula, Klein discute os problemas das noções clássicas de aspecto, especialmente aquela formulada por Comrie (1976). Em seu livro, Klein (1994) já aponta algumas críticas em relação a essas noções, considerando-as extremamente metafóricas e vagas.

Segundo Klein (1994), as definições sobre tempo e aspecto na literatura não são claras e consistentes, mas há um certo consenso que aponta para as seguintes definições: i) *tempo* é a flexão verbal que localiza uma situação temporalmente em relação ao momento de fala; ii) *aspecto* é organização temporal interna de uma situação, que pode ser perfectiva ou imperfectiva, representando as fronteiras de uma situação.

O autor deixa de lado classificações como ‘habitual’, ‘contínuo’, ‘progressivo’ e ‘não-progressivo’, para examinar apenas as noções entre a oposição ‘perfectividade’ (a situação é vista como completa ou “de fora”) x ‘imperfectividade’ (a situação é vista como incompleta ou “de dentro”). As noções usadas na literatura (Comrie, 1976) para distinguir esses dois tipos de aspecto as noções de “ponto de vista”, “completude” e “metáforas de espaço”.

A noção de “ponto de vista” é na visão de Klein difícil de ser compreendida, já que aspecto, em contraste a tempo, não é uma categoria dêitica e por isso não é sensível à posição do falante ou do ouvinte. Portanto, essa metáfora não expressa satisfatoriamente as relações aspectuais que Klein pretende explicar.

A noção de “completude” também falha por dois motivos: i) as relações de completude são dependentes de relações temporais, mas não se especifica exatamente como; ii) completude foca-se muito no “ponto final” de uma ação, mas línguas como russo mostram que mesmo verbos que possuem morfologia prefixal para indicar que um ponto final foi atingido variam em relação ao aspecto, provando que “ponto final” e “completude” são diferentes.

A metáfora espacial, por sua vez, é criticada como uma maneira de explicar o aspecto porque também apela para a noção de ponto de vista, apresentada acima. Dizer que uma sentença tem aspecto perfectivo, pois a situação é “vista de fora” é vago, já que uma situação possui fronteiras temporais, e não um lado de fora ou de dentro, como uma casa. Além disso, a constituição temporal interna de uma eventualidade (se ela é um estado, processo ou um evento) não é levada em consideração nesse tipo de análise, já que estados são caracterizados justamente por não possuírem fronteiras temporais. Por isso, é difícil saber quais limites temporais esse “de fora” mede. Assim, as fronteiras entre a constituição interna do tempo dada pelo léxico e os limites temporais dados pela morfologia de aspecto se confundem e não se pode saber exatamente como eles interagem.

Esses problemas podem ser observados mais concretamente na análise do Mandarim, quando o autor discute as análises já feitas para a partícula {-le}, que afirmam que {-le} marca o limite final (*boundary*) de um evento ou a totalidade de um evento (Li & Thompson, 1981, apud Klein, 2000). Segundo Klein, isso prevê erroneamente que {-le} seria redundante em verbos que já possuem o ponto final marcado no léxico, ou seja, sentenças como abaixo seriam funcionalmente equivalentes, o que é falso, já que quando {-le} deve ser obrigatoriamente usado em sentenças como (24):

- (24) a. *Zhangsan si.
Zhangsan morrer
'Zhangsan morreu'
- b. Zhangsan si-LE
Zhangsan morrer-LE
'Zhangsan morreu'

Klein (2000) também discute a proposta formal de Smith (1991) para o Mandarim, apontando suas vantagens e limitações. A vantagem da proposta de Smith reside no fato de a autora apresentar uma distinção entre aspecto lexical, chamado pela autora de “tipo de situação” e aspecto gramatical, ou, aspecto de “ponto de vista”. O aspecto é responsável por tornar visível a totalidade de uma situação ou parte dela, sem obscurecer as propriedades conceituais dadas pelo léxico, que determina o tipo de situação.

Para Smith (1991) as classes atividade e accomplishment se organizam da seguinte maneira: a primeira possui um ponto final arbitrário (‘nadar’) e a segunda possui um ponto final natural (‘derrubar uma casa’). O intervalo de tempo dado pelo ponto inicial e o ponto final de uma ação, seja ele arbitrário ou natural, se relaciona com o intervalo particular que denota o ponto de vista a ação, que é o aspecto gramatical. Dessa maneira, o intervalo de tempo dado pelo ponto de vista da ação pode estar contido dentro do intervalo da situação, resultando no aspecto imperfectivo, ou pode estar sobre o ponto final da ação, resultando no aspecto perfectivo.

Apesar de possuir a vantagem de diferenciar dois tipos de instâncias linguísticas que contêm informações aspectuais, evitando um dos problemas que Klein aponta nas análises clássicas de aspecto, o autor propõe que a maneira como esses dois tipos de intervalos temporais se relacionam precisa ser mais bem explicada, já que a metáfora espacial “aspecto de fora” e “aspecto de dentro” são insuficientes para o autor, além de confusas. Nesse sentido, a proposta apresentada do autor visa esclarecer melhor essa questão, já que explica a maneira como os dois tipos de intervalos de tempo se relacionam, mostrando o papel de cada uma na composição aspectual.

Klein (1994) apresenta *tempo e espaço* como categorias básicas da nossa experiência e cognição, das quais dependem a comunicação e as ações coletivas na sociedade. Sobre espaço, cada falante é livre para expressar ou não informações espaciais através da linguagem. No entanto, em relação ao tempo, o falante obrigatoriamente expressa conteúdo, já que o verbo contém informações temporais como tempo e/ou aspecto. Segundo o autor, as línguas naturais possuem três maneiras de expressar relações temporais: o tempo verbal (tense), o aspecto e também tipos lexicais de verbos que possuem características temporais inerentes (Aktionsart).

Dentro das definições de aspecto, para o autor, fica implícita a idéia de finitude, que é a *asserção* de um falante sobre uma situação. Então, uma enunciação possui um componente *finito* e outro *infinito*. Observe-se (25):

(25) A luz estava acesa.

Em (25), o conteúdo “a luz estar acesa” expressa o que Klein chama de componente “infinito” de uma situação, já que não contém informações temporais sobre os limites dessa situação, apenas as informações dadas pelo léxico. O componente finito que é dado pela asserção do falante sobre uma determinada situação, expressa-se através de, por exemplo, expressões adverbiais como “por duas horas” – chamadas pelo autor de *tempo de tópico*. Da relação entre o componente infinito e componente finito, dá-se o aspecto. O tempo verbal, por sua vez, restringe a asserção sobre a situação a um tempo particular em relação ao momento de enunciação da sentença.

A partir das noções de finitude e infinitude, Klein constrói sua proposta para tratar da expressão do tempo e do aspecto nas línguas naturais. A proposta do autor é estabelecer a relação entre finitude, tempo e aspecto, já que tanto tempo e aspecto podem ser definidos em termos de relações temporais.

Ainda partindo do exemplo dado em (25) e da noção de finitude e infinitude, Klein apresenta os conceitos que sustentam sua teoria sobre as relações temporais.

O componente infinito de uma situação é chamado pelo autor de *tempo de situação* (TSit). TSit corresponde à duração inerente de uma determinada ação, como por exemplo, ‘a luz estar acesa’. O componente finito da enunciação é chamado *tempo de tópico* (TT), que pode ser entendido como o tempo transcorrido dentro do qual a asserção do falante está confinada (Klein, 1994, p: 4), ou, em outras palavras, o tempo sobre o qual se fala. Há também o *tempo de enunciação* (em inglês, *time of utterance*, TU⁹), que é o momento em que uma asserção é feita, tradicionalmente conhecido na literatura como *momento de fala* (Reichenbach, 1947; Ilari, 1998).

Para explicar como TT opera, Klein apresenta uma questão:

(26) O que você notou quando você olhou para dentro do quarto?

⁹ Por questões de simplificação e entendimento, mantereí aqui as mesmas siglas usadas pelo autor, que correspondem aos termos em inglês. TT = Topic time / TSit = Situation time / TU = Utterance time.

Essa questão feita a uma testemunha num julgamento fixa um determinado tempo de tópico a que a situação dada pelo falante se confina. A essa pergunta podem ser dadas várias respostas como (27) e (28):

(27) O livro estava sobre a mesa.

(28) Ele era em Russo.

A sentença (27) não diz que o livro estava sobre a mesa apenas dentro do TT dado por (26), ‘quando você olhou para dentro do quarto’, mas nada sobre os estados anteriores ou posteriores está claro na sentença. No entanto, não se assume que o livro esteve lá para sempre, já que “estar sobre a mesa” é uma *propriedade temporária*. Já (28) apresenta uma *propriedade permanente*, pois não se assume que o livro vai deixar de ser em russo antes ou depois de TT. Logo, quando a enunciação é feita (TU), pode-se concluir que a situação “o livro ser em russo” ainda é verdadeira. No entanto, a asserção do falante sobre essa situação está confinada a um TT que precede TU. Daí a utilização do tempo verbal pretérito. Isso não expressa uma relação do tempo verbal (‘estava’) em relação ao presente (‘está’) ou ao futuro (‘estará’), mas em relação à negação dessa asserção (‘não estava’). Assim a relação expressa aqui não se refere à ligação da situação ao TU, mas à asserção feita pelo falante sobre um determinado TT.

Da relação entre TT com TU, obtém-se o tempo verbal. Em (27) e (28), TT é um intervalo de tempo que precede TU, por isso a sentença está no pretérito. Quando TU está incluído em TT, temos o tempo verbal presente, como em (29):

(29) Dois mais dois é igual a quatro.

Por outro lado, o tempo verbal (*tense*) não se expressa da relação de TU com TSit, pois não importa para o tempo verbal se uma situação é um processo, um evento ou um estado ou se ela dura além de TU. O exemplo (28) mostra isso claramente, já que apesar de o livro permanecer em russo, o tempo sobre o qual o falante fez a asserção precede TU, indicando o tempo verbal pretérito.

Já da relação entre TT e TSit, obtém-se o aspecto – que é a relação de um TT estar contida ou não em um TSit. Essas relações também evocam aquilo que o autor chama de conteúdo lexical, que são três tipos de “descrições de situação”: situações de 0 estados (*0-state*), situações de 1 estado (*1-state*) e situações de 2 estados (*2-state*).

Predicados *0-state* são aqueles em as informações lexicais não apresentam limites temporais nem à esquerda e nem à direita, já que seu significado é verdadeiro em qualquer tempo possível. Esses predicados são aqueles que Carlson (1977) classifica como predicados “individual level”, ou seja, estados atemporais, que não se alteram como ‘ser alto’, ‘ter olhos azuis’ ou ‘estar em russo’.

Predicados *1-state* são aqueles que duram em um determinado intervalo de tempo, sendo temporalmente limitados, embora nada em seu conteúdo lexical explicita quais são esses limites. Em relação à análise clássica do aspecto lexical, predicados *1-state* abarcam duas classes: i) predicados estativos “stage level”, como ‘estar feliz’, ‘estar em cima de mesa’, ‘estar morto’ e ii) predicados classificados como “atividade”, que denotam ações que duram por um determinado tempo, não possuindo um ponto final inerente, como ‘correr’, ‘dormir’ e ‘nadar’.

Por fim, predicados *2-state* são aqueles que possuem dois estados diferentes, um estado inicial (*Source State - SS*) e um estado alvo (*Target State - TS*). Por exemplo, em ‘João chegou’, existe um estado inicial em que ‘João não está aqui’ e um estado alvo em que ‘João está aqui’. Essas duas fases subsequentes formam um evento. Predicados *2-state* também abarcam duas categorias da análise clássica do aspecto lexical: achievements, que não possuem duração interna, e accomplishments, que possuem duração. No entanto, para o autor essa distinção não se dá em termos lexicais, mas ontológicos. Construções causativas, construções resultativas e construções com “paths” ou tema incremental também integram essa classe.

Apresentadas as definições, observemos a maneira como TT se liga aos tipos de situação na asserção. Há três formas em que isso pode ocorrer:

- i) TT totalmente incluído em TSit (TT incl TSit) - imperfectivo
- ii) TT parcialmente incluído em TSit e antes ou depois (TT at TSit) - perfectivo
- iii) TT excluído de TSit (TT ex TSit) - perfeito

Quando o TT está incluído em TSit, temos o aspecto imperfectivo. Quando o TT está parcialmente incluído, se sobrepondo a TSit e avançando para uma região próxima ao começo (pretime, quando Distinguished Phase é Target State) ou ao final (posttime, quando Distinguished Phase é Source State) de TSit, temos o aspecto perfectivo. Quando TT está depois de TSit, temos aspecto perfeito.

Cada uma dessas formas se relaciona de uma maneira diferente em relação ao conteúdo lexical denotado pelo verbo. Em relação aos predicados *0-state*, TSit se estende por todo o tempo, então, não há maneiras de se excluir TT. Logo, TT só pode estar incluído em TSit. Isso acarreta que nenhuma diferenciação aspectual poderá ser feita em relação a esses predicados, o que justifica a estranheza na leitura das sentenças a seguir:

(30) *Imperfectivo*

a. ??Dois mais dois está sendo igual a dois.

Perfeito

b. ??O livro tinha sido em Russo.

Perfectivo

c. ??João teve olhos azuis.

Nos exemplos acima, vemos que a marcas aspectuais geram sentenças esquisitas. Isso ocorre porque predicados *0-state* não permitem que se marque um TT sobre elas, uma vez que todo TT estará incluído em TSit.

Para analisar predicados *1-state* e *2-state*, precisa-se ainda postular a qual estado o TT se liga numa determinada língua, que pode ser, no caso dos predicados *2-state*, o estado inicial (SS) ou estado alvo (TS). A noção de “*Distinguished Phase*” (DP) captura exatamente essa distinção. No Inglês, a DP é o estado inicial (SS: -----). No Mandarim, a DP é o estado alvo (TS: ++++++). A DP deve ser tratada como o estado ao qual se liga o TT nos casos de predicados *2-state* e como o único estado nos casos de predicados *1-state*.

Como a DP do Inglês é o estado inicial, ele é o único estado para predicados *1-state*, e o estado com o qual o TT relaciona em predicados *2-state*. As distinções no Inglês se dão da seguinte forma:

- (31) T-DP = -----
 Imperfectivo: TT incl T-DP
 Perfectivo: TT ovl T-DP e posttime de T-DP
 Perfeito: TT depois de T-DP

Com um predicado 1-state, como ‘John run’, temos as seguintes possibilidades aspectuais:

- TT = When I saw him
 ‘Quando eu o vi’
- (32) a. John was running. ----[-----]----
 ‘John estava correndo’
- b. John ran. -----[----]
 ‘John correu’
- c. John had run. ----- []
 ‘John tinha corrido’¹⁰

Em (32a), TT está incluído em T-DP, o que resulta em aspecto imperfectivo. Em (32b), TT está parcialmente incluído no estado inicial e parcialmente incluído no estado que sucede T-DP, ou seja, marca a interrupção da ação, correspondendo ao perfectivo. Finalmente, em (32c), TT está depois de T-DP, o que equivale ao perfeito na língua.

Já quando temos um predicado 2-state como ‘John open the window’, podemos ter as seguintes ocorrências:

- TT = When I saw him
 ‘Quando eu o vi’
- (33) a. John was closing the window. ----[-----]+++++++
 ‘John estava fechando a janela’

¹⁰ Para os exemplos em Inglês apresentarei uma tradução correspondente, mas dispensarei o uso de glosas, por entender que os leitores provavelmente estão familiarizados com a estrutura da língua. Para todas as traduções, não atesto que as palavras ou estruturas correspondentes do Inglês no Português Brasileiro possuem as mesmas propriedades gramaticais nesse idioma.

- b. John closed the window. -----[-----+++++]++++
 ‘John fechou a janela’
- c. John had closed the window. -----+++[[+++]]++
 ‘John tinha fechado a janela’

As análises para os exemplos acima equivalem às do predicado 1-state. Em (33a), temos o aspecto imperfectivo, já que TT está incluso no estado inicial (‘window not closed’). Em (33b), temos o aspecto perfectivo, em que TT recai sobre parte do estado inicial e o seu posttime, o estado alvo, marcando a completude de um evento e o início de um estado resultante (‘window closed’). Já em (33c) temos a situação apresentada como acabada, já que TT está no estado alvo, que é o posttime de T-DP, que não é necessariamente o estado alvo, mas pode ser algum tempo em que o estado alvo não dure mais.

Como no Mandarim a DP é o estado alvo, temos diferentes interpretações. Primeiramente, observemos a descrição de {-le}, que equivale ao perfectivo:

- (34) T-DP = +++++
le: TT ovl pretime T-DP e T-DP

Disso, se explica algumas das análises dadas a {-le}, como por exemplo o seu “sabor incoativo” quando usado com predicados 1-state. Se o predicado possui apenas um estado, este estado é o estado alvo (T-DP). Como {-le} é perfectivo, TT recai sobre parte do estado que antecede o estado alvo e parte do estado alvo, marcando o início de um estado.

- (35) Ta pang-le [+++++++]+++++
 ela gordo-LE
 ‘Ela ficou gorda’

Em predicados 2-state, a asserção é feita sobre a parte do estado inicial, que é o pretime de T-DP, e o estado alvo, que é o T-DP. Assim tem-se a leitura de completude de (36):

- (36) Zhangsan xie-wan-le xin -----[-----+++++]

Zhangsan escrever-terminar-LE carta
'Zhangsan terminou de escrever a carta'

Dessa maneira, encerram-se as possibilidades de interpretação do aspecto perfectivo. Na seção seguinte, a análise de Klein será aplicada ao morfema {-pa}, mostrando que este não pode ser considerado perfectivo.

1.6.3 {-pa} não é perfectivo

Das possibilidades de análise colocadas na seção anterior do texto, fazemos previsões sobre como {-pa} deveria se comportar se fosse um marcador aspectual de perfectividade. Observa-se, no entanto, que o funcionamento de {-pa} não se encaixa nessas previsões.

Em relação à DP, o estado ao qual o TT se relaciona, o Guarani Paraguaio tanto pode ser uma língua que tem DP no estado inicial como no estado final. Se o Guarani Paraguaio for como o Inglês, e sua DP for o estado inicial, então:

{-pa}: TT ovl T-DP e posttime T-DP e T-DP = -----

- i) com predicados 1-state, {-pa} deve ter uma leitura de término/interrupção
- ii) com predicados 2-state, {-pa} deve ter uma leitura de completude/atingimento do télos

Mas, se o Guarani Paraguaio for como o Mandarim, e sua DP for o estado alvo, então:

{-pa}: TT ovl pretime T-DP e T-DP e T-DP = +++++

- i) com predicados 1-state, {-pa} deve ter uma leitura incoativa/início de um estado
- ii) com predicados 2-state, {-pa} deve ter uma leitura de completude/atingimento de um télos

O que se observa, no entanto, é que {-pa} pode se combinar apenas com alguns tipos de predicados 1-state: aqueles predicados estativos stage-level formados com alguns poucos

adjetivos. Com verbos atividade e com outros predicados estativos stage-level, {-pa} não pode ser utilizado.

Estado stage-level não modificado por {-pa}

- (37) *Pe hoga i-jaivy-pa
Este casa 3-barulhento-PA
'Esta casa está completamente barulhenta'

Estado stage-level modificado por {-pa}

- (38) Pe vaso tenyhë-mba
Este copo cheio-PA
'Este copo está completamente cheio'

Predicado 1-state de ação - verbo atividade

- (39) *Juan o-guata-pa
Juan 3S-caminhar-PA
'Juan caminhou completamente/ terminou de caminhar'

Nos exemplos com estados stage-level ou com verbos de uma fase, esperava-se que houvesse ou uma leitura incoativa, se a DP da língua fosse o estado final ou uma leitura de término, se a DP da língua fosse o estado inicial. No entanto, no exemplo percebemos que {-pa} não pode se combinar com alguns adjetivos, além de não se combinar com verbos de uma fase. Nos casos em que se combina, a leitura não é de término ou interrupção, mas de completude.

Com predicados 2-state, há também outro problema: {-pa} modifica predicados de dois estados que possuem duração (40), mas não aqueles que denotam eventos pontuais, se esses possuem objeto singular (41).

Predicado 2-state com duração

- (40) Juan o-japo-pa (la) hoga.
Juan 3S-fazer-PA ART casa
'Juan fez a casa completamente / terminou de fazer a casa'

Predicado 2-state sem duração

- (41) Juan o-ñoty-pa yvyra
Juan 3S-regar-PA planta
'Juan regou planta completamente'

Contexto 1: Havia uma planta e Juan a regou. Ruim

Contexto 2: Havia dez plantas e Juan regou todas elas. OK

Ainda, {-pa} não modifica algumas construções causativas, que naturalmente possuem dois estados, como (42):

Construção causativa

- (42) *Juan o-mbo-gyra-pa (la) kure
Juan 3S-CAUS-gordo-PA ART porco
'Juan engordou o porco completamente'

Logo, apesar de {-pa} dar a ideia de completude quando usado com alguns predicados 2-state, o que parece indicar um comportamento de marcador aspectual de perfectividade, sua restrição lexical aponta em outro sentido. Nada na definição de perfectividade prevê as restrições de {-pa} em relação a i) apenas alguns tipos de predicados estativos stage level, ii) predicados com verbo atividade, iii) predicados 2-state sem duração com objeto singular, e iv) construções causativas. Assim, é preciso buscar uma outra análise para {-pa}.

No próximo capítulo, veremos uma análise de {-pa} a partir de uma perspectiva escalar. Os dados serão discutidos dentro desta perspectiva e ao final do capítulo será apresentada uma proposta de análise.

2 Verbos e adjetivos do Guaraní Paraguaio: uma análise a partir da semântica escalar

2.1 Introdução

Este segundo capítulo da dissertação enfoca as seguintes questões: i) apresentação da semântica escalar aplicada tanto ao domínio adjetival, quanto ao domínio verbal; ii) apresentação dos dados do Guaraní Paraguaio; iii) discussão de como uma teoria semântica que inclui graus em seu domínio pode explicar esses dados iv) apresentação de contextos em que essa semântica, tal como proposta até agora, é insuficiente para explicar certas restrições. Por fim, a partir disso apresento minha proposta de análise. É importante pontuar que a partir daqui, tratarei o morfema {-pa} como um morfema de grau, discutindo as implicações e vantagens dessa proposta.

A estrutura da argumentação é a seguinte: primeiramente, apresentarei a semântica escalar para adjetivos de acordo com Kennedy (1999) e Kennedy & McNally (2005), na seção 2.2. Após uma apresentação das principais ideias e testes propostos pelos autores, apresentarei uma sistematização dos dados de adjetivos do Guaraní Paraguaio de acordo com essa teoria, bem como a problematização de alguns pontos que alguns fatos da língua não são por ela contemplados. Essa discussão está na seção 2.3. Em seguida, na seção 2.4 apresentarei uma breve sistematização do comportamento semântico dos verbos do Guaraní Paraguaio em relação à partícula {-pa}. Na seção 2.5 deste trabalho, apresentarei uma discussão da proposta de análise de Guillaume Thomas (2007) para os dados do Guaraní Mbyá, em que o comportamento do morfema {-pa} em relação a verbos e adjetivos é explicado de acordo com a semântica de graus proposta em Caudal & Nicolas (2005). Na seção 2.6, apresento a proposta de Bochnak (2010) que postula uma maneira composicional de incluir escalas de quantidade em predicados verbais. De acordo com esta proposta, na seção 2.7 deste capítulo, apresentarei minhas soluções de análise para os dados do Guaraní Paraguaio e uma discussão de como essa análise poderia ser aplicada não somente ao Guaraní Paraguaio, mas também a outras línguas naturais.

2.2 Uma semântica para os adjetivos de grau

Apresento aqui a proposta de Kennedy & McNally (2005) que introduz um tratamento escalar para adjetivos e seus modificadores. Essa proposta é construída a partir da observação de Bolinger (1972, apud Kennedy & McNally, 2005) em seu estudo sobre as expressões de grau, que aponta que a distribuição dos modificadores de grau não pode ser explicada apenas sintaticamente. Kennedy & McNally (2005) explicam essa distribuição a partir do tipo de escala associada à entrada lexical do adjetivo.

O objeto de estudo dos autores é distribuição complementar de ‘much’, ‘well’ e ‘very’ em relação aos adjetivos participais do inglês. Essa distribuição complementar é atestada a partir de uma pesquisa de corpus. Nos exemplos abaixo, pode-se observar a distribuição complementar desses modificadores:

- (1) a. Martin Beck was well (??much/??very) acquainted with the facts of the case.
‘Martin Beck estava bem/muito familiarizado com os fatos do caso’
- b. Their vacation was much (??well/??very) needed.
‘As férias deles eram bem/muito necessárias’
- c. Al was very (??well/??much) surprised by the results of the election.
‘Al estava bem/muito surpreso com os resultados da eleição’

O fato de todos esses participios poderem aparecer em construções comparativas, como em (2), elimina a possibilidade de serem considerados como adjetivos sem grau, já que as construções comparativas ocorrem apenas com adjetivos passíveis de gradação, como mostram os adjetivos abaixo:

- (2) a. Martin Beck was more acquainted with the facts than Laura Wilson.
‘Martin Beck estava mais familiarizado com os fatos que Laura Wilson’
- b. Their vacation was more needed than ours.
‘As férias dele eram mais necessárias do que a nossa’
- c. Al was more surprised by results of the election than his father.

‘Al estava mais supreso com os resultados da eleição que seu pai’

d. *This article is more done than the other.

‘Este artigo está mais feito que o outro’

Com exceção do adjetivo em (2d), todos os outros adjetivos em (2) podem entrar em construções comparativas. Isso mostra que são adjetivos graduáveis.

A partir disso, os autores procuram explicar o tipo de adjetivo que cada um desses modificadores de grau seleciona. A hipótese levantada pelos autores é que cada um desses adjetivos está associado a um tipo lógico de escala diferente. Esse tipo de escala, por sua vez, segundo os autores, deriva de estrutura eventual do verbo que dá origem a esses participios. Apresenta-se, então, uma tipologia baseada em duas características principais: i) se a escala associada ao adjetivo é fechada ou aberta e ii) se o adjetivo é relativo ou absoluto. Dessa maneira, chegamos a três tipos de adjetivos: os adjetivos de escala aberta (modificados por ‘very’), os adjetivos de escala parcialmente aberta (modificados por ‘much’), e os adjetivos de escala completamente fechada (modificados por ‘well’). Essa tipologia será apresentada a seguir.

De acordo com Kennedy (1999b), adjetivos representam uma relação entre indivíduos e graus. Os adjetivos mapeiam as entidades em estruturas abstratas de representação de medida, os graus, que são formalizados como pontos ou intervalos ordenados em relação a uma dimensão, que constituem a estrutura escalar. Então, eles representam uma função de medida que tomam um entidade e retornam um grau na escala associada do adjetivo. Nessa função, x representa um argumento do tipo *indivíduo* e d representa um argumento do tipo *grau*. O adjetivo ‘caro’ denota uma relação de graus de custo d e um objeto x , em que o custo de x é igual a d . M_A representa a projeção de x sobre a escala associada ao adjetivo A , ou seja, a escala da propriedade mensurável pelo adjetivo.

- (3) a. $[[A]] = \lambda d. \lambda x. \mathbf{m}_A(x) = d$
b. $[[\text{caro}]] = \lambda d. \lambda x. \mathbf{caro}(x) = d$

A estrutura escalar dos adjetivos é definida através de três parâmetros: a) os graus, que são os valores das medidas (1,85m) ou os valores (30 anos de idade); b) a dimensão, que é dada pela propriedade mensurada (altura, temperatura, idade, intensidade, peso); c) uma relação de

ordem, que é a ordenação dos graus em uma direção. A escala é, então, um conjunto ordenado de graus.

Para que dois adjetivos estejam numa mesma escala, é preciso que eles possuam o mesmo parâmetro dimensional em uma relação de ordem. ‘Alto’ e ‘fraco’ não formam uma escala porque a propriedade mensurada em um é a *altura* e em outro é a *força*. A relação de ordem desses adjetivos é necessária para que se estabeleçam pares de antônimos desses adjetivos que nomeiam as partes opostas de uma escala em relação a uma propriedade.

Para Kennedy & McNally (2005) existem dois parâmetros segundo os quais os adjetivos se organizam: i) se os adjetivos são relativos ou absolutos; ii) se as escalas são fechadas ou abertas.

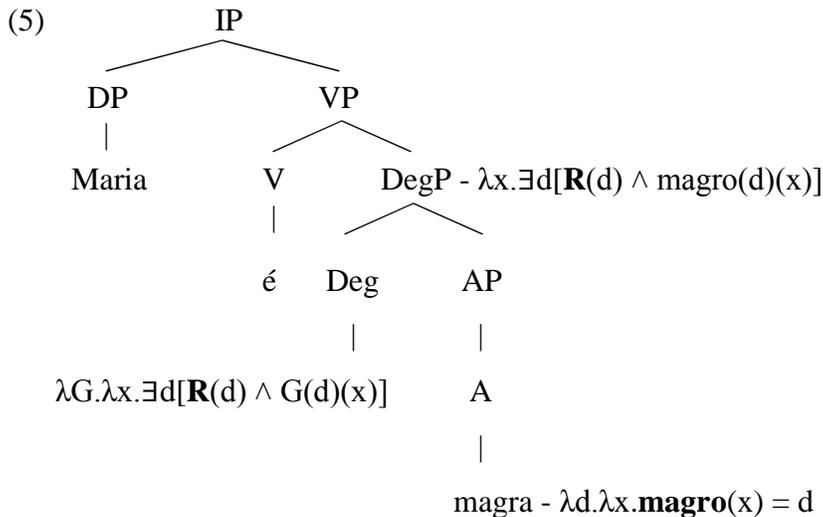
Os adjetivos relativos são aqueles que necessitam do estabelecimento contextual de um parâmetro de comparação para que seja atribuído um grau na escala. A classe de comparação é uma classe de objetos que são similares em relação à propriedade mensurada. Por exemplo, ‘feio’/‘bonito’, ‘gordo’/‘magro’, ‘velho’/‘novo’ são todos adjetivos relativos. Para que o grau de ‘velhice’ seja atribuído a um indivíduo, é necessário que haja um parâmetro de comparação para se dizer o que é ‘velho’ em um determinado contexto. Semanticamente, esse parâmetro está representado por uma função *pos*, que seria uma forma não vozeada de ‘mais que/menos que’.

Se dizemos que ‘João é velho’, estamos estabelecendo um parâmetro de comparação de João em relação a alguém que possua a idade média para que se considere alguém velho, do tipo ‘João é mais velho que Pedro’, onde Pedro seria o parâmetro de velhice. Então, quando se diz ‘João é velho’, estabelece-se uma medida diferencial entre o grau de velhice de João e o grau de velhice determinado contextualmente para que se considere alguém velho, digamos 65 anos. Se o grau de velhice de João está abaixo desse padrão, 35 anos por exemplo, então ‘João é velho’ é uma proposição falsa. Se o grau de velhice de João for igual ou maior do que 65 anos’, ‘João é velho’ é verdadeiro. Para deixar claro o estatuto relativo desses adjetivos, basta apenas mudarmos o contexto. Vamos supor que João é um jogador de futebol e dizemos que ‘João é velho (para um jogador de futebol)’. Nesse caso, o parâmetro de comparação também muda, de acordo com o contexto. Logo, se um jogador de futebol é considerado velho aos 35 anos, podemos dizer que ‘João é velho’ ainda que ele tenha apenas 42 anos (o que é pouco para que se considere alguém velho como ser humano). Assim, as condições de verdade para as sentenças com adjetivos relativos são estabelecidas contextualmente.

O papel dos morfemas de grau é saturar o argumento de grau do adjetivo, quantificando-o existencialmente. Além disso, o morfema de grau impõe sobre a relação de d e x , uma restrição R que representa uma restrição sobre o argumento de grau do adjetivo. Podem ser considerados morfemas de grau sintagmas de medição (2 metros, por exemplo), modificadores de grau (very, much, well, etc) e a função *pos*, que estabelece um parâmetro contextual para a medida de grau do adjetivo. Assume-se que um morfema de grau denota uma função que impõe uma restrição sobre o grau da escala do adjetivo, sendo do tipo $\langle\langle d, \langle e,t \rangle, \langle e,t \rangle \rangle$. Um morfema de grau se caracteriza pela função a seguir:

$$(4) \quad [[\text{Deg}(P)]] = \lambda G.\lambda x.\exists d[\mathbf{R}(d) \wedge G(d)(x)]$$

Tendo como base a semântica explicitada até aqui, temos que a estrutura sintática de uma sentença que contém um adjetivo é a seguinte:



De acordo com a estrutura acima, o sintagma deadjetival é tomado como argumento pelo núcleo de DegP, e devolve um grau em uma escala dada pela propriedade do adjetivo (nesse caso, *magreza*) sobre a qual se impõe uma restrição R . Essa restrição corresponde aos modificadores de grau ou ao morfema *pos*, o qual devolve a forma absoluta/positiva do adjetivo (*magro* de acordo com a um determinado parâmetro).

Pos é a função responsável por estabelecer o parâmetro de comparação. Essa função representa a relação **standard/padrão** entre um grau d apenas e um parâmetro de comparação

para um adjetivo **G** a respeito de uma classe de comparação determinada por **C**. Essa relação **padrão** requer, portanto, que um grau *d* exceda uma média na escala que é dada pela classe de comparação **C**.

- (6) a. $[[\text{Pos}]] = \lambda G. \lambda x. \exists d [\text{padrão}(d)(G)(C) \wedge G(d)(x)]$
 b. $[[\text{Pos}]] ([[\text{velho}]]) = \lambda x. \exists d [\text{padrão}(d)([[\text{velho}]])(C) \wedge [[\text{velho}]](d)(x)]$

Os adjetivos absolutos têm sua medida diferencial feita a partir do grau máximo da escala que os representam. Logo a classe de comparação não é dada pelo contexto, mas diretamente pela diferença de um grau máximo em relação a outro grau que mede a propriedade da escala um adjetivo. Não se compara o grau de abertura de uma porta a um contexto, mas ao grau máximo de fechamento dessa porta. Se dizemos que um copo está cheio, não há necessidade de compará-lo a outro copo para determinar o grau padrão de ‘cheio’, pois o grau padrão de ‘cheio’ independe de contexto, é sempre dado pelo volume máximo de preenchimento de um recipiente. Desse modo, um ‘copo cheio’ terá sempre a mesma denotação em qualquer lugar, ou seja, 100% de preenchimento. Alguns exemplos de adjetivos absolutos são ‘cheio’/‘vazio’, ‘fechado’/‘aberto’, ‘seguro’/‘perigoso’, ‘silencioso’/‘barulhento’, ‘certo’/‘incerto’.

O outro parâmetro que condiciona a semântica dos adjetivos é a escala ter polos abertos ou fechados. A partir disso, os autores estabelecem três tipos de escalas associadas aos adjetivos: escalas totalmente abertas, escalas totalmente fechadas e escalas parcialmente fechadas.

Os adjetivos relativos estão sempre associados a escalas totalmente abertas, sem grau máximo a ser atingido, já que o estabelecimento de um grau *d* será sempre dado em relação à classe de comparação do contexto, e não em relação a um grau máximo.

Adjetivos absolutos podem pertencer a uma escala parcialmente fechada (‘seguro’/‘perigoso’), em que um dos polos possui um grau máximo, ou a uma escala totalmente fechada (‘vazio’/‘cheio’), em que os dois polos possuem um grau máximo.

Os adjetivos de escalas totalmente fechadas são aqueles que possuem as duas pontas da escala nomeadas por adjetivos de grau máximo, como por exemplo ‘cheio’ e ‘vazio’. Um ‘copo vazio’ é um copo sem nenhum mililitro de qualquer líquido e um ‘copo cheio’ é um copo com preenchimento completo. Qualquer grau compreendido entre ‘cheio’ e ‘vazio’ não pode ser considerado ‘cheio’ ou ‘vazio’.

Os adjetivos de escala parcialmente fechada possuem uma ponta da escala nomeada por um adjetivo que apenas representa um grau máximo, e a outra ponta por um adjetivo que nomeia todos os graus intermediários dessa escala. Um exemplo de adjetivos desse tipo é ‘seguro’/‘perigoso’, em que ‘seguro’ é a ponta fechada e ‘perigoso’ é a ponta aberta da escala. Logo, um brinquedo de um parque de diversões pode ser ‘seguro’ (seguro num grau máximo), ou ‘perigoso’, em maior ou menor grau.

Kennedy & McNally (2005) estabelecem dois tipos de escalas parcialmente fechadas: aquelas fechadas na ponta superior (‘seguro’/‘perigoso’) e aquelas fechadas na ponta inferior (‘limpo’/‘sujo’). Embora se possa reconhecer a natureza opositiva desses adjetivos, como eles não estão associados a unidades de medida padrão (metros, quilos, litros), não se pode determinar com segurança qual seria o polo positivo e o polo privativo dessa escala. ‘Seguro’ pode querer dizer 100% de segurança ou 0% de periculosidade. Da mesma maneira ‘limpo’ pode querer dizer 100% de limpeza ou 0% de “sujidade”. Logo, para esses adjetivos, não há como determinar a direção da escala. Sendo assim, trataremos das escalas parcialmente fechadas como um todo, sem distinguir entre esses dois subtipos, já que os autores não apresentam testes que comprovem que o direcionamento da escala se dá numa direção específica. Essa divisão funciona apenas quando há uma unidade de medida numérica associada à escala. Consideramos aqui, arbitrariamente, o polo superior como o polo fechado da escala.

Rotstein & Winter (2004) adotam uma classificação um pouco diferente para os adjetivos. Segundo esses autores, há escalas de adjetivos totais, parciais e relativos. Os adjetivos relativos correspondem exatamente aos adjetivos relativos de Kennedy & McNally (2005). Os adjetivos totais correspondem a adjetivos que nomeiam o polo fechado da escala. Os adjetivos parciais são aqueles que nomeiam o polo aberto da escala. Ainda, os autores fazem uma observação interessante: adjetivos totais nomeiam apenas um grau máximo na escala, enquanto adjetivos parciais nomeiam qualquer grau na escala diferente desse grau máximo. É o que acontece no caso de ‘aberto’/ ‘fechado’ por exemplo. ‘Fechado’ nomeia apenas o grau em que há 0% de abertura (ou 100% de fechamento). Por outro lado, ‘aberto’ nomeia qualquer grau da escala diferente do grau máximo (‘fechado’). A análise de Rotstein & Winter (2004) não é incongruente com a análise de Kennedy & McNally (2005). Por isso, apesar de me utilizar da formalização proposta por Kennedy & McNally (2005), me referirei aos adjetivos à maneira de Rotstein & Winter (2004).

Kennedy & McNally se propõem num segundo momento do artigo, relacionar o tipo de escala dos adjetivos participiais ao tipo lexical de verbo do qual derivam, relacionando eventos e adjetivos. Assim, adjetivos totais estão associados a eventos télicos, cuja medida é dada homomorficamente pelo seu objeto direto. Esse homomorfismo, tratado na literatura por Krifka (1989; 1992), Tenny (1994), Dowty (1991), Jackendoff, (1996) e Ramchand (1997), entre outros, pode ser expresso pela formalização de Krifka (1989; 1992; 1998):

- (7) a. $\forall R[\mathbf{MAP-O}(R) \leftrightarrow \forall e \forall e' \forall x [R(e, x) \wedge e' \sqsubseteq_E e \rightarrow \exists x' [x' \sqsubseteq_{Ox} \wedge R(e', x')]]]$
 b. $\forall R[\mathbf{MAP-E}(R) \leftrightarrow \forall e \forall x \forall x' [R(e, x) \wedge x' \sqsubseteq_{EX} \rightarrow \exists e' [e' \sqsubseteq_{Oe} \wedge R(e', x')]]]$

MAP-O(R) é uma relação que garante que todos os subeventos e^n de um evento e estejam mapeados em todas as subpartes x^n de x , que é objeto de tema incremental do evento. Ou seja, os subeventos estão mapeados em relação a subpartes de x . MAP-E(R), por sua vez, garante que para cada subparte de x esteja mapeada em um subevento de e .

Logo, os adjetivos que derivam de verbos que denotam eventos com essa relação, serão adjetivos que possuem grau máximo.

Há ainda adjetivos que não derivam de verbos, como ‘quente’, que aparentemente se comportam como adjetivos de escala aberta, mas que podem predicar sobre as partes de um objeto afetado:

(8) *A água está completamente quente.

(9) O rosto do bebê está completamente quente.

Quando o adjetivo modifica um nome massivo como ‘água’, a modificação do VP por ‘completamente’ não é possível. No entanto, quando o nome modificado por ‘quente’ possui uma extensão determinada como ‘o rosto do bebê’, a modificação por ‘completamente’ é possível, mostrando a relação entre cada subparte do rosto do bebê e a propriedade dada pelo adjetivo ‘quente’. Temos aqui então um uso incremental de um adjetivo de escala aberta. Esse comportamento será discutido mais adiante em relação aos adjetivos do Guarani Paraguaio e também em relação ao que se considera um adjetivo de escala fechada.

Um dos problemas de assumir que adjetivos de escala fechada provêm de verbos de tema incremental é que isso compromete a semântica com um componente derivacional pré-sintático que pode não encontrar suporte morfológico nas línguas. Além disso, isso não explica por que alguns adjetivos não participiais como ‘maduro’ ou ‘limpo’ também possuem escala fechada. Como os autores tratam apenas de adjetivo participiais, essa análise é coerente com seus dados. No entanto, estender essa proposta a todos os adjetivos gera os problemas citados acima. Ao final deste capítulo apresentarei uma proposta de como tratar adjetivos de escala de fechada e seus modificadores que visa solucionar os problemas pontuados aqui, definindo dois tipos de adjetivos de escala fechada: os que possuem tema incremental e os que possuem escala de propriedade com um grau máximo.

Para determinar se adjetivos possuem escalas abertas ou fechadas, Kennedy & McNally (2005) propõem alguns testes usando modificadores de proporção como ‘fully’, ‘completely’ e ‘100%’, que se combinam apenas com adjetivos de ponta fechada da escala, em que o grau estabelecido coincide com o grau máximo da escala, e modificadores de grau como ‘half’, ‘partially’ e ‘mostly’, que estabelecem uma função diferencial entre um grau intermediário e um grau máximo. Esses modificadores de proporção só podem se combinar a adjetivos que nomeiam o polo fechado de uma escala. Para os adjetivos de escala aberta, o uso desses modificadores não é possível, como mostram (10) e (11):

- (10) a. *John is fully/partially/completely/mostly happy.
‘John está inteiramente/parcialmente/completamente/*mostly* feliz’¹¹
b. *John is fully/partially/completely/mostly sad.
‘John está inteiramente/parcialmente/completamente/*mostly* triste’
- (11) a. *John is 100% tall.
‘John is 100% alto’
b. *John is half tall.
‘John é meio alto’

¹¹ ‘Mostly’ não apresenta nenhuma palavra correspondente em Português Brasileiro.

Já com adjetivos de escala totalmente fechada, esses modificadores se combinam com adjetivos de ambos os polos, como vemos em (:

- (12) a. The glass is 100% empty/full.
‘O copo está 100% vazio/cheio’
b. The glass is partially empty/full.
‘O copo está parcialmente vazio/cheio’
c. The glass is half empty/full.
‘O copo está meio vazio/cheio’
d. The glass is completely empty/full.
‘O copo está completamente vazio/cheio’

O mesmo não ocorre com adjetivos de escala parcialmente aberta. Pode-se notar que os adjetivos que formam essa escala se comportam de maneira diferente um do outro em relação aos modificadores de grau. O adjetivo que nomeia o polo aberto da escala (parciais) não pode se combinar com esses modificadores que indicam o grau máximo, enquanto aqueles que nomeiam o polo fechado da escala (totais) podem:

- (13) a. *The dress is 100% wet.
‘O vestido está 100% molhado’
b. The dress is 100% dry.
‘O vestido está 100% seco’
- (14) a. *This place is completely noisy.
‘Esse lugar é completamente barulhento’
b. This place is completely quiet.
‘Esse lugar é completamente silencioso’
- (15) a. *This car is fully dangerous.
‘Esse carro é inteiramente perigoso’
b. This car is fully safe.

‘Esse carro é inteiramente seguro’

Outro teste utilizado para checar se os adjetivos pertencem a polos abertos (adjetivos parciais) ou fechados (adjetivos totais) de escalas é a checagem dos acarretamentos quando os modificadores de proporção são usados:

Escalas totalmente fechadas

- (16) The glass is half full \neq The glass is full
‘O copo está meio cheio’ / ‘O copo está cheio’
- (17) The glass is half empty \neq The glass is empty
‘O copo está meio vazio’ / ‘O copo está vazio’

Escalas parcialmente fechadas

- (18) The door is half open \neq The door is open
‘A porta está meio aberta’ / ‘A porta está aberta’
- (19) The door is half closed \neq The door is closed
‘A porta está meio fechada’ / ‘A porta está fechada’

Apresenta-se também um teste de acarretamento que mostra a diferença entre adjetivos absolutos e adjetivos relativos. A negação de um adjetivo relativo não acarreta o seu polo negativo. Por outro lado, adjetivos absolutos quando negados, acarretam o seu polo oposto.

- (20) John is not happy \neq John is sad
‘John não está feliz’ / ‘John está triste’
- (21) John is not tall \neq John is short
‘John não é alto’ / ‘John é baixo’
- (22) The clothes are not dry \neq The clothes are wet

‘As roupas não estão secas’ / ‘As roupas estão molhadas’

(23) The clothes are not wet \models The clothes are dry

‘As roupas não estão molhadas’ / ‘As roupas estão secas’

Sapir (1944) aponta para esse fato em relação aos adjetivos. O autor chama de zona de indiferença os graus intermediários entre dois adjetivos relativos. Ele explica que ‘não ser brilhante’ não acarreta ‘ser estúpido’. Por outro lado, ao negar um adjetivo absoluto como ‘wet’, temos o seu polo oposto acarretado, ‘dry’.

Nessa primeira parte do capítulo, procurei explicar os tipos de escala de adjetivos propostas por Kennedy & McNally (2005), mostrando as evidências empíricas para o estabelecimento dessas classes de adjetivos. Na próxima seção do artigo, serão apresentados dados de adjetivos do Guarani Paraguaio a fim de problematizar o que foi apresentado até aqui. Veremos que a classificação das escalas dos adjetivos, conforme proposta pelos autores, não é suficiente para explicar o comportamento desses adjetivos em relação à partícula {-pa}.

2.3 Adjetivos de grau no Guarani Paraguaio: o que {-pa} pode nos revelar sobre eles?

Os adjetivos de grau parecem ter comportamento semelhante em outras línguas. Aqui serão apresentadas evidências empíricas da existência de adjetivos de grau no Guarani Paraguaio de acordo com a tipologia proposta por Kennedy & McNally. No entanto, alguns pontos precisam ser problematizados. A coleta dos dados foi realizada com três falantes nativos do Guarani Paraguaio. Apresentou-se um contexto e uma frase com o adjetivo a ser testado em Guarani, checando se aquela frase poderia descrever aquele determinado contexto.

Esses adjetivos foram testados em estruturas com modificadores de proporções e construções que indicam completude. O objetivo dos testes é mostrar as diferenças entre os tipos lexicais de adjetivos em Guarani. Estes testes serão apresentados a seguir.

‘Essa maçã está mais verde que a outra’

Adjetivos sem grau

(27) a. *Pe jagua o-mano-ve-Ø pe otro gui
Esse cachorro 3-morto-COMP+-NFut esse outro que

‘Esse cachorro está mais morto que o outro’

b. *Pe ao o-ñongatupy-ve-Ø pe otro gui
Esse roupa 3-guardado-COMP+-NFut esse outro que

‘Essa roupa está mais guardada que a outra’

Nos exemplos acima, todos os adjetivos estão em construções comparativas. Note-se que a comparação em Guaraní se dá com um sufixo comparativo {-ve} aplicado ao adjetivo. Ao colocar os adjetivos acima em construções comparativas, percebemos que nem todos eles aceitam a gradação. *Omano* ‘morto’ e *oñongatupy* ‘guardado’ se tornam agramaticais em construções como essas. Os outros adjetivos aceitam as construções, porém, adjetivos totais precisam de um contexto que justifique a interpretação da sentença. Quando se diz que um copo está mais cheio que o outro, o falante reinterpreta o conceito de ‘cheio’ e estabelece novos graus para essa escala. A leitura é então de que os dois copos estão cheios, mas um está transbordando e outro não, por exemplo. É de se esperar que a leitura comparativa de adjetivos que expressam um grau máximo precise de uma contextualização que as justifique, uma vez que um copo quando cheio, não pode estar ‘mais cheio’. Portanto, esse teste mostra que os adjetivos possuem graus, mas não ilustra nenhuma diferença entre os tipos de adjetivo, já que todos acabam tendo uma leitura relativa e o seu grau máximo é reinterpretado.

Em relação ao uso dos intensificadores de grau, os adjetivos do Guaraní Paraguaio não apresentam seleção categorial, ao contrário do que ocorre no Inglês. Ou seja, todos os adjetivos de grau podem ser modificados por eles. No entanto, os adjetivos que não possuem grau não podem ser usados com esses intensificadores. Há dois intensificadores de grau no Guaraní

Paraguaio: ‘ite’ e ‘iterei’, ambos aceitáveis nos mesmos contextos. A diferença entre os dois é que ‘iterei’ parece indicar um grau mais elevado do que ‘ite’. Por exemplo¹³:

- (28) a. Juan i-porã-Ø ite
 Juan 3-bonito-NFut ITE
 'Juan é bem bonito'.
- b. Chalo i-porã-Ø iterei.
 Chalo 3-bonito-NFut ITEREI
 'Chalô é muito bonito'

Se dissermos essas duas frases, o falante de Guarani entende que Chalô é mais bonito que Juan, embora Juan seja bastante bonito também¹⁴. Tanto adjetivos relativos quanto adjetivos absolutos podem aparecer em construções com esses modificadores de grau. No entanto, adjetivos absolutos de polo fechado da escala sofrem uma relativização e reinterpretação. Isso também ocorre com o uso de ‘very’ em Inglês. A leitura que se tem quando um adjetivo de polo fechado é usado com ‘very’ é que, por mais que o grau exceda uma média estabelecida contextualmente, esse grau nunca é absoluto (Kennedy & McNally, 2005, p. 371). O mesmo ocorre em Guarani: quando um adjetivo absoluto é usado com os intensificadores de grau ‘ite’ e ‘iterei’, seu significado é relativizado em relação a uma classe de comparação que vem de um contexto, e assim não se obtém uma leitura absoluta. A denotação de ‘very’, assim como a denotação de ‘ite’ e ‘iterei’ deve introduzir, portanto, uma função *pos*, que insere uma classe de comparação contextual para o grau do adjetivo modificado.

$$(29) \quad [[\text{very}]] = \lambda G.\lambda x.\exists d[\text{padrão}(d)(G)(\lambda y.|| \text{pos}(G)(y) ||^c \wedge G(d)(x)]$$

Dessa maneira, *tenyhë* ‘cheio’ e *nandi* ‘vazio’ se comportam como adjetivos relativos quando usado em construções com ‘ite’ e ‘iterei’.

¹³ Para efeitos de simplificação, traduzirei ‘ite’ por ‘bem’ e ‘iterei’ por ‘muito’, embora não esteja associando o comportamento desses modificadores de grau em Guarani com os modificadores de grau do Português Brasileiro.

¹⁴ ‘Chalo’ é o correspondente em Guarani para o nome ‘Salvador’.

CONTEXTO: Tem um copo embaixo de uma goteira com água. Vai chover mais amanhã.

(30) a. ?Pe vaso tenyhë-Ø. Ko'ëro pe vaso tenihë-ve-ta.
Esse copo cheio-NFut amanhã esse copo cheio-COMP+FUT
'Esse copo está cheio. Amanhã vai estar mais cheio'

b. Pe vaso tenyhë-Ø ite/iterei. Ko'ëro pe vaso
Esse copo cheio-NFut ITE/ITEREI Amanhã esse copo
tenyhë-ve-ta.
cheio-COMP+FUT
'Esse copo está bem/muito cheio. Amanhã vai estar mais cheio'

CONTEXTO: Juan está feliz hoje porque seus primos estão para chegar. Amanhã seus primos chegam.

(31) a. Juan o-vy'a-Ø. Kõ'ero Juan o-vy'a-ve-ta.
Juan 3-feliz-NFut amanhã Juan 3-feliz-COMP+FUT
'Juan está feliz. Amanhã Juan estará mais feliz ainda'.

b. Juan o-vy'a-Ø ite/iterei. Kõ'ëro Juan o-vy'a-ve-ta.
Juan 3-feliz-NFut ITE/ITEREI amanhã Juan 3-feliz-COMP+FUT
'Juan está bem/muito feliz. Amanhã Juan estará mais feliz ainda'.

Esses exemplos mostram como 'ite' e 'iterei' relativizam o uso de um adjetivo total. Quando se tem o adjetivo sem modificação, a leitura de que o copo vai ficar "mais cheio" se torna estranha, embora seja possível com algum esforço de explicação de um contexto (o copo está cheio, mas amanhã irá transbordar). Quando modificado por 'ite' ou 'iterei', o adjetivo permite a leitura comparativa de que irá ficar mais cheio, porque seu significado foi relativizado. Já em (31), como o adjetivo é relativo, percebemos que não é preciso reinterpretá-lo para que a leitura com o comparativo seja permitida.

Embora não apresentem seleção categorial como no Inglês, em que cada intensificador de grau pode apenas ocorrer com um tipo de adjetivo, os adjetivos do Guaraní Paraguaio parecem

também apresentar diferenças em relação à escala a eles associada. Adjetivos associados a polos fechados de uma escala são os únicos a admitir a modificação por *haimete* ‘quase’. Também são os únicos que podem ser usados com o morfema {-ma}, descrito como morfema de aspecto perfeito (Tonhauser, 2006; Liuzzi & Kirtchuk, 1989) indicando que o grau máximo de uma certa propriedade já foi atingido. A partir disso pode-se estabelecer a mesma tipologia de adjetivos para Guarani Paraguaio proposta por Kennedy & McNally para o Inglês.

Para checar se um adjetivo possui grau máximo colocamos os adjetivos de grau em construções com o advérbio *haimete* ‘quase’. ‘Haimete’ pode ser considerado aqui como um modificador de proporção já que estabelece uma medida diferencial entre um determinado grau e o grau máximo de uma escala, sendo que esse grau deve estar próximo do grau máximo. Podemos considerá-lo como semanticamente equivalente a ‘mostly’¹⁵. Nesse caso, a sua representação formal pode ser a mesma da função diferencial apresentada por Kennedy & McNally (2005) para ‘mostly’.

$$(32) \quad [[\text{mostly}]] = \lambda G.\lambda x.\exists d[\text{diff}(\text{max}(S_G)) (d) < \text{diff} (d) (\text{min}(S_G)) \wedge G(d)(x)]$$

Assumindo essa semântica para ‘haimete’, a previsão é que esse modificador de proporção só irá ocorrer com adjetivos que possuem grau máximo, pois a função diferencial ocorre em relação ao grau máximo da propriedade que dimensiona um certo adjetivo. A partir disso temos:

(33) a. Pe vaso haimete tenyhë-Ø.

Esse copo quase cheio-NFut

‘Esse copo está quase cheio’.

b. Pe vaso haimete i-nandi-Ø.

Esse copo quase 3-vazio-NFut

‘Esse copo está quase vazio’.

¹⁵ Desprezo aqui a natureza intensional de ‘haimete’, uma vez que o objetivo do uso de ‘haimete’ neste trabalho é apenas identificar as classes de adjetivos. Sabemos que ‘haimete’ ocorre com verbos, num sentido mais próximo de ‘quase’, mas investigar a semântica exata deste modificador extrapolaria os limites de alcance deste trabalho.

- (34) a. Pe ao haimete i-kã-Ø.
 Esse roupa quase 3-seco-NFut
 ‘Essa roupa está quase seca’.
- b. *Pe ao haimete i-ñakÿ-Ø
 Esse roupa quase 3-molhado-NFut
 ‘Essa roupa está quase molhada.’
- (35) a. *Juan haimete o-vy'a-Ø.
 Juan quase 3-feliz-NFut
 ‘Juan está quase feliz’.
- b. *Juan haimete o-ñembyasy-Ø.
 Juan quase 3-triste-NFut
 ‘Juan está quase triste’.

Como se pode observar nos exemplos acima, apenas alguns adjetivos admitem a modificação por ‘haimete’, o que indica que são adjetivos totais. Adjetivos relativos, por outro lado, não admitem a modificação por ‘haimete’, assim como adjetivos parciais. A leitura que se obtém com a modificação de ‘haimete’ é que um grau máximo quase foi atingido. É importante notar que em muitos casos, quando os falantes conseguiam encontrar um parâmetro claro de comparação para adjetivos relativos, o uso de ‘haimete’ se tornava possível. Isso indica ‘haimete’ precisa operar em relação a um valor exato na escala.

Na tabela abaixo vemos quais adjetivos podem e quais não podem ser usados com ‘haimete’:

TABELA 1 - Adjetivos que podem ser modificados por ‘haimete’

	Adjetivo em Português	Adjetivo no Guaraní Paraguaio
1.	limpo	<i>poti</i>
2.	seco	<i>kã</i>
3.	vazio	<i>nandi</i>

4.	cheio	<i>tenyhë</i>
5.	maduro	<i>aju</i>

TABELA 2 - Adjetivos que não podem ser modificados por ‘haimete’

	Adjetivo em Português	Adjetivo no Guaraní Paraguaio
1.	alto	<i>yvate</i>
2.	baixo	<i>karape</i>
3.	barulhento	<i>ivy</i>
4.	bêbado	<i>ka’u</i>
5.	bobo	<i>jaru</i>
6.	bonito	<i>porã</i>
7.	costurado	<i>vyvy</i>
8.	encantado/feliz	<i>rory</i>
9.	feliz	<i>vy’a</i>
10.	fervido	<i>pupu</i>
11.	frio	<i>rosa</i>
12.	gordo	<i>kyra</i>
13.	largo	<i>puku</i>
14.	lento	<i>mbegue</i>
15.	louco	<i>tarova</i>
16.	feio	<i>vai</i>
17.	molhado	<i>ñakÿ</i>
18.	pobre	<i>poriahu</i>
19.	quente	<i>aku</i>
20.	rápido	<i>pya’e</i>
21.	reto	<i>karë’y</i> ¹⁶
22.	silencioso	<i>kiriri</i>
23.	sujo	<i>ky’a</i>

¹⁶ ‘-y’ funciona como um sufixo de negação de nome no Guaraní Paraguaio, mais ou menos como o prefixo ‘in-’. Por isso, ‘karë’y’ não significa exatamente ‘reto’, que poderia ser classificado como adjetivo total, mas algo como “intorto”.

24.	torto	<i>karë</i>
25.	verde (não-maduro)	<i>aky</i>

Conforme dito acima, alguns adjetivos da tabela 2 podem ser modificados por ‘haimete’ se houver um esforço de contextualização. Isso mostra que além de adjetivos totais poderem ser relativizados, como foi explicitado anteriormente, também adjetivos relativos ou parciais podem ser lidos como “totalizados”, ou seja, com grau máximo definido, o que parece ser exigência para que ‘haimete’ o modifique.

O que se esperaria é que esses mesmos adjetivos que são modificados por ‘haimete’ também pudessem ser modificados pelo morfema {-pa}, já que esses adjetivos nomeiam um grau máximo na escala, ou seja, tem uma escala fechada. No entanto, não é o que ocorre.

Como já vimos, o morfema {-pa} parece indicar totalidade assim como ‘completely’. Se assumimos que {-pa} tem a mesma entrada lexical de ‘completely’, deveríamos prever, que {-pa} operasse apenas sobre todas as escalas que possuem um grau máximo. Vejamos a entrada lexical de ‘completely’:

- (36) a. $[[\text{completely}]] = \lambda G.\lambda x.\exists d[d = \max(S_G) \wedge G(d)(x)]$
b. $[[\text{pa}]] = \lambda G.\lambda x.\exists d[d = \max(S_G) \wedge G(d)(x)]$

Como vemos acima, {-pa}, assim como ‘completely’, deveria pegar um adjetivo G, que possui uma escala fechada, e devolver um grau máximo nessa escala. O que é intrigante é que {-pa} não só modifica alguns adjetivos de escala aberta, sem grau máximo, como também não modifica alguns adjetivos de escala fechada, conforme vemos abaixo:

- (37) a. Pe ao i-ñakÿ-mba
Esse roupa 3-molhado-PA
‘Essa roupa está completamente molhada’
- b. *Pe yva hi’aju-pa
Esse fruta 3-maduro-PA
‘Essa fruta está completamente madura’

Nos exemplos dados acima, a primeira sentença contém um adjetivo de escala aberta e a segunda um adjetivo de escala fechada. Ao contrário do que se poderia esperar, {-pa} modifica o primeiro adjetivo e não modifica o segundo. Isso poderia nos levar a pensar que {-pa} não é um modificador de grau, pois seu comportamento não é condicionado pelo tipo de escala oferecido pelo verbo.

Por outro lado, observamos que {-pa} tem um forte leitura de predicação sobre as partes de objeto, uma vez que se criarmos um contexto em que a interpretação de {-pa} não seja sobre a escala de propriedade (grau de maturação da fruta), mas sobre a aplicação desse propriedade sobre as partes da frutas, o uso de {-pa} se torna possível.

- (38) Pe yva hi'aju-pa
Esse fruta 3-maduro-PA
'Essa fruta está toda madura'
Contexto: todas as partes da fruta estão maduras. OK
Contexto: grau máximo de maturação. Ruim

O que o exemplo acima mostra é que {-pa} incide sobre a relação incremental entre o adjetivo e o indivíduo afetado, o que é apontado por Kennedy & McNally (2005) como propriedade fundamental para a formação de escalas fechadas. Observou-se aqui que alguns adjetivos jamais aceitam a modificação de {-pa}, enquanto alguns aceitam em contextos específicos que incluem uma relação incremental.

Para dar conta desse fenômeno, que ocorre também em Português Brasileiro e Inglês, como será demonstrado, procurarei propor com este trabalho uma diferenciação entre escalas fechadas de propriedade e escalas incrementais. Os detalhes desta proposta serão apresentados ao final deste capítulo.

2.4 Verbos no Guaraní Paraguaio

No primeiro capítulo vimos uma descrição do comportamento de {-pa} em relação aos verbos do Guaraní Paraguaio. Nesta seção do artigo, procurarei explicitar algumas características do comportamento dos verbos e quais características desses verbos são relevantes para condicionar o comportamento deste morfema. Utilizando-me do que já foi dito sobre a natureza de {-pa} em relação aos adjetivos, verificarei se a hipótese de que {-pa} cria uma relação incremental entre um indivíduo e um adjetivo ou um verbo pode ser corroborada. Primeiramente tratarei dos casos em que {-pa} pode predicar sobre as partes de um indivíduo. Em seguida, apresentarei casos em que {-pa} opera sobre plurais.

Uma das características principais dos verbos que aceitam a modificação de {-pa} indicando uma predicação sobre as partes de um indivíduo é que esses verbos são transitivos, ou seja, esta relação se estabelece entre verbo e objeto. Dentre os verbos, elenca-se aqui três tipos de verbos transitivos: um deles aceitam {-pa} em sentenças em que o objeto é representado por um único indivíduo e os outros dois não aceitam. Veja os exemplos abaixo:

- | | | | | |
|------|-------|----------------------------------|------|--------------|
| (39) | Juan | o-typei-pa-Ø | (1a) | korapy |
| | Juan | 3S-varrer-PA-NFut | ART | patio |
| | | ‘Juan varreu todo o pátio’ | | |
| (40) | ?Juan | o-japi-pa-Ø | (1a) | kure-pe |
| | Juan | 3S-atirar-PA-NFut | ART | porco-em |
| | | ‘Juan atirou em todo o porco’ | | |
| (41) | *Juan | o-myaña-mba-Ø | (1a) | i-carro |
| | Juan | 3S-empurrar-PA-NFut | ART | 3.POSS-carro |
| | | ‘Juan empurrou todo o seu carro’ | | |

Presume-se que isso ocorre porque enquanto em (39), a duração do evento de varrer é medida pela extensão do pátio, em (40) temos um evento pontual, sem duração, que é ‘atirar’. A única forma de criar um contexto possível para a sentença é dizendo que houve vários disparos, ou seja, vários eventos de atirar que afetaram todas as partes do porco. Em (41), temos uma sentença em que o uso de {-pa} não é possível. Isso ocorre porque ‘empurrar’ não estabelece

nenhuma relação incremental com o objeto ‘carro’ e nem é um evento que possui um ponto final inerente. Logo, {-pa} não pode predicar sobre a relação entre o tempo do evento e o tempo de consumição do objeto, como descreve Tenny (2004).

Os verbos transitivos que aceitam a modificação de {-pa} têm o seguinte comportamento semântico: possuem duração interna e parecem ter um ponto final inerente, ambas características de verbos accomplishment na literatura (Vendler, 1967; Dowty, 1979; Rothstein, 2004, entre outros).

Para mostrar que esses verbos denotam eventos com duração interna, usou-se o teste de aceitabilidade do imperfectivo, tipo de aspecto que, segundo a literatura, apenas se combina a verbos durativos:

- | | | | | | |
|------|------------------------------|----------------|--------|------|--------|
| (41) | Juan | o-typei-Ø | hína | (1a) | korapy |
| | Juan | 3S-varrer-NFut | IMPERF | ART | pátio |
| | ‘Juan está varrendo o pátio’ | | | | |

Como vemos na sentença acima, verbos desse tipo aceitam a forma imperfectiva e por isso pode-se dizer que denotam eventos que possuem duração interna.

Um outro teste que pode ser usado para diferenciar os tipos de verbo que aceitam {-pa} com objeto singular é o teste do paradoxo do imperfectivo, proposto por Dowty (1979) consiste na afirmação de que a forma progressiva só acarreta a forma perfectiva em verbos que não possuem um ponto final inerente. Esse paradoxo é formulado da seguinte maneira:

- (42) Se ϕ é um verbo atividade, então ‘x está ϕ -ndo (agora)’ acarreta que ‘x ϕ -ou’. Se ϕ é um verbo accomplishment, então ‘x está ϕ -ndo(agora)’ não acarreta que ‘x ϕ -ou’.

Verbos atividade são definidos, grosso modo, como aqueles que não possuem um ponto final inerente, em oposição a verbos accomplishments. Aplicando este teste aos verbos transitivos com objeto singular temos:

- | | | | | | |
|------|------|----------------|--------|------|-----------|
| (43) | Juan | o-typéi-Ø | hína | (1a) | korapy ha |
| | Juan | 3S-varrer-NFut | IMPERF | ART | pátio e |

nd-o-typéi-pa-Ø-i

NEG-3S-varrer-PA-NFut-NEG

‘Juan estava varrendo o pátio, mas não varreu tudo’

- (44) *Maria o-ñua-Ø i-memby ha
Maria 3S-abraçar-NFut 3.POSS.filho e
nd-o-ñua-mba-Ø-i
NEG-3S-abraçar-PA-NFut-NEG
‘Maria abraçou a filha, mas não abraçou completamente’

Em (43) e (44), seguindo o raciocínio de Dowty (1979), percebemos que a forma imperfectiva de *typei* ‘varrer’ não acarreta a forma “perfectiva”, enquanto a forma imperfectiva de *ñua* ‘abraçar’ acarreta.

Uma vez que não existe um morfema de perfectivo no Guaraní Paraguaio, de maneira a contrastar melhor a forma imperfectiva com a forma perfectiva, utilizou-se aqui o morfema {-pa}. No entanto, isso não enfraquece a análise aqui proposta uma vez que apenas o fato de a sentença aceitar a modificação de um morfema que indica completude já denuncia que estes verbos denotam eventos um ponto final inerente. Isso se comprova quando observamos o exemplo (44), que claramente mostra que verbos que não denotam eventos com ponto final inerente não aceitam tal construção.

Dentre os verbos que não aceitam {-pa} com objeto singular, um tipo aceita a construção com aspecto imperfectivo, dando a ideia de progressão, e outro tipo apenas aceita a construção com imperfectivo em alguns poucos contextos em que se entende uma repetição de eventos:

- (45) Juan o-ñua-Ø hína rembireko
Juan 3S-abraçar-NFut IMPERF esposa
‘Juan abraçou está/estava abraçando sua esposa’

- (46) Juan o-me’ë-Ø hína i-jao
Juan 3S-dar-NFut IMPERF 3-roupa
‘Juan estava dando sua roupa’

Em (45), temos uma sentença que descreve um evento em que Juan abraça sua esposa. Em (46), temos uma sentença que descreve um evento de Juan dando sua roupa. A diferença entre um e outro é que o primeiro descreve um único evento que dura no tempo, enquanto o segundo descreve vários eventos de ‘dar roupa’. A classe de verbos que denotam eventos com duração interna sem ponto final Vendler (1967) chama atividade, e a classe de verbos sem duração interna, com interpretação pontual, o mesmo autor classifica como achievements.

Abaixo temos um tabela desses três tipos de verbo:

TABELA 3 - Verbos accomplishments

<i>Verbos accomplishment</i>		
	Verbo em Português	Verbo no Guarani Paraguaio
1.	atravessar	hasa
2.	cantar	purahéi
3.	carpir	kaapi
4.	coar	mbogua
5.	comer, consumir	ho’u
6.	cortar	kitĩ
7.	deglutir	mokõ
8.	derramar	ñohe
9.	enterrar	jaty
10.	fazer	japo
11.	fazer bainha	hembé’y
12.	passar roupa	plancha
	varrer	typéi

TABELA 4 - Verbos achievements transitivos

<i>Verbos achievement transitivos</i>		
	Verbo em Português	Verbo no Guarani Paraguaio
1.	abraçar	añua

2.	apedrejar	moita
3.	atirar	japi
4.	bater (coisas)	mbota
5.	bater (pessoas)	nupa
6.	beijar	hetü
7.	comprar	jogua
8.	contar	papa
9.	dar	me'ë
10.	encontrar	juhu
11.	regar	ñoty
12.	tocar	poko
13.	trazer	guerü

TABELA 5 - Verbos atividade transitivos

<i>Verbos atividade</i>		
	Verbo em Português	Verbo no Guaraní Paraguaio
1	perguntar	porandu
2.	esperar	ha'arõ
3.	empurrar	myaña
4.	lavar	johéi

Em relação aos verbos intransitivos, observa-se que {-pa} pode modificá-los desde que haja um sujeito plural. Veja nos exemplos abaixo:

(47) Mitã-guera o-ha-pa-Ø
 Criança-pl 3S-sair-PA-NFut
 'Todas as crianças saíram'

(48) Mitã-guera o-ñembosarái-pa-Ø
 Criança-pl 3S-brincar-PA-NFut

‘Todas as crianças brincaram’

A sentença em (47) tem um verbo achievement intransitivo, enquanto a sentença em (48) tem um verbo atividade intransitivo. Esses verbos também se dividem em termos de apresentar ou não leitura durativa com o progressivo quando estão com sujeito singular.

(49) ?Mitã-guera o-ha-Ø hína
 Criança-pl 3S-sair-NFut IMPERF
 ‘Todas as crianças estavam saindo’

(50) Mitã-guera o-ñembosarái-pa-Ø hína
 Criança-pl 3S-brincar-PA-NFut IMPERF
 ‘Todas as crianças estavam brincando’

Como se pode observar, a sentença com verbo achievement se torna um pouco esquisita quando colocada na forma imperfectiva, diferentemente da sentença em (50). Isso nos faz chegar na definição das duas últimas tabelas dessa seção do capítulo: a de verbos intransitivos achievement e a de verbos intransitivos atividade.

TABELA 6 - Verbos intransitivos achievement

<i>Verbos achievement intransitivos</i>		
	Verbo em Português	Verbo no Guarani Paraguaio
1.	sair	ha
2.	sentar	guapy
3.	soltar	poi

TABELA 7 - Verbos intransitivos atividade

<i>Verbos atividade intransitivos</i>		
	Verbo em Português	Verbo no Guarani Paraguaio
1.	assoprar	mboyvytu
2.	brincar	ñembosarai

3.	caminhar	guata
4.	chover	ky
5.	correr	ñani
6.	dançar	jeroky
7.	descansar	pytu'u
8.	dormir	kë
9.	esperar	ha'arõ
10.	trabalhar	mba'apo
11.	ver	hecha
12.	vomitare	gue'ë

Retomando o que vimos nesta seção do artigo, pode-se afirmar que a única classe de verbos que aceita {-pa} sem que haja a pressuposição de um sujeito ou objeto plural é a classe dos accomplishments, que é definida na literatura como denotando eventos que possuem duração interna e ponto final determinado, acarretando na afetação de um objeto tema.

Na próxima seção do capítulo, veremos como Thomas (2007) a partir da teoria de Caudal & Nicolas (2005) se propõe a dar conta desses fatos da língua. A partir de sua proposta, apresentaremos alguns pontos de discussão.

2.5 Uma proposta de análise para {-pa} a partir da semântica escalar

Thomas (2007) oferece uma análise para a partícula {-pa} do dialeto Mbyá a partir de uma semântica escalar. Baseando-se no trabalho de Caudal & Nicolas (2005), o autor propõe que {-pa} é um modificador de grau que atribui um grau máximo a uma escala de quantidade.¹⁷

Caudal & Nicolas (2005) apresentam uma extensão da análise de Kennedy (1999b) e de Hay, Kennedy & Levin (1999), que trata de verbos deadjetivais, para outros tipos de verbo. Os autores visam estabelecer um paralelo entre os tipos de graus e tipos de estrutura de evento.

O foco principal do trabalho são modificadores de grau como 'completely', que estão ligados à noção de telicidade. A novidade desta proposta é associar uma estrutura de graus a predicados eventivos, que é responsável por definir o que é telicidade na predicação. Os autores

¹⁷ Agradeço a Guillaume Thomas pelos esclarecimentos acerca de sua proposta em comunicação pessoal.

assumem que tanto predicados estativos formados de adjetivos quanto predicados verbais télicos possuem um argumento de grau. O valor do argumento de grau é estabelecido por modificadores de grau como ‘completely’, que seleciona um grau máximo numa escala. Isso pode ser ilustrado com as sentenças a seguir:

- (51) a. The building is completely destroyed
‘O prédio está completamente destruído’
b. John completely ate the apple.
‘John comeu a maçã completamente’

Para os autores, nas sentenças acima o argumento de grau do predicado está medido por ‘completely’, que marca um valor máximo numa escala.

Para tratar predicados télicos atômicos, os achievements, que denotam eventos de mudança de estado pontual como ‘sair’, Caudal & Nicolas (2005) propõem a seguinte explicação: predicados atômicos não se combinam a modificadores como ‘half’ ou ‘completely’ porque denotam mudanças de estado sem duração interna e que envolvem apenas dois graus discretos na escala, um grau mínimo e um grau máximo. Todos os outros predicados télicos que possuem graus intermediários na escala, como aqueles mostrados acima, poderão ser medidos por esses modificadores.

- (52) a. *John left completely. (*atômico*)
‘John saiu completamente’
b. The students left completely (*não-atômico*)
‘Os alunos saíram completamente’

Nos exemplos acima observamos que quando o predicado denota um evento atômico, não pode ser modificado por ‘completely’. No entanto, é possível que se crie uma estrutura de escala para esse predicado se o NP denotar um grupo, como no caso de (52b).

Para tratar do fenômeno da escalaridade, os autores fazem uma diferenciação entre dois tipos de grau: grau de intensidade e grau de quantidade.

Escalas formadas por graus de quantidade estão ligadas a estruturas com tema incremental e são modificadas por ‘completely’, ‘half’ e ‘partially’, que são modificadores de proporção. Essas escalas são típicas de adjetivos de escala fechada. Escalas formadas por graus de intensidade estão normalmente ligadas a graus de adjetivos de escala aberta, que são modificados por intensificadores de grau como ‘extremely’ e ‘very’.

- (53) a. The building is completely/*very/*extremely destroyed. (*escala fechada*)
‘O edifício está completamente/muito/extremamente destruído’
b. John is *completely/very/extremely/ dumb. (*escala aberta*)
‘John é completamente/muito/extremamente tapado’

Analogamente, ‘very’/‘extremely’/‘a lot’ e ‘completely’/‘half’ se distribuem complementarmente em relação aos predicados. Predicados de escala aberta são modificados pelos primeiros, enquanto predicados de escala fechada são modificados pelo segundo, como se pode observar nos exemplos a seguir:

- (54) a. John ate the apple completely/*a lot (*escala fechada*)
‘John comeu a maçã completamente/muito’
b. The gap widened *completely/a lot. (*escala aberta*)
‘A fenda alargou completamente/muito’

Como mostram os exemplos acima, apenas predicados de escala fechada podem ser modificados por ‘completely’, porque possuem uma escala de quantidade¹⁸. Predicados de escala aberta se tornam agramaticais com este modificador porque possuem uma escala de intensidade.

Para explicitar a diferença entre esses dois tipos de escala, Caudal & Nicolas mostram como o padrão de inferências relacionado a cada escala é diferente. Esse padrão está exemplificado abaixo:

¹⁸ Um ponto que deixa dúvidas nessa análise é se predicados formados de adjetivos de escala fechada não podem mesmo ser modificados por intensificadores de grau, como afirmam Caudal & Nicolas (2005). A análise proposta neste trabalho argumenta em favor de que intensificadores de grau e modificadores de grau podem co-ocorrer. Isso será discutido e apresentado mais adiante, neste mesmo capítulo.

- (55) a. This wall is half painted → Half of the wall is painted [+quantidade]
 ‘Está parede está meio pintada’/ ‘Metade da parede está pintada’
 b. John is half drunk ≠ Half of John is drunk [+intensidade]
 ‘João é meio bêbado’ / ‘Metade do João está bêbado’

Os exemplos acima mostram que as escalas de quantidade estão associadas à medida do argumento afetado, enquanto escalas de intensidade estão associadas apenas à propriedade mensurada.

Utilizando-se dessa tipologia, os autores definem os tipos de escala associadas aos predicados eventivos. Quando modificados por ‘a lot’ ou algum outro intensificador de grau, serão considerados [+intensidade] e quando modificados por ‘completely’ (quando se referindo à proporção) ou algum outro modificador de proporção, serão considerados [+quantidade].

- (55) a. ??John ate his pancake a lot. (*escala [-intensidade]*)
 ‘John comeu sua panqueca muito’
 b. John ate his pacake completely (*escala [+quantidade]*)
 ‘John comeu sua panqueca completamente’
- (56) a. John dried his shirt perfectly. (*escala fechada [+intensidade]*)
 ‘John secou sua camisa perfeitamente’
 b. John dried his shirt completely/entirely. (*escala fechada [+quantidade]*)
 ‘John secou sua camisa completamente/inteiramente’
- (57) a. John convinced Mary perfectly (*escala fechada [+intensidade]*)
 ‘John convenceu Mary completamente/perfeitamente’
 b. *John convinced Mary completely/halfway
 ‘John convenceu Mary completamente/pela metade’ (*escala [-quantidade]*)

Dados os exemplos acima, observamos que pode haver escalas fechadas de intensidade assim como escalas fechadas de quantidade. Portanto, uma escala pode ser aberta ou fechada em relação à intensidade, sem que haja uma escala de quantidade relacionada à predicação. Dessa

maneira, define-se escalas de quantidade como sendo exclusivamente aquelas relacionadas à estrutura de partes do argumento afetado.

Ao contrário do que descreve Tonhauser (2006) para o Guaraní Paraguaio, Thomas identifica uma restrição lexical de {-pa} em relação a verbos atividade e a verbos achievement com argumento interno singular.

- (58) *Marcio o-guata-pa
Márcio 3S-caminhar-PA
'Márcio terminou de caminhar/ caminhou completamente. [Thomas, 2007]
- (59) *Márcio o-manã-mba
Márcio 3S-morrer-PA
'Márcio morreu completamente' [idem]
- (60) Oo o-kai-pa
casa 3S-queimar-PA
'A casa queimou completamente' [idem]

A explicação para esse fato, ilustrado nos exemplos acima, é que, segundo Caudal & Nicolas (2005), verbos atividade, como no exemplo (58) são verbos de escala aberta, enquanto verbos achievement, como no exemplo (59), são verbos que não possuem uma escala de duração. A modificação de {-pa} não seria possível porque esse morfema pode apenas atuar sobre escalas fechadas, como exemplificada em (60), que correspondem a escalas de quantidade na teoria de Caudal & Nicolas (2005). Nesta sentença, *oo* 'casa' é um argumento *bounded* que fornece uma escala fechada para o verbo *-kai* 'queimar', e por isso a modificação de {-pa} é possível.

Em predicados estativos {-pa} é aceito apenas quando o adjetivo possui escala fechada. Com adjetivos de escala aberta, predicados modificados por {-pa} se tornam agramaticais:

- (61) Yy i-piru-pa
Lago 3-seco-PA
'O lago está completamente seco' [idem]

- (62) *Maria h-ovy' a-pa
 Maria 3-feliz-PA
 'Maria está completamente feliz'

Nos exemplos acima vemos que {-pa} pode apenas modificar o adjetivo *piru* 'seco' e não o adjetivo *hovy'a* 'feliz'. Isso ocorre porque o primeiro é um adjetivo de escala fechada e o segundo é um adjetivo de escala aberta.

Thomas (2007) também descreve ocorrência de {-pa} a qual nomeia como modificador de argumento. Essa ocorrência se assemelha ao que foi descrito de {-pa} em (63):

- (63) Maria o-hexa-pa Márcio.
 Maria 3S-ver-PA Márcio
 'Maria viu Márcio completamente' [idem]
- (64) Maria o-hexa-pa ava-kue
 Maria 3S-ver-PA homem-PL
 'Maria viu todos os homens' [idem]

Apesar de os dados da língua, assim como as descrições anteriores apontarem na direção de {-pa} é um quantificador universal, o autor o classifica como um pseudo-quantificador universal, uma vez que {-pa} modifica apenas argumentos absolutivos. Essa afirmação se apóia na descrição de Dooley (2006) que propõe que a língua possa ter características de uma língua ergativa-absolutiva. Quando usado em construções transitivas, {-pa} modifica o objeto, e quando usado em construções intransitivas, pode modificar o sujeito:

Sentença com verbo transitivo e argumento externo plural

- (65) *Kunha-gue o-hexa-pa Marcio
 mulher-pl 3S-ver-PA Marcio
 'Todas as mulheres viram Márcio' [idem]

Sentença com verbo intransitivo e argumento plural

- (66) Ava-kue o-porai-pa
 homem-pl 3S-cantar-PA
 ‘Todos os homens cantaram’ [idem]

Outro argumento apresentado no texto contra a ideia de que {-pa} funcionaria como um quantificador universal é o fato de a partícula exigir a pressuposição de definitude, como mostram os exemplos abaixo com verbo locativo/existencial *ikuai* ‘haver.plural’ em que (67) não possui pressuposição de definitude, mas (68) possui:

(67) Contexto: Você vai à cozinha com seu amigo e vê ratos correndo para debaixo da mesa. Surpreso, você exclama:

- a. I-kuai anguja kosinha py
 3-haver rato cozinha em
 ‘Há ratos na cozinha’
- b. *I-kuai-pa anguja kosinha py
 3-haver.pl rato cozinha em
 ‘Todos os ratos estão na cozinha’ [idem]

(68) Contexto: Você e seu amigo estão olhando para três ratos que estão escondidos na casa. Seu amigo achou os ratos, e disse:

- a. I-kuai anguja kosinha py
 3-haver rato cozinha em
 ‘Há ratos na cozinha’
- b. I-kuai-pa anguja kosinha py
 3-haver.pl rato cozinha em
 ‘Todos os ratos estão na cozinha’ [idem]

Por fim, o autor apresenta mais um argumento contra a análise de {-pa} como um quantificador universal: {-pa} só tem leitura de escopo estreito em contextos em que há um sujeito existencial. No entanto, espera-se que um quantificador universal possa possuir escopo sobre esse quantificador existencial do sujeito. Observe-se o exemplo abaixo, citado pelo autor:

(69) Petei kunha o-hexa-pa kyrin-gue
 um mulher 3S-ver-PA criança-pl
 ‘Uma mulher viu todas as crianças’

Ok - Contexto 1: Maria viu Poty, João e Vera

Não – Contexto 2: Maria viu Poty, Juliana viu João e Carolina viu Vera.

No exemplo acima, observamos que {-pa} só possui a leitura de escopo estreito, não podendo ter a leitura em que tem escopo sobre o quantificador existencial.

A partir desses fatos, Thomas (2007) sugere que se analise esses dados como uma outra instância de modificação de grau, além daquela proposta para verbos accomplishment. Dessa maneira, assume que argumentos plurais e de massa podem ser associados a uma estrutura escalar. Assim consegue-se uma análise unificada do morfema {-pa}, que irá se associar ao valor máximo de uma escala, seja ela do tema incremental de um verbo accomplishment, seja ela uma escala de um conjunto de indivíduos plurais, tratados dentro da perspectiva de semi- reticulados (Landman, 1991).

Thomas (2007) propõe a seguinte entrada lexical para {-pa}, em que Δ é um operador que toma um expressão graduável como input e seleciona seu grau máximo, e Φ é um operador que toma dois argumentos e aplica um outro de acordo com os seus tipos:

(70) $[[\text{-pa}]]^{\text{M,g}} = \lambda P.\lambda Q.\Phi(\Delta(P))\Delta(Q)$

Para o autor, Δ é interpretado apenas quando o argumento é de tipo $\langle e, \langle s, dt \rangle \rangle$ e está associado a uma escala fechada de graus. Isso explicaria porque {-pa} modifica apenas predicados graduáveis.

Para gerar a leitura com adjetivos, Thomas assume a seguinte leitura para VP estativo formado por adjetivo:

$$(71) \quad [[VP]] = [[piru]]^{M,d} = \lambda x.\lambda s.\lambda d.s\downarrow(\lambda s.\text{estar seco}(d)(s')(x))$$

A esse VP, se aplica a função Δ , que toma como input uma propriedade graduável R e quantifica existencialmente o argumento de grau e identificando-o ao seu grau máximo:

$$(72) \quad \Delta = \lambda R.\lambda x.\lambda s.\exists d[R(d)(s)(x) \ \& \ d = \max(S_R)]$$

A aplicação de VP a Δ se dá da seguinte maneira:

$$(73) \quad \Delta([VP]) = \lambda x.\lambda s.\exists d[s\downarrow.\text{be dry}(d)(s')(x) \ \& \ d = \max(S_{\text{seco}})]$$

Essa função toma o VP ‘estar seco’ e retorna algo como ‘estar seco num grau máximo de secura’. A estrutura proposta por Thomas (2007) se difere daquela proposta por Kennedy (1999b) porque assume uma variável de evento para predicados estativos. Um problema em relação a essa formalização, é que ela prevê que {-pa} opera sobre o argumento de grau do adjetivo. Como na formalização de Caudal & Nicolas (2005) adjetivos de escala fechada possuem escala de quantidade e adjetivos de escala aberta possuem grau de intensidade, não fica clara qual a diferença entre esses dois tipos de grau em termos formais. Isso significa que a formalização para ‘estar inteiro seco’ e ‘estar completamente seco (sem nenhum grau de umidade)’ gera as mesmas condições de verdade, o que não é corroborado empiricamente.

Para tratar dos casos em que {-pa} opera sobre a estrutura escalar de um NP contável, Thomas introduz a função μ^c , que se aplica um NP contável e transforma uma propriedade em um propriedade graduável.

$$(74) \quad [[\mu^c]] = \lambda P^*\lambda x.\lambda s.\lambda d.P^*(s)(x) \ \& \ S_p = \{d'|d' \in N^+ \ \& \ 0 < d' \leq C(\sigma y.P(y)(s)) \ \& \ d \in SP \ \& \ C(x)/C(\sigma y.P^*(s)(y)) = d/\max(SP)\}$$

Quando a predicção ocorre com nomes massivos, a função que se aplica ao NP é a seguinte:

$$(75) \quad [[\mu^M]] = \lambda M \lambda x \lambda s \lambda d. M(s)(x) \ \& \ SM =]0,1] \ \& \ d \in SM \ \& \ d = \eta(x) / \eta(\sigma_y.M(s)(y))$$

A ideia é que o sintagma nominal é transformado numa propriedade graduável, que irá receber a modificação de grau de {-pa}. No entanto, como o verbo também possui uma variável de grau, ao atribuir a modificação de grau, {-pa} acaba atuando sobre as duas escalas, gerando condições de verdade inadequadas. Observe:

$$(76) \quad \text{Mitã-guera} \quad \text{o-karu-pa-}\emptyset \\ \text{Criança-plural 3S-comer-PA-NFut} \\ \text{'Todas as crianças comeram'}$$

A sentença acima é boa em um contexto em que todas as crianças comeram pelo menos um pouco, uma vez que *karu* 'comer' não é um verbo com ponto final inerente no Guaraní Paraguaio. Se há uma variável de grau tanto no verbo quanto no nome e {-pa} estabelece uma relação entre o evento e a quantidade do sujeito, então a leitura que se tem é que 'Todas as crianças terminaram de comer', o que contraria os fatos da língua.

Outra coisa que essa análise falha em prever é por que a modificação de {-pa} não revela um grau máximo de {-pa} em relação a uma propriedade, mas apenas o grau de afetação de um objeto em relação a um propriedade. O exemplo a seguir nos ilustra isso:

$$(77) \quad \text{Pe} \quad \text{ao} \quad \text{i-ky'a-pa} \\ \text{Esse} \quad \text{roupa} \quad \text{TRIB-sujo-PA} \\ \text{'Essa roupa está completamente suja'}$$

A leitura adequada para o exemplo acima não é a de que a roupa ficou num grau máximo de sujeira, mas a de que a roupa ficou suja em todas as suas partes. É possível que uma roupa esteja suja em todas as partes, sem que tenha atingido um grau máximo de sujeira - se é que existe um grau máximo para 'sujo'. Nesse caso, {-pa} mede o grau de afetação das partes da

roupa em relação à sujeira. A derivação das condições de verdade proposta por Thomas (2007) não permite que uma leitura se diferencie da outra, uma vez que {-pa} quantifica sobre o argumento de grau do adjetivo. Ainda, essa análise exige que *ky'a* ‘sujo’ tenha uma escala fechada, ou seja, uma escala com um grau máximo de sujeira.

Uma consequência desse problema é que essa análise prevê que não poderá haver nenhuma modificação de intensidade sobre o adjetivo quando {-pa} está presente na sentença, o que não se sustenta empiricamente:

(78) Pe ao i-ky'a-pa ite
 Esse roupa ATRIB-sujo-PA muito
 ‘Essa roupa está toda muito suja’

A sentença acima é verdadeira em uma situação em que a roupa está com todas as suas partes afetadas por um grau intenso de sujeira. Nesse caso, o adjetivo é tanto modificado por {-pa} quanto por *ite* ‘muito’. Se {-pa} satura o argumento de grau do adjetivo, não seria possível que *ite* ‘muito’ modificasse o mesmo adjetivo. Esses argumentos serão retomados posteriormente neste capítulo, quando apresentarei minha proposta de análise.

Portanto, a análise de {-pa} em relação a adjetivos de escala fechada dada por Thomas (2007) deve ser revista, uma vez que {-pa} pode se combinar a adjetivos que possuem uma escala de intensidade aberta, mas possuem uma relação incremental com o sujeito, como *ky'a* ‘sujo’. O que pretendo mostrar com este trabalho é que {-pa} não modifica qualquer tipo de escala fechada, mas apenas aquelas escalas associadas a uma relação incremental. Para tanto, é preciso que haja composicionalmente uma maneira de criar escalas de quantidades nos adjetivos sem que o modificador dessa escala sature o grau dado pela entrada lexical do adjetivo, normalmente associado à escala de intensidade.

Na próxima seção, apresento a formalização para escalas de quantidade de Bochnak (2010), que se difere daquela proposta por Caudal & Nicolas (2005) porque deriva as escalas de quantidade composicionalmente, sem inserir uma variável de grau no evento.

2.6 Bochnak (2010): escalas de quantidade formadas composicionalmente

Bochnak (2010) apresenta uma análise do modificador ‘half’, propondo uma solução formal para o que Caudal & Nicolas (2005) chamam de *escala de quantidade*. A seguir, apresentarei a proposta de Bochnak, que será utilizada como base para desenvolver minha proposta de análise de {-pa}.

Em seu artigo, Bochnak (2010) desenvolve uma análise para ‘half’ em diferentes domínios: adjetival, nominal e verbal. Essa análise procura explicar os diferentes usos de ‘half’ a partir de uma perspectiva escalar. Em (79), temos um exemplo de ‘half’ modificando adjetivos graduáveis. Em (80), ‘half’ modifica uma estrutura nominal partitiva. Em (81), ‘half’ modifica VP’s.

Adjetivos graduáveis

- (79) a. The glass is half full.
‘O copo está meio cheio’
b. The cake is half baked.
‘O bolo está meio assado’

Partitivos

- (80) a. Jerome ate half (of) the cherries.
‘Jerome comeu metade das cerejas’
b. Half (of) the books are on the table.
‘Metade dos livros está em cima da mesa’

Sintagmas verbais

- (81) a. The girls half washed the dishes.
‘As meninas lavaram a louça pela metade.’
b. John half ate an apple.
‘John comeu o bolo pela metade’

Para o autor, todas as ocorrências de ‘half’ exemplificadas acima têm um significado escalar e por isso o autor busca tratar todas elas dentro de uma mesma entrada lexical para ‘half’. O fato de a mesma forma fonológica aparecer nos três contextos é considerado uma evidência de

que uma análise unificada de ‘half’ é a mais adequada¹⁹. Bochnak parte, então, de uma análise baseada em graus para adjetivos, para estender a proposta ao caso dos partitivos e modificador de VP.

De acordo com Bochnak (2010), ‘half’ só pode ocorrer com escalas totalmente fechadas, seguindo a classificação de Kennedy & McNally (2005) para adjetivos graduáveis. Pode-se observar isso nos exemplos abaixo:

- (82) a. The glass is half full / The door is half open. (*escala totalmente fechada*)
‘O copo está meio cheio’ / ‘A porta está meio aberta’
- b. *Taylor is half tall / old. (*escala aberta*)
‘Taylor é meio alta / velha’
- c. *The room is half safe/dangerous. (*escala parcialmente fechada*)
‘O quarto é meio seguro / perigoso’

Nos exemplos acima observamos que ‘half’ modifica apenas adjetivos absolutos de escala totalmente fechada. Isso se explica pelo fato de que para ‘half’ apontar o meio da escala, é necessário que o valor máximo e o valor mínimo esteja estabelecido. A função que seleciona o ponto médio de uma escala é a seguinte:

$$(83) \quad [[\text{half}]] = \lambda G_{\langle d, et \rangle}. \lambda x. G(x)(\text{mid}(S_G))$$

¹⁹ No PB, pode-se pensar que a tradução correspondente a ‘half’ tem duas formas fonológicas: ‘meio’ e ‘metade de’. A primeira seria usada para medir graus de intensidade, podendo ser usada com adjetivos de escala aberta ou fechada. A segunda só é usada em relação a quantidades em construções partitivas e VP’s.

- (1) a. O copo está meio cheio/vazio. (adjetivo de escala fechada)
b. João está meio triste/feliz. (adjetivo de escala aberta)
- (2) a. João comeu metade dos biscoitos.
b. João lavou metade dos copos.
- (3) a. João lavou o carro pela metade.
b. João lavou os copos pela metade.

Isso poderia ser considerado como um contra-argumento para uma análise translinguística de modificadores como ‘half’. No entanto, observamos que ‘meio’ tem um uso distinto de ‘half’, já que não opera sobre quantidades, mas sobre intensidades, podendo modificar adjetivos de escala aberta. Deixo esse tópico em aberto, mas pontuo que ‘meio’ e ‘metade de’ não podem ser considerados duas formas fonológicas da mesma entrada lexical, uma vez que operam sobre tipos de escala diferentes. Dessa maneira, assumo aqui que não há uma contraparte para ‘half’ no PB.

Na entrada lexical acima, G representa um predicado graduável e ‘half’ seleciona o ponto médio da escala dada por esse predicado. O autor usa a notação $\mathbf{mid}(S_G)$ como uma abreviação da função diferencial que calcula o ponto médio da escala a partir da equidistância entre seu ponto máximo e o ponto mínimo. Essa função está proposta em Kennedy & McNally (2005):

$$(84) \quad [[\text{half}]] = \lambda G_{\langle d, et \rangle}. \lambda x. \exists d [\text{diff}(\max(S_G))(d) = \text{diff}(d)(\min(S_G)) \wedge G(d)(x)]$$

Como se pode observar, ‘half’ quantifica existencialmente a variável d , retornando um grau na escala que equivale ao seu ponto médio. Assim, quando aplicada a um adjetivo como ‘closed’, essa função retorna um grau na escala dada pelo adjetivo ‘closed’ que corresponde a equidistância entre o ponto máximo de ‘closed’ e o ponto mínimo de ‘closed’. Veja a derivação a seguir:

$$(85) \quad \begin{aligned} \text{a. } & [[\text{half}]] = \lambda G_{\langle d, et \rangle}. \lambda x. G(x)(\mathbf{mid}(S_G)) \\ \text{b. } & [[\text{half}]] ([[\text{closed}]]) = \lambda G_{\langle d, et \rangle}. \lambda x. G(x)(\mathbf{mid}(S_G)) (\lambda d. \lambda y. \text{closed}(y)=d) \\ & = \lambda x. (\lambda d. \lambda y. \text{closed}(y)=d) (x) (\mathbf{mid}(S_{\text{closed}})) \\ & = \lambda x. \text{full}(x) = \mathbf{mid}(S_{\text{closed}}) \end{aligned}$$

O resultado da derivação é que a escala de ‘closed’ está medida através do estabelecimento de um grau. No entanto, o autor retoma a afirmação de Caudal & Nicolas (2005) de que há dois tipos diferentes de escalas para adjetivos: uma escala baseada na propriedade denotada pelo adjetivo e outra baseada na estrutura das partes do argumento nominal, que é a escala de quantidade. ‘Half’ modifica apenas a escala de quantidade e não a escala da propriedade da pelo adjetivo. Para ilustrar seu ponto de vista, Bochnak usa como exemplo o adjetivo ‘cooked’:

$$(86) \quad \begin{aligned} & \text{The meat is half cooked.} \\ & \text{‘A carne está cozida pela metade’} \end{aligned}$$

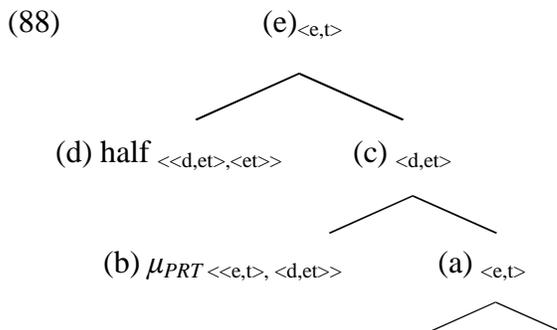
Segundo o autor, no exemplo acima há duas escalas em questão: a escala que diz respeito ao grau de cozimento da carne e a escala que o nominal ‘the meat’ apresenta. Por ser *bounded*, esse argumento oferece uma escala fechada sobre a qual a propriedade do adjetivo se aplica. Nesse caso, há duas leituras para sentença acima: i) o grau de cozimento da carne é ‘metade’ ou ii) a proporção da carne que ficou cozida é metade. Para esclarecer a diferença entre essas leituras, Bochnak utiliza-se da análise de ‘half’ operando sobre nominais, como no caso das construções partitivas, e sobre eventos, como no caso da modificação de VP.

Para tratar do uso de ‘half’, Bochnak (2010) propõe a existência de uma escala de **quantidade** sobre a qual ‘half’ opera. A existência desse tipo de escala já havia sido proposta por Caudal & Nicolas (2005), porém com uma formalização diferente, já que Bochnak opta por uma formalização que não inclui o argumento de grau *d* na entrada lexical do verbo. Isso será discutido mais adiante.

No caso dos partitivos, a escala de quantidade é introduzida por uma função que relaciona a o argumento nominal ‘bounded’ a uma escala. Essa função, chamada μ , de acordo com a proposta por Scharwzchild (2006) é gerada entre um *of-PP* e o valor da medida. A sua denotação é a seguinte:

$$(87) \quad [[\mu_{PRT}]] = \lambda P_{\langle e,t \rangle} . \lambda d . \lambda x . P(x) \wedge \text{quantity}(x)=d$$

A função λP acima relaciona a quantidade de um argumento a uma escala. Essa quantidade é que determina o valor da quantidade de *x* na escala. Para que a função tome um argumento de tipo $\langle e,t \rangle$, assume-se, de acordo com a proposta de Ladusaw (1982 apud Bochnak, 2010) que ‘of’ é um *type-shifter*, que toma um algo de tipo *e* e retorna um tipo $\langle e,t \rangle$. Assim, a estrutura fica como a árvore desenhada abaixo:



of $\langle e, et \rangle$ the books $\langle e \rangle$

- a. $[[\text{of}]] ([[\text{the books}]]) = \lambda x. x \leq \text{the books}$
- b. $[[\mu_{PRT}]] = \lambda P. \lambda d. \lambda x. P(x) \wedge \text{quantity}(x)=d$
- c. $[[\mu_{PRT}]] ([[\text{of the books}]]) = \lambda d. \lambda x. x \leq \text{the books} \wedge \text{quantity}(x)=d$
- d. $[[\text{half}]] = \lambda G. \lambda x. G(x)(\text{mid}(S_G))$
- e. $[[\text{half}]] ([[\mu_{PRT} \text{ of the books}]]) = \lambda x. x \leq \text{the books} \wedge \text{quantity}(x) = \text{mid}(S_{\text{of the books}})$

Na formalização acima, vemos como ‘of’ muda o tipo semântico de ‘the books’, transformando-o num partitivo. Esse ‘of-PP’ é tomado por μ_{PRT} , que retorna um predicado em relação a uma escala. Em seguida, ‘half’ satura a variável d desse predicado.

Bochnak se utiliza de dois argumentos para fundamentar a sua análise: i) ‘half’ é incompatível classes nominais abertas (unbounded) e, em consequência, ii) ‘half’ é incompatível com pseudo-partitivos. Observem-se os exemplos abaixo:

- (89) a. Half of the cherries / half of the applesauce
‘metade das cerejas’ / ‘metade do purê do maçã’
- b. *Half of cherries / *half of applesauce
‘metade de cerejas’ / ‘metade de purê de maçã’

Pelos exemplos acima percebemos que quando os argumentos aparecem *unbounded*, a modificação de ‘half’ não é possível. Isso ocorre porque ‘cherries’ e ‘applesauce’ não oferecem escalas fechadas para que ‘half’ possa medir o seu ponto médio. O mesmo ocorre com os pseudo-partitivos abaixo:

- (90) a. Half of the Americans / of all Americans own a pet.
‘Metade dos americanos / de todos os americanos têm um animal de estimação’
- b. Half of Americans polled own a pet.
‘Metade dos americanos entrevistados têm um animal’
- c. ?Half of Americans own a pet.
‘Metade de americanos têm um animal de estimação’

Bochnak estende essa mesma análise para os casos em que ‘half’ modifica um VP. Ele argumenta que ‘half’ mede a extensão do evento representado pelo VP.

- (91) a. The girls half washed the dishes.
 ‘As meninas lavaram a louça pela metade’
 b. John half ate an apple.
 ‘John comeu a maçã pela metade’

Nos exemplos acima, ‘half’ mede a extensão do evento de lavar louça e a extensão do evento de comer a maçã. Bochnak atribui essa relação ao fato de os predicados serem incrementais: ou seja, o objeto mede a extensão do evento (Dowty, 1991; Tenny, 1994). Para ele, modificadores de proporção como ‘half’ na verdade medem a quantidade do tema incremental. Isso se comprova quando observamos que ‘half’ não pode medir VP’s como nomes massivos ou bare nouns:

- (92) a. John half ate the apples.
 ‘John comeu as maçãs pela metade’
 b. ??John half ate apples / applesauce.
 ‘John comeu maçãs / purê de maçã pela metade’

Como observamos acima, ‘half’ pode apenas medir predicados com argumento *bounded*, ou seja, predicados télicos. Quando o predicado possui apenas a leitura atélica, ‘half’ não pode modificar o VP. Isso ocorre porque ‘half’ opera apenas sobre escalas fechadas.

A relação entre a estrutura do evento e a estrutura de partes do objeto de tema incremental é aquela dada por Krifka (1992), já mencionada anteriormente neste capítulo.

- (93) a. *Mapeamento em objetos*
 $\forall R[\mathbf{MAP-O}(R) \leftrightarrow \forall e \forall e' \forall x][R(e, x) \wedge e' \sqsubseteq_E e \rightarrow \exists x'[x' \sqsubseteq_{OX} \wedge R(e', x')]]$
 b. *Mapeamento em eventos*
 $\forall R[\mathbf{MAP-E}(R) \leftrightarrow \forall e \forall x \forall x'][R(e, x) \wedge x' \sqsubseteq_{EX} \rightarrow \exists e'[e' \sqsubseteq_{OE} \wedge R(e', x')]]$

A relação de mapeamento do objeto acima descrita garante que para cada subparte de um evento, existe uma subparte de um objeto correspondente. A relação de mapeamento de evento, complementar ao mapeamento do objeto, garante que para cada subparte de objeto, existe um subevento correspondente. Dessa maneira, está definido o homomorfismo entre a estrutura do evento e a estrutura do objeto em predicacões incrementais.

Caudal & Nicolas (2005) introduzem uma relação paralela, em que as subpartes do evento não são mapeadas nas subpartes do objeto, mas em graus. Essa relação está descrita abaixo:

(94) a. *Mapeamento em graus*

$$\forall R[\mathbf{MAP-D}(R) \leftrightarrow \forall e \forall e' \forall d][R(e, d) \wedge e' \sqsubseteq_E e \rightarrow \exists! d' [d' \sqsubseteq_{Od} \wedge R(e', d')]]$$

b. *Mapeamento em eventos*

$$\forall R[\mathbf{MAP-E}(R) \leftrightarrow \forall e \forall d \forall d'][R(e, d) \wedge 0 < d' \leq d \rightarrow \exists! e' [INI(e, e') \wedge R(e', d')]]$$

Essas relações garantem que para cada subparte do evento existe um grau correspondente a essa subparte. O predicado $INI(e', e)$ garante que um subevento e' é a parte inicial de um evento e , o que garante que ler uma página no meio de um livro não possa corresponder a ler metade do livro.

A análise de Caudal & Nicolas (2005) mostra que uma análise escalar para os fenômenos aspectuais é possível. No entanto, Bochnak mostra que, além de não deixar claro como a estrutura do argumento nominal se relaciona com o evento - por assumir que telicidade é um questão apenas de satisfazer a relação de mapeamento em graus e mapeamento em eventos -, essa análise ainda inclui o argumento de grau na entrada lexical do verbo. Nesse sentido a análise de Bochnak (2010) é superior, porque evidências empíricas sustentam o fato de verbos de tema incremental não lexicalizarem um argumento de grau.

Um desses argumentos empíricos está citado em Rappaport-Hovav (2008 apud Bochnak, 2010). A autora mostra que verbos de tema incremental podem aparecer em construções resultativas, que introduzem vários tipos de escalas. Segundo Bochnak (2010), se eles possuíssem uma escala lexicalizada, esperaria-se que as construções resultativas não fossem possíveis com esses verbos.

- (95) a. Keelin scrubbed the table clean.
'Keelin esfregou a mesa até ela ficar limpa.'

Embora esse argumento de Bochnak seja mais fraco - porque não explicita exatamente por que além da escala dada lexicalmente pelo verbo, não pode haver a sobreposição de outras escalas - leva-me a pensar em outro argumento que vai na mesma direção. Se as escalas fossem lexicalizadas, não haveria como prever que apenas modificadores de proporção pudessem operar sobre escalas incrementais e não modificadores de grau de intensidade:

- (96) a. ?John intensively ate the apples.
'John comeu as maçãs intensamente'

Se as escalas de quantidade fossem lexicalizadas, a sentença acima deveria poder ser verdade em uma situação em que 'intensively' mede a quantidade de maçãs comidas, ou seja, que significasse que João comeu muitas maçãs, o que claramente não é o caso. De qualquer forma, é possível observar que há verbos sem tema incremental que apresentam uma escala de intensidade, provavelmente lexicalizada. É o caso dos verbos atividade, como mostra o exemplo a seguir:

- (97) a. João trabalhou muito.
b. João correu intensamente.

Nesses casos, os modificadores de grau de intensidade 'muito' e 'intensamente' parecem afetar uma propriedade abstrata dos verbos relacionada à intensidade. Como este não é objeto de análise deste trabalho, deixarei em aberto a explicação da natureza dessa escala de intensidade, possivelmente lexicalizada, dos verbos atividades²⁰. O objetivo aqui é mostrar que em verbos de tema incremental, se essa escala lexicalizada estiver disponível, ela não corresponde à escala de quantidade que mede a extensão do evento. Assim, meu posicionamento teórico diverge do posicionamento de Bochnak (2010) em relação a escalas lexicalizadas no verbo, pois admito a

²⁰ Sanchez-Mendes (2011) apresenta uma análise para verbos atividade que inclui um argumento de grau na entrada lexical do verbo correspondente à escala de intensidade destes verbos.

possibilidade de haver tais escalas. Por outro lado, endosso o posicionamento de Bochnak ao afirmar, ao contrário de Cauldal & Nicolas (2005), que escalas de quantidade relacionadas ao tema incremental não estão dadas na entrada lexical do verbo²¹.

Para justificar essa sua análise, Bochnak (2010) apresenta ainda um outro argumento, baseando-se em Gawron (2007 apud Bochnak, 2010): VP's de tema incremental não podem aparecer em estruturas de comparação ou outras construções de grau, como seria esperado de um verbo com argumento de grau lexicalizado.

(98) João é mais alto que Pedro.

- (99) a. ??Tom wrote the paper more than Tom did.
'Tom escreveu o artigo mais do que o Tom'
b. ??Tom wrote the paper too much
'Tom escreveu o artigo muito'
c. ??Tom wrote the paper so much that he went crazy.
'Tom escreveu o artigo tanto que ele ficou louco.'

Como vemos acima, verbos de tema incremental não aceitam facilmente algumas construções de grau. No entanto, se a comparação ou a modificação de grau incide sobre a escala de quantidade do argumento interno do verbo, então temos os exemplos abaixo, todos gramaticais.

- (100) a. Tim wrote more of the paper than Tom did.
'Tim escreveu mais do artigo que Tom'
b. Tim wrote too much of the paper.
'Tim escreveu muito do artigo'
c. Tim wrote so much of the paper that went crazy.

²¹ Esse posicionamento se justificará mais adiante, quando proporei que adjetivos e verbos deadjetivais também possuem uma escala de tema incremental, além da sua escala de intensidade.

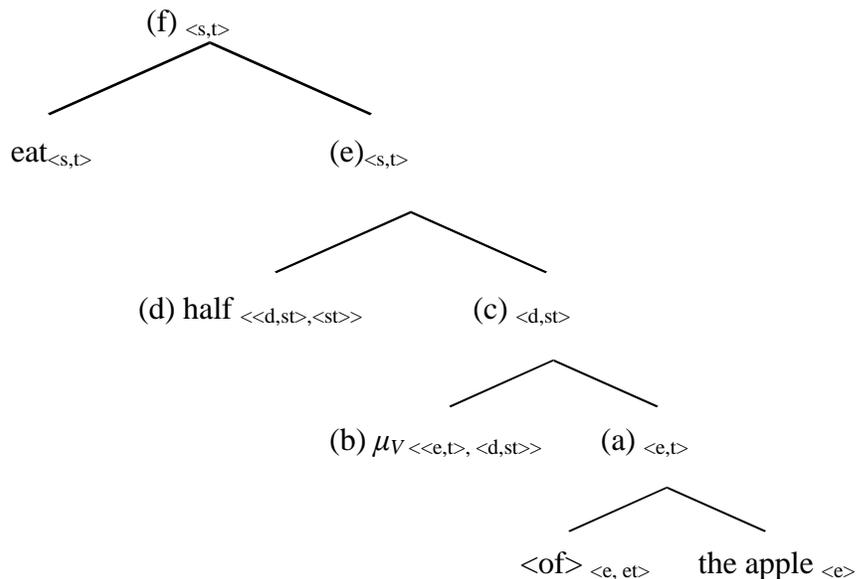
Bochnak (2010) argumenta que ‘half’, ‘partially’, ‘mostly’ e ‘completely’ são os poucos modificadores de grau que podem modificar verbos de tema incremental. Segundo a análise que proponho {-pa} é um modificador que integra essa classe de modificadores que atuam sobre escalas de quantidade.

Para licenciar esse argumento de grau na predicação sem ter que assumir que o grau está no argumento nominal, Bochnak (2010) propõe uma variante da função μ , que relaciona a estrutura de partes do objeto a graus. O autor ainda assume que há elemento partitivo em todas as construções de grau, sem que ‘of’ seja pronunciado. Esse ‘of’ exerce a função de *type shifter* e garante que a estrutura das partes do objeto esteja disponível. A função μ , em sua variante para VP’s é a seguinte:

$$(101) \quad [[\mu_V]] = \lambda P.\lambda d.\lambda e.\exists x.[P(x) \wedge \text{theme}(e)(x) \wedge \text{quantity}(x)=d]$$

Essa função toma um argumento partitivo de tipo $\langle e,t \rangle$ e retorna um propriedade graduável de eventos. Assim, a quantidade de x que participa como tema do evento e é igual a d . A derivação ocorre da seguinte maneira:

- (101) John half ate the apple
 ‘John comeu a maçã pela metade’



- a. $[[\langle \text{of} \rangle]] ([[\text{the apple}]]) = \lambda x. x \leq \text{the.apple}$
- b. $[[\mu_V]] = \lambda P. \lambda d. \lambda e. \exists x. [P(x) \wedge \text{theme}(e)(x) \wedge \text{quantity}(x)=d]$
- c. $[[\mu_V \langle \text{of} \rangle \text{the apple}]] = \lambda d. \lambda e. \exists x [x \leq \text{the.apple} \wedge \text{theme}(e)(x) \wedge \text{quantity}(x)=d]$
- d. $[[\text{half}]] = \lambda G. \lambda x. G(x)(\text{mid}(S_G))$
- e. $[[\text{half } \mu_V \langle \text{of} \rangle \text{the apple}]] = \lambda e. \exists x [x \leq \text{the.apple} \wedge \text{theme}(e)(x) \wedge \text{quantity}(x) = \text{mid}(S_{\text{the apple}})]$
- f. $[[\text{eat half } \mu_V \langle \text{of} \rangle \text{the apple}]] = \lambda e. \text{eat}(e) \wedge \exists x [x \leq \text{the.apple} \wedge \text{theme}(e)(x) \wedge \text{quantity}(x) = \text{mid}(S_{\text{the apple}})]$

A derivação acima mostra como a função μ_V funciona. A única diferença em relação aos partitivos é que μ_V insere uma relação temática entre o evento e o objeto. O passo f da derivação se refere à identificação de eventos de Kratzer (2006 apud Bochnak, 2010).

De acordo com a análise proposta por Bochnak (2010) é possível estabelecer uma maneira de derivar composicionalmente as condições de verdade para predicados com tema incremental sem que se precise estabelecer que há um argumento de grau na entrada lexical dos verbos. Na seção seguinte, procurarei estender essa proposta para os adjetivos de grau que possuem escalas de quantidade.

2.7 -pa e escalas de quantidade: uma nova proposta de análise

Na seção 2.6 deste capítulo foi explicitada a análise de Bochnak (2010) para as escalas de quantidade. Nesta seção, procurarei aplicar essa análise aos verbos do Guarani Paraguaio e estendê-la também aos adjetivos.

A partir da descrição do comportamento dos verbos e adjetivos do Guarani Paraguaio em relação à partícula {-pa}, há alguns fatos que precisam ser explicados. A partir daqui apresentarei os detalhes da minha análise para esses dados que visa explicar os seguintes fatos:

- i) ocorrência de {-pa} com verbos e adjetivos
- ii) a agramaticalidade de {-pa} em relação a alguns adjetivos que aparentemente possuem escala fechada

- iii) a co-ocorrência de {-pa} com intensificadores de grau
- iv) a relação de {-pa} com predicados incrementais

Ainda, a partir da proposta aqui elaborada, pretendo estender a análise do Guarani Paraguaio a alguns dados do Português Brasileiro e do Inglês que parecem se comportar de maneira semelhante e servem como evidência adicional para esta proposta, considerando que este possa ser um fenômeno aplicável a todas as línguas naturais.

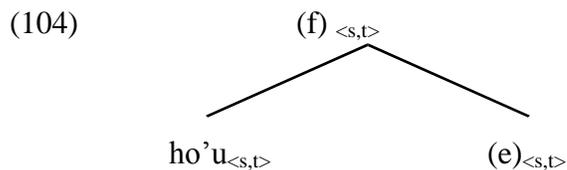
Será assumido neste trabalho, conforme já explicitado, que {-pa} possui a mesma entrada lexical de ‘completely’:

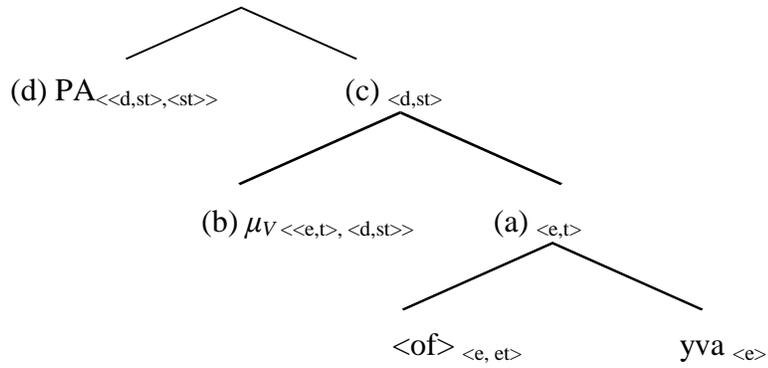
$$(102) \quad [[pa]] = \lambda G.\lambda x.\exists d[d = \max(S_G) \wedge G(d)(x)]$$

Assumiremos também que {-pa} opera apenas sobre escalas de quantidade, assim como Thomas (2007). No entanto, não assumiremos que essas escalas são dadas lexicalmente por verbos ou adjetivos, mas composicionalmente, de acordo com o modelo proposto por Bochnak (2010).

Em relação aos verbos, observamos que {-pa} só pode modificar aqueles que possuem tema incremental quando o objeto é singular. Verbos atividade ou achievement, que não possuem um argumento interno que mede o evento não aceitam a modificação de {-pa}. Para os casos de verbos accomplishment, {-pa} operará então sobre a escala de quantidade de tema incremental dada pelo argumento interno direto do verbo. A estrutura sintática dessa derivação será a mesma estrutura proposta por Bochnak (2010) para ‘half eat the apple’:

- (103) Juan ho’u-pa-Ø yva
 Juan 3.comer-PA-NFut fruta
 ‘Juan comeu toda a fruta’





- a. $[[<of>]] ([[yva]]) = \lambda x. x \leq yva$
- b. $[[\mu_V]] = \lambda P. \lambda d. \lambda e. \exists x. [P(x) \wedge \text{theme}(e)(x) \wedge \text{quantity}(x)=d]$
- c. $[[\mu_V <prep> yva]] = \lambda d. \lambda e. \exists x [x \leq yva \wedge \text{theme}(e)(x) \wedge \text{quantity}(x)=d]$
- d. $[[PA]] = \lambda G. \lambda x. \exists d [d = \max(S_G) \wedge G(d)(x)]$
- e. $[[PA \mu_V <of> yva]] = \lambda e. \exists x [x \leq yva \wedge \text{theme}(e)(x) \wedge \text{quantity}(x) = \max(S_{yva})]$
- f. $[[ho' u PA \mu_V <of> yva]] = \lambda e. ho' u(e) \wedge \exists x [x \leq yva \wedge \text{theme}(e)(x) \wedge \text{quantity}(x) = \max(S_{yva})]$ ²²

De acordo com essa análise, {-pa} operaria sobre a escala de quantidade introduzida pelo tema do verbo e levaria a relação entre o evento denotado pelo verbo e o tema incremental a um grau máximo, derivando as condições de verdade corretas para a sentença. Como verbos atividade não possuem argumento interno, {-pa} não teria uma escala sobre a qual operar.

Dentro da literatura de aspecto (Vendler, 1967; Dowty, 1979; Rothstein, 2004; entre outros) costuma-se assumir que a relação de afetação máxima de um tema incremental pelo evento está dada lexicalmente pelo verbo. Por exemplo, quando se diz ‘João comeu uma maçã’, é condição inerente ao evento a existência de um ponto final da ação de comer que culmina com o término da maçã.

Por outro lado, Kennedy (2010) assume que essa relação é mensurável em graus e que um predicado deste tipo é télico apenas quando o grau de afetação está explícito através de um modificador de grau como ‘completely’. Quando não há a explicitação de um modificador de grau, assume-se que a é afetação total através de implicatura, que pode ser cancelada.

²² Assumo aqui sintagmas nominais possuem um determinante nulo que transforma um nome em uma descrição definida. Isso é coerente com o fato de os falantes emprestarem o artigo do espanhol para tais contextos.

- (105) a. João comeu a maçã.
 b. João comeu a maçã, mas não a comeu até o fim.
 c. João comeu a maçã completamente.
 d. ??João comeu a maçã completamente, mas não a comeu até o fim.

Nos exemplos acima, percebemos que o ponto final dos eventos pode ser cancelado quando não há a expressão do modificador ‘completamente’. Isso leva a crer que a telicidade de predicados não modificados por ‘completamente’ é apenas dada por implicatura. Ou seja, infere-se de uma sentença como (105a) que João comeu a maçã até o final, mas ‘completamente’, ao atribuir um grau máximo na escala de quantidade, é responsável por denotar inequivocamente que o evento chegou a um ponto final, que coincide com o ponto final dado pela extensão do objeto.

O Guarani Paraguaio fornece evidências para essa segunda proposta na medida em que apenas os VP’s modificados por {-pa} não podem ter a sua telicidade cancelada.

- (106) a. Juan o-japo-Ø la hoga ha ndo-japo-pa-Ø-i
 Juan 3-fazer-NFut ART casa e NEG-fazer-PA-NFut-NEG
 ‘Juan construiu a casa, mas não terminou’
- b. *Juan o-japo-pa-Ø la hoga ha ndo-japo-pa-Ø-i
 Juan 3-fazer-PA-NFut ART casa e NEG-fazer-PA-NFut-NEG
 ‘Juan construiu toda a casa, mas não terminou’

As sentenças acima mostram que a negação de um ponto final só não é possível quando um modificador de grau está presente na sentença. Isso mostra a estreita relação entre a modificação de grau dentro do argumento de incremental e a noção de telicidade.

O que foi proposto acima é suficiente para explicar os dados em que {-pa} ocorre com verbos de tema incremental e com adjetivos que permitem uma relação de incrementalidade. É preciso, no entanto, explicar como {-pa} modifica verbos que não possuem essa relação incremental sobre as partes de um indivíduo quando estes possuem um objeto (transitivos) ou sujeito (intransitivos) plural.

Assumo junto com Thomas (2007) que {-pa} modifica apenas os argumentos absolutivos, ou seja, o objeto no casos dos transitivos e o sujeito no caso dos intransitivos. Para explicar por que {-pa} modifica apenas plurais, assumo aqui que plurais criam uma escala de quantidade sobre a qual {-pa} pode operar. A diferença dessa proposta para a proposta de Thomas (2007) é que não assumo que os verbos lexicalizam essa escala e por isso {-pa} não acarreta uma relação de completude da ação denotada pelo verbo.

A saída para tratar estes casos é postular que plurais introduzem escalas de quantidade sobre as quais {-pa} vai operar. Como assumimos que os argumentos sobre os quais {-pa} opera são absolutivos, a estrutura será análoga à apresentada para os verbos accomplishment, com a exceção de que para verbos intransitivos, o sintagma nominal irá se mover para acima do verbo. Para explicar por que {-pa} nesses casos não pode operar sobre as subpartes de um indivíduo, mas apenas sobre plurais, atribuímos ao léxico dos verbos a existência de uma pressuposição que especifique se o verbo pode predicar ou não sobre as subpartes (i-soma).

Para tratar dos adjetivos, uma estrutura análoga a essa precisa ser postulada. A partir do que propõem Caudal & Nicolas (2005) assumimos que escalas fechadas e escalas de quantidade não são o mesmo tipo de escala, ao contrário do que sugerem Kennedy & McNally (2005). Portanto, um adjetivo pode ter uma escala aberta de intensidade, mas possuir uma escala de quantidade. É o caso do dado abaixo:

(107) Pe ao i-ñaky-mba-Ø.

Essa roupa 3-molhada-PA-NFut

‘Essa roupa está toda molhada.

Contexto 1: a roupa está num grau máximo de umidade - Ruim

Contexto 2: a roupa está em algum grau de umidade por todas as partes - OK

A sentença acima é verdadeira apenas em um contexto em que todas as suas partes estejam afetadas pela propriedade da umidade. Isso quer dizer que {-pa} opera sobre a escala da quantidade e não sobre a escala de intensidade.

Uma evidência adicional para esta análise é o fato de a sentença poder receber a modificação de um intensificador de grau:

(108) Pe ao i-ñaky-mba-Ø ite
 Essa roupa 3-molhada-PA-NFut ITE

‘Essa roupa está toda muito molhada.

Contexto: Todas as partes da roupa estão molhadas num grau elevado de umidade.

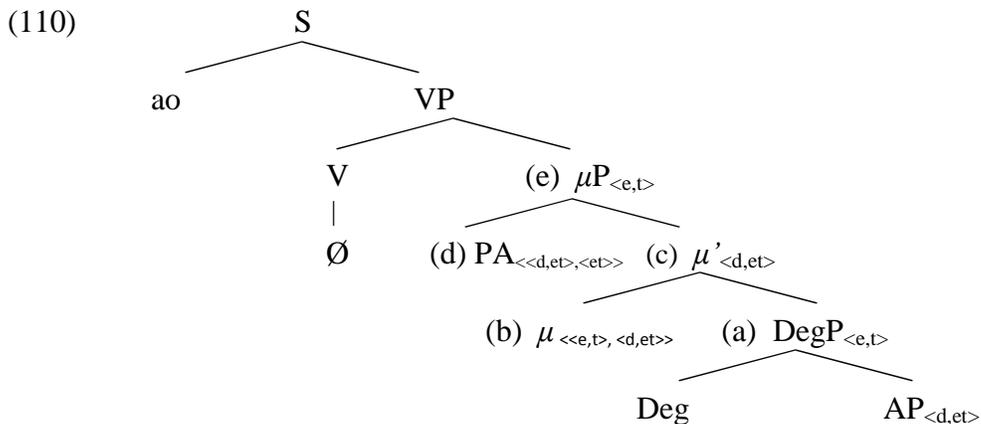
Na sentença acima, o intensificador de grau ‘ite’ opera sobre a escala de intensidade do adjetivo, enquanto {-pa} opera sobre a escala de quantidade dada pela relação incremental. Logo, em termos formais, é preciso prever que {-pa} estabeleça o valor de um grau que não seja o argumento de grau dado pela entrada lexical do adjetivo, que será valorado por ‘ite’.

Para derivar uma análise formal para (107), é preciso propor uma estrutura sintática em que uma função partitiva tome DegP, cuja variável de grau será saturada por *Pos*, e retorne uma outra função com uma variável de grau não saturada.

Com objetivo de propor uma análise para os adjetivos, análoga à que foi proposta para verbos de tema incremental, propomos aqui uma nova versão da função μ , que será aplicada ao DegP para que inserir um variável de grau no predicado²³. A função é a seguinte:

(109) $[[\mu]] = \lambda P.\lambda d.\lambda x. \text{quantity}(x)=d \ \& \ P(x)=1$

Essa função irá tomar o predicado de tipo $\langle e,t \rangle$ e retonar um predicado levado numa escala ou seja, de tipo $\langle d,et \rangle$. A derivação completa se dá da seguinte maneira:



²³ Agradeço ao Professor Marcelo Ferreira pela discussão e ajuda em relação a essa formalização.



- a. $[[\text{DegP}]] = [[\text{Pos}]] ([[akÿ]]) = \lambda G.\lambda x.\exists d[\text{padr\~{a}o} (d)(G)(C) \wedge G(d)(x)]$
 $(\lambda d.\lambda x.M_{akÿ}(x)=d)$
- a'. $[[\text{DegP}]] = \lambda x.\exists d[\text{padr\~{a}o} (d)(akÿ)(C) \wedge akÿ(d)(x)]$
- b. $[[\mu]] = \lambda P.\lambda d.\lambda x. \text{quantity}(x)=d \ \& \ P(x)=1$
- c. $[[\mu']] = [[\mu]] ([[DegP]]) = \lambda P.\lambda d.\lambda x. \text{quantity}(x)=d \ \& \ P(x)=1 \ (\lambda x.\exists d[\text{padr\~{a}o} (d)(akÿ)(C) \wedge akÿ(d)(x)])$
- c'. $[[\mu']] = \lambda d.\lambda x. \text{quantity}(x)=d \ \& \ \exists d'[\text{padr\~{a}o} (d')(akÿ)(C) \wedge akÿ(d')(x)]$
- d. $[[PA]] = \lambda G.\lambda x.\exists d[d = \max(S_G) \wedge G(d)(x)]$
- e. $[[\mu P]] = [[PA]] ([[\mu']]) = \lambda G.\lambda x.\exists d[d = \max(S_x) \wedge G(d)(x)] \ (\lambda d.\lambda x. \text{quantity}(x)=d \ \& \ \exists d'[\text{padr\~{a}o} (d')(akÿ)(C) \wedge akÿ(d')(x)])$
- e'. $[[\mu P]] = \lambda x.\exists d[d = \max(S_x) \wedge G(d)(x)] \ \& \ \exists d'[\text{padr\~{a}o} (d')(akÿ)(C) \wedge akÿ(d')(x)]$

Assumo aqui que a ordem semântica é a que está apresentada na derivação acima, em que {-pa} opera sobre o adjetivo já medido por 'ite', embora a ordem sintática não corresponda a essa ordem. Deixo essa questão sintática para investigações futuras. A principal vantagem da estrutura proposta acima é que conseguimos que {-pa} atue sobre o grau máximo da escala dada por x, enquanto *Pos* atua sobre a escala dada pelo adjetivo, garantindo que {-pa} não atue sobre a escala de intensidade dada pelo adjetivo.

Também é possível que haja adjetivos de escala de intensidade fechada que se combinem com uma estrutura incremental na sentença. Para esses casos, assumirei que uma escala de intensidade fechada é uma escala que tem um valor máximo estabelecido por uma classe de comparação. Vejamos o seguinte exemplo:

- (111) Pe yva i-potĩ.
 Esse fruta 3.limpo
 'Essa fruta está limpa'

Na sentença acima, temos um caso em que o adjetivo possui uma escala de propriedade fechada ('limpo' corresponde a um grau máximo de limpeza), mas não necessariamente possui uma escala incremental. Quando essa sentença é modificada por {-pa}, cria-se uma relação incremental e temos dois contextos em que as condições de verdade são adequadas:

(112) Pe yva i-poti-mba.

Esse fruta 3.limpo-PA

'Essa fruta está completamente limpa'

Contexto 1: a fruta está num grau máximo de sujeira.

Contexto 2: a fruta está num grau padrão médio de maturação em todas as partes.

Por ter uma escala de intensidade fechada, esse adjetivo não elucida quais as reais exigências para {-pa} operar sobre um adjetivo. É impossível ter uma situação em que uma fruta esteja num grau máximo de limpeza, mas que tenha algumas partes sujas, assim como é impossível dizer que uma fruta está limpa em todas as partes, sem assumir que a fruta está num grau máximo de limpeza em todas as suas partes, já que o grau médio padrão para 'limpo' é um valor máximo na escala de limpeza. Disso, resulta-se que a predicação de {-pa} sobre adjetivos de escala de propriedade fechada se torna redundante. Nesses casos, quando {-pa} é usado, tem a função de reforçar que nenhuma das partes do indivíduo deixou de ser afetada pela propriedade em questão.

Para provar que {-pa}, mesmo em adjetivos de escala fechada não atua sobre o grau do adjetivo, temos um exemplo em o adjetivo de escala fechada é modificado pelo intensificador de grau 'ite'.

(113) Pe ao i-kã-mba ite

Essa roupa 3-seco-PA ITE

'Essa roupa está toda muito seca'

A partir do exemplo acima podemos nos perguntar: mas se a escala de propriedade é fechada, como podemos usar um intensificador de grau para modificá-la? A resposta reside no

fato de que como o grau máximo de uma escala de intensidade é estabelecido apenas contextualmente, com base no conhecimento de mundo do falante, esse valor pode sempre receber uma interpretação relativa, o que se comprova quando observamos as sentenças comparativas em que o grau máximo da escala de intensidade fica relativizado.

Com esta proposta consegue-se tratar das características semânticas de {-pa}, oferecendo ainda elementos que apontam na direção de um comportamento mais universal dos adjetivos nas línguas naturais, que é a propriedade de poderem predicar sobre a estrutura de partes de um indivíduo. Ainda, conseguimos fornecer evidências que mostram que o grau do adjetivo é saturado apenas por modificadores de grau de intensidade, enquanto modificadores de grau de quantidade vêm inseridos na sintaxe.

Algumas evidências no PB e no Inglês corroboram essa análise. Uma delas é em relação ao adjetivo ‘cooked’ do Inglês e ‘cozido’ do PB. Esses adjetivos apresentam claramente as duas dimensões escalares: intensidade e quantidade. Pode-se tanto predicar sobre o grau de cozimento quanto sobre a proporção do indivíduo que foi afetada pela propriedade de cozimento. Vejamos:

- (114) a. A carne está muito/bem cozida.
b. A carne está toda cozida.
c. A carne está completamente cozida.
- (115) a. The meat is well cooked.
‘A carne está bem cozida’
b. The meat is entirely cooked.
‘A carne está inteiramente cozida’
c. The meat is completely cooked.
‘A carne está completamente cozida’

Em (114a) e (115a), ‘well’ e ‘muito/bem’ atuam sobre a escala de grau de cozimento, indicando que este grau de cozimento excede uma média padrão. Em (114b) e (115b), ‘entirely’ e ‘toda’ atuam sobre a escala de quantidade e medem a proporção da carne que está afetada pela propriedade de cozimento. Já (114c) e (115c) são ambíguas: ‘completely’ e ‘completamente’ podem atuar sobre as duas escalas. Em uma das leituras, esses modificadores de grau predicam

sobre o grau de cozimento do indivíduo, dizendo que ele chegou ao seu grau máximo. Na outra leitura, os modificadores predicam sobre a proporção do indivíduo afetada pela propriedade de cozimento.

Uma vez que se assume que as ‘completely’ e ‘completamente’ são ambíguas, pode-se entender por que motivo as escalas fechadas de intensidade e as escalas fechadas de quantidade estiveram sempre associadas nas análises dos adjetivos. No entanto, é preciso perceber que ‘completely’ e ‘completamente’, embora necessitem predicar sobre uma escala fechada, dada a sua entrada lexical, podem ter duas leituras distintas. Nos termos da análise proposta aqui, a ambiguidade gerada seria de origem estrutural, já que há duas posições sintáticas em que esses modificadores poderiam estar.

Uma forte evidência para essa análise é que ‘completely’ e ‘completamente’ também predicam sobre escalas de intensidade aberta, desde que a leitura que se derive seja de que esses modificadores estejam atuando sobre a escala de quantidade.

- (116) a. The floor is completely dirty.
b. O chão está completamente sujo.

É consensual na literatura que ‘dirty’ e ‘sujo’ são adjetivos parciais, ou seja, sem grau máximo. Qualquer grau de sujeira pode corresponder a sujo, sem que há um grau máximo disponível. No entanto, as sentenças em (116) são perfeitamente aceitáveis, desde que entenda-se que ‘completamente’ e ‘completely’ indiquem afetação de toda a superfície do chão por algum grau de sujeira. Como ‘completely’ e ‘completamente’ necessitam atuar sobre escalas fechadas, podemos observar aqui que a escala fechada é a escala dada pela extensão da superfície do chão²⁴.

Neste capítulo, portanto, postulamos uma análise unificada para {-pa} que capta as generalizações feitas por Thomas (2007), mas resolve alguns problemas de sua análise formal,

²⁴ Há um uso específico de ‘completamente’ e de ‘completely’ com escalas abertas de intensidade em que eles atuam sobre essa escala. Isso ocorreria em ‘completely crazy’/ ‘completamente louco’. Seria errado supor que existe um grau máximo de loucura, uma vez que ‘crazy’ e ‘louco’ são adjetivos relativos. Uma possível explicação para esse fato é que aqui ‘completely’/‘completamente’ estariam atuando sobre uma escala já medida por uma função *Pos*, que atribuiria um grau padrão de loucura. Nesse caso, ‘completely’/‘completamente’ seriam meros intensificadores de grau, predicando que o grau de loucura de um indivíduo excede muito o grau padrão de loucura.

que gera as condições de verdade incorretas para as sentenças, como aquelas apontadas na seção 2.5 deste capítulo.

O principal ponto da análise proposta aqui é que, ao invés de escalas de quantidade e de intensidade serem variações do mesmo tipo de escala, que atuam sobre a mesma variável de grau, como em Caudal & Nicolas (2005), são escalas de natureza diferente, uma gerada pelo léxico (intensidade) e a outra gerada composicionalmente (quantidade). Essa distinção, além de explicar o uso do {-pa} com verbos sem que deva introduzir uma variável de grau no léxico dos verbos, explica os casos em que há dois modificadores de grau nas sentenças com adjetivos. Cada modificador seria responsável por quantificar a variável de grau de sua respectiva escala (intensidade ou quantidade).

No próximo capítulo, discutiremos a semântica dos verbos causativos deadjetivais do Guaraní Paraguaio, buscando explicar o funcionamento de {-pa} em relação a esses verbos, bem como discutir a definição de telicidade aplicável a esses dados.

3. Verbos deadjetivais no Guaraní Paraguaio: escalas de quantidade x escalas de intensidade

3.1 Introdução

Este capítulo pretende apresentar uma análise semântica dos verbos deadjetivais do Guaraní Paraguaio, baseando-se no que se propõem em Hay, Kennedy & Levin (1999) e Kennedy & Levin (2008). O objetivo deste capítulo é elucidar a relação semântica que os verbos deadjetivais estabelecem com a partícula {-pa}. A associação entre escalas e eventos passou a ser tratada na literatura a partir de verbos deadjetivais, que incorporam a escala de seus adjetivos correspondentes. O objetivo é discutir se a variabilidade da telicidade desses verbos pode ser atribuída à propriedade do adjetivo que forma este verbo ou se há relações incrementais a serem consideradas.

Uma vez que no capítulo anterior foi proposta a dissociação da relação entre escala fechada e incrementalidade, sendo a primeira uma propriedade das escalas de intensidade e outra propriedade das escalas de quantidade, é necessário responder como essa proposta se aplica a verbos deadjetivais, que segundo a proposta deste trabalho, apresentam as duas escalas.

Baseando-se na semântica escalar proposta para os verbos deadjetivais pelos autores supracitados, apresenta-se uma análise que corrobora a análise do morfema {-pa} apresentada no capítulo 2 deste trabalho: {-pa} atua apenas sobre a escala de tema incremental e nunca sobre a escala da propriedade do adjetivo. Isso nos leva a questionar os argumentos de Kennedy & Levin (2008) em relação à telicidade dos verbos deadjetivais, já que segundo esses autores, adjetivos de escala fechada formam verbos deadjetivais téllicos.

Na seção 3.2 deste capítulo apresenta-se uma recuperação das teorias sobre verbos deadjetivais tratados dentro de uma perspectiva escalar. Na seção 3.3, são apresentados os dados do Guaraní Paraguaio e discute-se algumas de suas principais características. Na última seção, 3.4, apresenta-se uma proposta de análise formal para esses verbos.

3.2 Verbos deadjetivais na perspectiva da semântica escalar

Nesta seção do capítulo nos propomos a apresentar e discutir o tratamento dado aos verbos deadjetivais dentro da semântica escalar, proposto por Hay et al. (1999) e Kennedy & Levin (2008). O objetivo é discutir se a variabilidade desses verbos em relação à telicidade pode ser atribuída à propriedade do adjetivo que forma este verbo ou se há relações incrementais a serem consideradas. Uma vez que no capítulo anterior estabeleceu-se uma nova perspectiva de analisar adjetivos de escala fechada (escalas de intensidade fechadas e escalas de quantidade fechadas), é preciso analisar se adjetivos de escalas fechadas realmente formam verbos deadjetivais télicos, como sugerem Kennedy & Levin (2008).

O problema que Hay et al. (1999) e Kennedy & Levin (2008) se propõem a enfrentar é a variabilidade em relação à telicidade dos verbos chamados *degree achievements* (doravante, DA's), ou seja, verbos formados de adjetivos que denotam uma mudança de estado, tratados pela primeira vez na literatura por Dowty (1979). Observemos os seguintes exemplos:

- (1) a. Maria esfriou a sopa por 5 minutos (mas ela não chegou a ficar fria). - *atélico*
b. Maria esfriou a sopa em 5 minutos (*mas ela não chegou a ficar fria). - *télico*

- (2) a. A sopa esfriou por 5 minutos (mas pra mim ainda está quente).
b. A sopa esfriou em 5 minutos (*mas pra mim ainda está quente).

Expressões adverbiais 'por x tempo' se combinam apenas com predicados atélicos, enquanto 'em x tempo', combina-se apenas com predicados télicos. Nos exemplos acima, observamos que o predicado 'esfriar a sopa' pode se combinar tanto com um quanto com outro, mostrando que há duas leituras possíveis: uma em que a sopa não chega ao ponto de ficar fria e outra em que a sopa fica fria (em relação ao que se julga "frio" para uma sopa). Essa variação de leitura é possível tanto nas construções transitivas/causativas, em (1) quanto nas construções intransitivas/incoativas, em (2).

A telicidade diz respeito, nesse caso, ao atingimento de um grau padrão de ‘frio’, ou seja, a sentença será télica se a forma positiva do adjetivo for acarretada. Se na leitura télica entendemos que o evento atingiu um grau de padrão de “frieza”, na leitura atélica, o grau de “frieza” apenas aumentou em relação ao grau inicial. Observamos, portanto, que esses verbos podem ter as duas leituras. Ainda, há verbos que apresentam ou apenas comportamento télico ou apenas comportamento atélico:

- (3) a. João estava alargando o buraco \models João alargou o buraco
b. João estava encurtando a corda $\not\models$ João encurtou a corda

Enquanto o verbo ‘alargar’ se comporta como um verbo atélico, pois a forma no progressivo acarreta a forma positiva do adjetivo, o verbo ‘encurtar’ se comporta como verbo télico, já que temos a forma positiva acarretada.

A leitura télica é licenciada, segundo os autores, em três situações. A primeira, quando um valor de medida da variação é explicitado. Essa primeira proposta aparece em Hay et al. (1999). A segunda, quando se pressupõe o atingimento de um grau padrão de um determinado adjetivo, que é dado contextualmente. Finalmente, a terceira situação é quando o adjetivo que forma o verbo é um adjetivo de escala fechada, explicação apresentada em Kennedy & Levin (2008). Uma vez que a noção de escala fechada foi apresentada de uma maneira diferente no capítulo anterior, apresentaremos a discussão deste terceiro ponto. Antes, porém, retomaremos os dois primeiros.

Hay et al. (1999) introduzem noção de “valor de diferença” para explicitar a semântica dos degree achievements. Para os autores, o predicado denota uma medida da mudança de graus de um objeto em relação a uma determinada propriedade, introduzida por uma base adjetival. Essa relação está dada nos dados abaixo em que (6b) é uma paráfrase de (6a).

- (6) a. João alargou o buraco em 5 centímetros.
b. João causou o buraco a ficar maior na quantidade de 5 centímetros.

No exemplo acima, ‘5cm’ é o valor de diferença da mudança de “alargar”. Dessa maneira, o objeto ‘buraco’ sofreu uma mudança de estado no valor de ‘5cm’. Para tratar desses

verbos, os autores utilizam-se da função INCREASE, que é considerada o valor do morfema {-en} do Inglês para verbos como lengthen ‘encompridar’. No PB, podem ser considerados morfemas equivalentes {en-}/{es-}/{a-}, para ‘entortar’, ‘esquentar’ e ‘alargar’, já que todos eles formam verbos deadjetivais. A função INCREASE é formalizada da seguinte maneira:

$$(7) \quad [[\text{INCREASE} (\phi)(x)(d)(e)]] = 1 \text{ se } \phi(x) (\text{SPO}(e)) + d = \phi(x) (\text{EPO}(e))$$

O significado do adjetivo é representado por ϕ . SPO e EPO são funções de eventos em relação ao tempo, que retornam o ponto inicial (SPO) e o ponto final (EPO) do evento. Então INCREASE pega uma propriedade ϕ que se aplica a x no ponto inicial do evento (SPO) e aumenta num valor d , retornando o valor da propriedade aplicado a x no final do evento. O valor da medida de mudança de estado, expressa por d , corresponde ao que os autores chamam de “valor de diferença”.

Em outras palavras, se temos ‘João alargou o buraco em 5 centímetros’ que dizer que João causou²⁵ o x (buraco) aumentar (INCREASE) sua propriedade ϕ (largo) num grau d (5 centímetros). A representação lógica dessa interpretação é a apresentada abaixo:

$$(8) \quad \begin{aligned} & a. \exists e, d [\text{INCREASE} (\text{largo}(\text{buraco}))(d) (e)] \\ & b. \exists e [\text{INCREASE} (\text{largo}(\text{buraco}))(5 \text{ centímetros}) (e)]d \end{aligned}$$

A telicidade ou a atelicidade será dada a partir do valor de diferença. Quando o valor de diferença é definido, a sentença será télica. Quando o valor de diferença é indefinido, a sentença será atélica. Isso pode ser demonstrado pelos testes abaixo:

$$(9) \quad \begin{aligned} & a. \text{Os operários alargaram a rodovia em 5 metros.} \\ & b. \text{Os operários estavam alargando a rodovia em 5 metros. } \neq \text{Os operários} \\ & \quad \text{alargaram a rodovia em 5 metros.} \end{aligned}$$

²⁵ Os autores optam por não considerar aqui a questão da causatividade, presente nas formas transitivas (‘João alargou o buraco’) e ausente nas formas intransitivas (‘O buraco alargou’).

Claramente, o teste acima mostra que a sentença é télica. No entanto, há outras maneiras de se marcar o valor de diferença em uma sentença, como, por exemplo, utilizar advérbios como ‘completamente’.

(10) Maria secou a calçada completamente.

No exemplo acima, entendemos que o valor de diferença da propriedade “seco” em relação à calçada é dado por ‘completamente’. Voltamos ao caso de ‘completamente’ mais adiante.

Há ainda uma outra maneira de construir um predicado télico com DA’s: usando informações contextuais. Observe-se o exemplo:

(12) A sopa esfriou (levou 10 minutos para ficar fria).

Nesse caso, para interpretar a sentença (12), entendemos que a sopa chegou a um grau suficiente para que se considere que ela está fria. Ou seja, contextualmente, há um parâmetro estabelecido do que pode ser considerado “frio”. Kennedy & Levin (2008) resolvem este problema através da função pos_v , que se aplica aos verbos e introduz uma interpretação positiva do adjetivo que forma o verbo, ou seja, $[[esfriar-pos_v]]$ significa tornar frio em relação a um padrão de comparação do que seja “frio”. Essa função de assemelha a Pos_{adj} (cf. capítulo 2), que toma um adjetivo e retorna a sua forma positiva, só que neste caso, Pos_v toma um evento e retorna a sua forma positiva. Essa função é representada da seguinte maneira:

(13) $[[pos_v]] = \lambda g \in D_{m\Delta} \lambda x \lambda e. g(x)(e) \supseteq \text{padrão}(g)$

Dessa função resulta um predicado em sua forma positiva, que teria uma leitura télica. Kearns (2007) observa que a interpretação télica é a preferencial para verbos que permitem as duas leituras, como mostra o exemplo abaixo:

(14) A sopa esfriou, ??mas não ficou fria.

Kennedy & Levin (2008) explicam esse comportamento através da pragmática. Como a interpretação télica acarreta uma interpretação atélica, a interpretação télica é mais informativa, e, portanto, mais forte. Na ausência de informação contextual ou linguística que contrarie o atingimento de um ponto final, o sentido mais saliente é o de completude do evento.

Os casos de variação de telicidade quando não há um valor de diferença explicitado na sentença e que parecem indiferentes ao estabelecimento de um parâmetro contextual são atribuídos ao léxico do adjetivo, que pode ser um adjetivo de escala aberta ou de escala fechada, como já vimos na seção anterior deste capítulo. Quando um DA é formado de um adjetivo de escala aberta, será atélico. Quando for formado de um adjetivo de escala fechada, será télico.

- (15) a. João estava enchendo o copo ≠ João encheu o copo (cheio - adjetivo total/escala fechada)
b. João estava alargando o buraco = João alargou o buraco (largo - adjetivo relativo/escala aberta)

Como se pode perceber nos exemplos acima, os acarretamentos são diferentes para os dois tipos de adjetivos, mostrando que o tipo de escala do adjetivo influencia na telicidade/atelicidade da sentença.

No entanto, como observamos no capítulo anterior, adjetivos podem possuir duas dimensões escalares, uma escala de quantidade, dada pela proporção do objeto afetado e uma escala de intensidade, dada pela propriedade do adjetivo. Nesse sentido, qual dessas duas escalas seria responsável por atribuir a telicidade à sentença? A resposta que oferecemos aqui é: as duas.

Segundo a visão adotada por este trabalho, escalas de intensidade são sempre relativas. É possível que haja, no entanto, escalas em que o valor contextual de um grau máximo (padrão) seja mais saliente. Por exemplo, ‘seco’ é um adjetivo total, para usar a nomenclatura de Rotstein & Winter (2004) e seu valor padrão é menos facilmente manipulável por contexto, uma vez que um objeto seco é, por default, um objeto com 0% de umidade. No entanto, consideramos que isso é uma propriedade do mundo e não da língua. Um exemplo que justifica essa análise é:

- (16) Esta fruta secou muito.

No exemplo acima, percebemos que o valor de ‘seco’ está relativizado, uma vez que ‘estar seco’ para uma fruta é diferente do grau de ‘estar seco’ para uma roupa, por exemplo. Nos dois casos, entende-se que deve haver um grau mínimo umidade, mas o grau mínimo varia de acordo com o contexto. Isso nos leva a crer que escalas de intensidade são medidas pela função *pos*, que estabelece um parâmetro contextual e devolve a forma positiva do adjetivo. Nesse sentido, o grau máximo de um adjetivo de escala fechada, também é dado por *pos*, como já apontam Kennedy & McNally (2005). O que leva alguns adjetivos a terem um grau padrão mais contextualmente evidente seria um conhecimento disponível no mundo a respeito de certas propriedades.

Um outro fato, apontado por Kearns (2007), nos mostra que a escala de intensidade não define sozinha a telicidade de uma sentença. A autora aponta que o ponto final não precisa ser o grau máximo numa escala de propriedade relevante, como mostra o exemplo abaixo:

(17) O céu escureceu, mas não completamente.

Para explicar esse comportamento do dado acima, Kennedy & Levin (2008) argumentam que há dois tipos de escalas no exemplo acima, já que descrições definidas inserem um tema incremental, que possui subpartes sobre as quais o evento denotado pelo verbo se aplica. O que está sendo negado no exemplo acima, portanto é a aplicabilidade da mudança de estado sobre todas as partes da descrição definida e não o atingimento de um grau máximo da propriedade de “escuro”. Os testes abaixo demonstram isso:

(18) ??O céu todo escureceu, mas não completamente.

(19) ??O céu escureceu em meia hora, mas nenhuma parte dele estava completamente escura.

No primeiro exemplo, observa-se que não se pode negar que a completude do evento quando há um elemento modificando a extensão (no sentido de medida) de ‘céu’, e afirmando que todas as subpartes dessa descrição definida estão na denotação evento. No segundo exemplo, observa-se que não se pode negar que se tenha atingido um grau máximo de uma determinada

propriedade. Esses dois exemplos apontam, portanto, dois tipos de escalas diferentes sobre as quais ‘completamente’ opera.

As consequências disso para o tratamento dos verbos deadjetivais é que a sua telicidade não é dada apenas pelo grau da escala do adjetivo, como sugerem os autores, mas pelo grau na escala de quantidade, assim como ocorre com verbos de tema incremental.

É preciso, então, retomar o que são verbos de tema incremental. Verbos de tema incremental, conforme tratou-se no segundo capítulo deste trabalho, possuem um argumento “afetado”, ou seja, que é modificado pelo evento denotado pelo verbo. Observemos os exemplos abaixo:

- (20) a. João comeu uma maçã.
- b. João comeu maçã.
- c. João comeu arroz.

Nos exemplos acima, o evento de comer afeta os argumentos afetados ‘uma maçã’, ‘maçã’ e ‘arroz’, e de acordo com a restrição MAP-O(R) de Krifka (1989;1992), cada subparte desse argumento afetado corresponde a um subevento de ‘comer’. Quando temos um objeto quantizado como ‘uma maçã’, o evento será télico, já que possui uma delimitação dada pelo argumento. Quando o argumento afetado é um nome nu como ‘maçã’ ou um nome massivo como ‘arroz’, ambos cumulativos, o evento é atélico, como demonstramos nos testes abaixo:

- (21) a. João estava comendo uma maçã. ≠ João comeu uma maçã
- b. João estava comendo maçã. = João comeu maçã
- c. João estava comendo arroz. = João comeu arroz

Portanto, assume-se que a telicidade é determinada nas sentenças com verbos deadjetivais tal qual concebida pela literatura (Tenny, 2004; Krifka, 1989;1992;1998, Rothstein, 2004), ou seja, a afetação em um grau máximo de todas as partes de um objeto. No entanto, há uma outra dimensão a qual poderia ser atribuída a telicidade. Essa dimensão é dada pela escala de intensidade do adjetivo, que pode ter ou não um grau máximo definido. Isso será demonstrado na próxima seção do trabalho.

A paráfrase para a sentença acima que melhor a descreve é que aquela proposta por Hale & Keyser (2002) para estruturas diádicas compostas, que são formadas de um verbalizador-transitivizador (verbo leve) e uma raiz, comumente adjetival: ‘Fazer x ficar num estado ϕ ’. Por isso assumimos aqui que as construções verbais com esses verbos são medidas por Pos_v , que devolve a forma positiva do verbo. A formalização que capta essa generalização é a proposta por Kennedy (2010):

$$(25) \quad [[-moporã_{Pos}]] = \lambda x.\lambda e.\exists d[\text{padrão}(d) \wedge \text{bonito}_{\Delta}(x)(e) \succcurlyeq d]$$

Dessa forma, quando usamos uma construção causativa deadjetival no Guarani como no exemplo acima, predica-se que algum indivíduo x tornou-se bonito em relação a uma classe de comparação, que é a determinação contextual do que é considerado bonito.

Uma evidência que mostra que esses verbos já são medidos por Pos em sua escala de intensidade é que quando usados em estruturas comparativas, têm uma leitura bastante peculiar, conforme mostra o exemplo abaixo:

(28) Juan o-mo-porã-ve-Ø Maria Ana-gui

Juan 3S-CAUS-bonito-COMP+-NFut Maria Ana-gui

‘Juan fez mais Maria ficar bonita do que Ana.

Contexto: João se dedicou mais a embelezar Maria do que Ana. OK

Contexto: João se dedicou igualmente a embelezar as duas, mas Maria ficou mais bonita.

Na sentença acima, podemos observar que o morfema comparativo $\{-ve\}$ ²⁶, que deveria quantificar a variável de grau do verbo deadjetival só pode atuar sobre uma escala de intensidade da ação de ‘embelezar’ e nunca sobre a escala de graus de beleza resultante do objeto afetado. Em outras palavras, a sentença significa que Juan agiu mais intensamente ou mais frequentemente ao embelezar Maria do que ao embelezar Ana e não que o resultado de sua ação foi que Maria ficou mais bonita, embora isso possa fazer parte do contexto. Isso indica que o

²⁶ Para uma análise do morfema comparativo $\{-ve\}$, consultar Thomas (2009).

argumento de grau de intensidade da propriedade do adjetivo dessas construções causativas está sempre medido pela função *Pos*.

Se assumíssemos que {-pa} é um modificador de grau que estabelece uma função de medida diferencial entre um determinado grau de uma propriedade e o seu grau máximo, operando sobre escalas de intensidade, isso implicaria que a modificação por {-pa} não seria possível, já que o grau da propriedade do adjetivo já vem medido pela função *pos*. Se o grau de ‘beleza’, por exemplo, já está medido pela função diferencial *pos* (x mais bonito que y, em que y é um indivíduo de uma classe de comparação), não é possível que haja qualquer outra atribuição de grau para a propriedade desses adjetivos. De fato, é isso que ocorre na maioria dos casos.

tarova ‘louco’ - *adjetivo de escala de intensidade aberta*

(22) *Caña o-mo-tarova-pa-Ø Juan
 bebida 3S-CAUS-cheio-PA-NFut Juan
 ‘A bebida enlouqueceu o Juan completamente’

kyra ‘gordo’ - *adjetivo de escala de intensidade aberta*

(23) *Maria o-mon-gyra-pa-Ø (1a) i-kure
 Maria 3S-CAUS-gordo-PA-NFut ART 3-porco
 ‘Maria engordou o porco completamente’

Nos exemplos acima, {-pa} não pode modificar o grau da propriedade dada pelo adjetivo que forma o verbo, ‘loucura’ ou ‘gordura’ tornando-se agramatical em sentenças desse tipo. No entanto, existem alguns contextos em que {-pa} pode modificar verbos causativos deadjetivais.

ky’a ‘sujo’ - *adjetivo de escala de intensidade fechada*

(24) Maria o-mon-gy’a-pa-Ø (1a) ao
 Maria 3S-CAUS-sujo- PA-NFut ART roupa
 ‘Maria sujou a roupa completamente’

Contexto: Existe um monte de roupa e Maria sujou todo o monte. OK

Contexto: Existe uma peça de roupa e Maria sujou a peça inteira. OK

Contexto: Existe uma peça de roupa e Maria sujou completamente um pedaço da roupa. RUIM

akÿ ‘molhado’ - adjetivo de escala de intensidade aberta

- (25) Maria o-mo-akÿ-mba-Ø (1a) ao
Maria 3S-CAUS-molhado-PA-NFut ART roupa
‘Maria molhou a roupa completamente’

Contexto: Existe um monte de roupa e Maria molhou todas as roupas. OK

Contexto: Existe uma peça de roupa e Maria molhou a peça inteira. OK

Contexto: Existe uma peça de roupa e Maria molhou completamente um pedaço da roupa. RUIM

Como percebemos, {-pa} pode modificar tanto adjetivos de escala de intensidade aberta ou fechada. Nos exemplos vemos ainda que {-pa} pode modificar essas sentenças de verbos causativos, desde que haja um tema incremental a ser medido, nesse caso *ao* ‘roupa’. Então, o que {-pa} mede nessas sentenças não é a o grau da propriedade dada ao adjetivo, mas se essa propriedade se aplica a todo o objeto denotado pelo argumento afetado.

O uso desses verbos com a negação nos ajuda a entender o significado da construção. Quando usados com a negação, os verbos deadjetivais modificados pela partícula {-pa}, negam a afetação a todas as partes de um determinado objeto, como nos exemplos abaixo:

- (26) Maria nd-o-mon-gy’a-pa-Ø-i (1a) ao
Maria NEG-3S-CAUS-sujo-PA-NFut-NEG ART roupa
‘Maria sujou a roupa completamente’

Contexto: Maria sujou algumas roupas/alguma parte da roupa, mas não tudo. OK

Contexto: Maria sujou a roupa, mas não a deixou muito suja. Ruim

- (27) Maria nd-o-mon-gy’a- Ø-i (1a) ao
Maria NEG-3S-CAUS-sujo- NFut-NEG ART roupa
‘Maria não sujou a roupa’

Contexto: não sujou nem uma parte da roupa.

3.4 Uma proposta formal para os verbos deadjetivais

Nesta seção do trabalho procurarei propor uma análise formal para os verbos deadjetivais causativos do Guaraní Paraguaio. O objetivo desta seção é recuperar os pontos apresentados na seção anterior e esclarecer detalhes da formalização desses verbos quando formam predicados com o morfema {-pa}.

Dentre os verbos coletados, alguns aceitam a modificação de {-pa} em sentenças em que o contexto estabelece que o objeto é singular e alguns aceitam apenas quando há um objeto plural, estabelecido contextualmente. Isso ocorre porque alguns verbo são capazes de predicar sobre sobre as partes de um objeto e outros não, não estabelecendo uma relação escalar entre o evento e as partes de um objeto. No entanto, como já vimos, {-pa} pode modificar todos os verbos transitivos desde que o contexto estabeleça que o objeto é plural, porque o plural criaria uma escala de quantidade no argumento interno, passível de modificação de proporção.

É possível relacionar o comportamento desses verbos deadjetivais aos adjetivos que o formam, uma vez que os adjetivos que aceitam a modificação de {-pa} também são aqueles que formam verbos que aceitam a modificação de {-pa}. Isso pode ser ilustrado pelas tabelas a seguir.

TABELA 8: Verbos deadjetivais que não aceitam {-pa}

<i>Verbos deadjetivais causativos que não aceitam {-pa}</i>				
	Adjetivo em Português	Adjetivo em Guaraní	Verbo em português	Verbo
1.	<i>abastecido</i>	hembí'u	<i>abastecer (comida)</i>	mbohembí'u
2.	<i>alegre</i>	rory	<i>alegrar</i>	mbohory
3.	<i>azedo</i>	háí	<i>azedar</i>	mbohái
4.	<i>bêbado</i>	ka'u	<i>embebedar</i>	monga'u
5.	<i>bobo</i>	jaru	<i>enganar</i>	mbojaru
6.	<i>bonito</i>	porã	<i>embeleazar</i>	moporã
7.	<i>caro</i>	hepy	<i>avaliar</i>	mohepy
8.	<i>debilitado</i>	kangy	<i>debilitar</i>	mokangy
9.	<i>doce</i>	he'ë	<i>adoçar</i>	mohe'ë

10.	<i>duro</i>	hatã	<i>fortalecer</i>	mohatã
11.	<i>frio</i>	ro'y	<i>esfriar</i>	mboho'ysã
12.	<i>gordo</i>	kyra	<i>engordar</i>	mbogyra
13.	<i>grande</i>	puku	<i>engrandecer</i>	mbopuku
14.	<i>louco</i>	tarova	<i>enlouquecer</i>	mbotarova
15.	<i>maduro</i>	aju	<i>madurar</i>	mboaju
16.	<i>morno</i>	hu'ü	<i>amornar</i>	mohu'ü
17.	<i>pobre</i>	poriahu	<i>empobrecer</i>	mboporياهو
18.	<i>preocupado</i>	angata	<i>preocupar</i>	moangata
19.	<i>quente</i>	aku	<i>esquentar</i>	mbyaku
20.	<i>raivoso</i>	pochy	<i>enraivecer</i>	mbopochy
21.	<i>vazio</i>	nandi	<i>esvaziar</i>	monandi

TABELA 9: Verbos deadjetivais que aceitam {-pa}

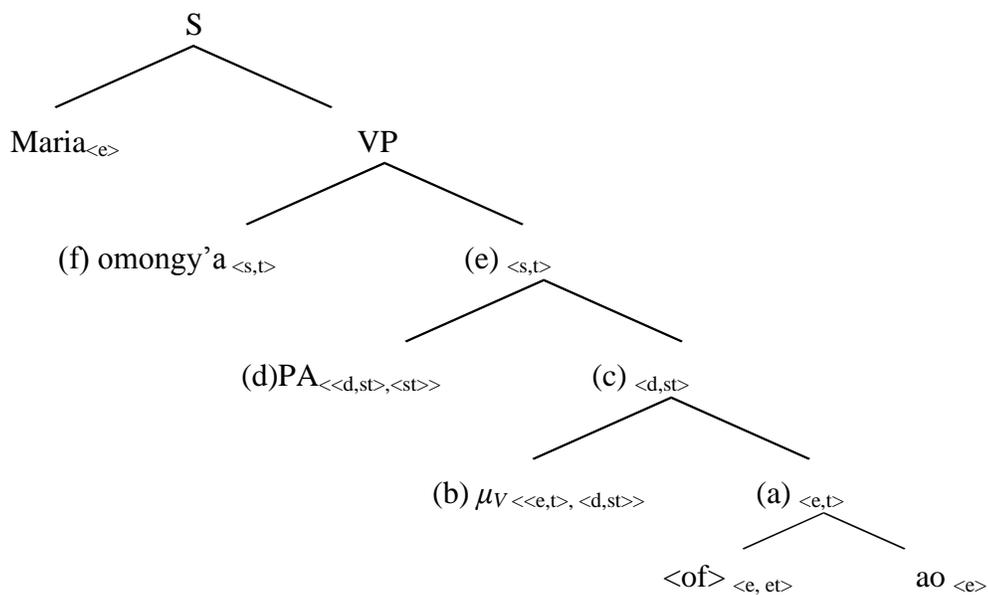
<i>Verbos deadjetivais causativos que aceitam {-pa}</i>				
	Adjetivo em Português	Adjetivo em Guarani	Verbo em português	Verbo
1.	amarrado	sã	amarrar	<i>mosã</i>
2.	apagado	je'o	apagar	<i>mboje'o</i>
3.	bagunçado	sarambi	bagunçar	<i>mosarambi</i>
4.	branco	morotĩ	branquear	<i>momorotĩ</i>
5.	chato	pe	achatar	<i>mbope</i>
6.	cheio	tenyhë	encher	<i>mynyhë</i>
7.	claro	hesakã	clarear	<i>myhesakã</i>
8.	costurado	vyvy	costurar	<i>mbovyvy</i>
9.	derretido	yku	derreter	<i>mboyku</i>
10.	fino	po'i	estretar	<i>mbopo'i</i>
11.	limpo	potĩ	limpar	<i>mopotĩ</i>
12.	molhado	akÿ	molhar	<i>moakÿ</i>
13.	rápido	pya'e	acelerar	<i>mbopya'e</i>

14.	seco	kã	secar	<i>mokã</i>
15.	sujo	ky'a	sujar	<i>mongy'a</i>

Nas tabelas acima, temos os verbos deadjetivais que aceitam e que não aceitam a modificação de {-pa} acompanhados dos respectivos adjetivos de que são formados. É importante frisar que apesar de os verbos estarem divididos em tabelas não significa que não se poderia buscar um significado incremental para verbos que normalmente não aceitam a modificação de {-pa}.

Para tratar formalmente dos casos nos utilizamos da mesma estrutura que usamos para verbos de tema incremental no capítulo 2, em que a relação entre verbo e objeto é medida em graus pela introdução da função μ . Assumirei aqui que o adjetivo que forma o verbo deadjetival já está lexicalizado, para efeitos de simplificação. A ideia é mostrar como {-pa} intermedia a relação entre objeto e verbo e que a escala é dada através da sintaxe. Dessa maneira, a estrutura sintática da sentença é a seguinte:

- (30) Maria o-mon-gy'a-pa-Ø (1a) ao
 Maria 3S-CAUS-sujo-PA-NFut ART roupa
 'Maria sujou toda a roupa'



- a. $[[\langle \text{of} \rangle]] ([[\text{ao}]]) = \lambda x. x \leq \text{ao}$
- b. $[[\mu_V]] = \lambda P. \lambda d. \lambda e. \exists x. [P(x) \wedge \text{theme}(e)(x) \wedge \text{quantity}(x)=d]$
- c. $[[\mu_V \langle \text{prep} \rangle \text{ao}]] = \lambda d. \lambda e. \exists x [x \leq \text{ao} \wedge \text{theme}(e)(x) \wedge \text{quantity}(x)=d]$
- d. $[[\text{PA}]] = \lambda G. \lambda x. \exists d [d = \max(S_G) \wedge G(d)(x)]$
- e. $[[\text{PA } \mu_V \langle \text{of} \rangle \text{ao}]] = \lambda e. \exists x [x \leq \text{ao} \wedge \text{theme}(e)(x) \wedge \text{quantity}(x) = \max(S_{\text{ao}})]$
- f. $[[\text{mongy}'a \text{ PA } \mu_V \langle \text{of} \rangle \text{ao}]] = \lambda e. \exists x [x \leq \text{ao} \wedge \text{theme}(e)(x) \wedge \text{quantity}(x) = \max(S_{\text{ao}})]$
& $\exists d [\text{padr\~{a}o}(d) \wedge \text{bonito}_{\Delta}(x)(e) \geq d]$

Com essa derivação, mostramos que sentenças com verbos deadjetivais também possuem estruturas incrementais. Nesse sentido, há uma diferença entre verbos deadjetivais que possuem tema incremental, e que serão télicos, dos que o que não possuem.

Ainda, há uma outra dimensão que poderá atribuir um sabor télico à sentença: a escala de intensidade, que quando medida por um valor de diferença ou por um função *Pos*, gerará leituras télicas condizentes com a modificação de ‘em x tempo’.

Portanto, se o teste para telicidade for apenas o uso de expressões adverbiais como ‘em x tempo’ ou ‘por x tempo’, temos que tanto uma atribuição de grau à escala de quantidade quanto uma atribuição de grau a uma escala de intensidade poderão determinar se um evento é télico, embora trate-se de tipos diferentes de atingimento de um télos.

CONCLUSÃO

Este trabalho apresentou uma análise do morfema {-pa} e suas ocorrências com verbos, adjetivos e construções causativas. O objetivo principal deste trabalho foi mostrar como {-pa} atua na relação incremental entre verbos ou adjetivos e indivíduos, atribuindo ao predicado um grau máximo de afetação de um indivíduo ou de um grupo de indivíduos por uma propriedade ou evento.

O primeiro capítulo deste trabalho tratou de apresentar o quebra-cabeça das ocorrências de {-pa} na língua. Além disso, apresentou algumas das descrições presentes na literatura que levavam a crer que {-pa} era um morfema de aspecto perfectivo. Para contra-argumentar essas análises, procurou-se mostrar que, de acordo com a teoria de Klein (1994), o comportamento de {-pa} escapa ao que se poderia esperar de um morfema de aspecto perfectivo.

O segundo capítulo dessa dissertação postulou-se uma análise de {-pa} segundo os pressupostos da semântica escalar. Foram tratados neste capítulo dados com verbos e adjetivos. O objetivo deste capítulo foi mostrar como {-pa} é modificador de grau de escalas de quantidade. Para tanto, procurou-se mostrar quais as definições de escalas de quantidade e intensidade dadas pela literatura e em que medida elas não são suficientes para explicar certos fatos do Guaraní Paraguaio e de dados do Português Brasileiro e do Inglês.

Buscando uma análise coerente de {-pa} em relação a verbos e adjetivos foi apresentada uma maneira de introduzir composicionalmente escalas de quantidade, baseada na proposta de Bochnak (2010). A partir disso, adaptou-se a proposta de Bochnak (2010) para eventos de maneira que ela contempla-se o uso de {-pa} com adjetivos.

Dessa maneira, definiu-se {-pa} como um modificador de escalas de quantidade, que atribui a elas um valor máximo. Essas escalas de quantidade são dadas pela quantidade (da soma de partes ou da soma) de indivíduos afetados por uma predicação. Ainda, definiu-se, de acordo com Kennedy (2010) que um predicado modificado por {-pa} afirma inequivocamente um grau máximo de afetação de um objeto, enquanto predicados sem modificação têm a leitura desse grau máximo de afetação dado apenas pragmaticamente. Nesse sentido, {-pa} contribui para a semântica da sentença com a afirmação de que todas as partes da soma estão afetadas pelo evento ou por uma propriedade.

No terceiro capítulo, tratou-se da semântica dos verbos deadjetivais do Guarani Paraguaio. Mostrou-se que esses verbos não podem ter uma leitura atélica em relação ao atingimento de um grau máximo de uma determinada propriedade. Mostrou-se também que {-pa} não atua sobre a escala de intensidade, uma vez que essa escala já está medida por *Pos*. Conclui-se, então, que {-pa} atua apenas sobre a escala de quantidade dada por estes verbos, o que serve como argumento para endossar a análise de {-pa} proposta no capítulo 2.

Além de descrever e analisar o comportamento do morfema {-pa}, procurou-se oferecer uma análise semântica do comportamento dos verbos e adjetivos do Guarani Paraguaio, de acordo com uma semântica escalar. Por fim, procurou-se contribuir para uma teoria das escalas, uma vez que este trabalho oferece uma nova maneira de analisar o que a literatura chama de “adjetivos de escala fechada”, sanando algumas questões que os dados do Guarani Paraguaio levantam em relação às análises já postuladas. Espera-se, portanto, que a proposta deste trabalho possa vir a ser aplicável aos dados de outras línguas naturais.

REFERÊNCIAS

- BERTINETTO, P. M. 2005. On the Tense-Aspect system of Bolivian-Chaco Guaraní. *Quaderni del Laboratorio de Linguistica* 5.
- BOCHNAK, M. 2010. Quantity and gradability across categories. *Proceedings of SALT 20*, p. 1–18.
- CARLSON, G. N. 1977. A unified analysis of the English bare plural, *Linguistics and Philosophy* 1:3. p. 413-56.
- CAUDAL, P. & D. NICOLAS. 2005. Types of degrees and types of event structures. In *Event Arguments: Foundations and Applications*, eds. Maienborn, C. and A. Wöllstein. Tübingen: Niemeyer. *d'ethnolinguistique amérindienne* 14. p. 9-42.
- COMRIE, B. 1976. *Aspect*. Cambridge: Cambridge University Press
- DOWTY, D. R. 1979. *Word meaning and Montague grammar*. Number 7 in Synthese Language Library. Dordrecht: Reidel.
- DOWTY, D. R. 1991. Thematic proto-roles and argument selection. *Language* 67:547–619.
- GREGORES, E. & SUÁREZ, J. 1967. *A Description of Colloquial Guaraní*. The Hague: Mouton de Gruyter.
- GUASCH, A. & D. ORTIZ. 2001. *Diccionario Castellano-Guaraní, Guaraní-Castellano*. Asunción, Paraguay: Centro de Estudios Paraguayos “Antonio Guasch”.
- HALE, K. & KEYSER, S. J. 2002. *Prolegomenon to a Theory of Argument Structure*. Cambridge (Mass.): MIT Press.

HAY, J., KENNEDY, C. & LEVIN, B. 1999. Scale structure underlies telicity in ‘degree achievements’. In *Semantics and Linguistic Theory 9*, ed. Tanya Matthews and Devon Strolovitch, p. 127–144. Ithaca, NY: CLC Publications.

ILARI, R. *A Expressão do tempo em português - Esboço de uma gramática*. 1. ed. São Paulo: Contexto, 1997. v. 1.

JACKENDOFF, R. 1996. *Languages of the Mind: Essays on Mental Representation*, MIT Press, Cambridge.

KEARNS, K. 2007. Telic senses of deadjectival verbs. *Lingua* 117, p. 26–66.

KENNEDY, C. 1999b. *Projecting the adjective: The syntax and semantics of gradability and comparison*. New York: Garland. [Santa Cruz: University of California, Santa Cruz dissertation, 1997.

KENNEDY, C. & MCNALLY, L. 2005. Scale structure and the semantic typology of gradable predicates. *Language* 81. p. 345–381.

KENNEDY, C. & LEVIN, B. 2008. Measure of change: The adjectival core of degree achievements. In *Adjectives and adverbs: Syntax, semantics and discourse*, ed. Louise McNally and Christopher Kennedy, p. 156–182. Oxford, UK: Oxford University Press.

KENNEDY, C. 2010. The composition of incremental change. <http://semantics.uchicago.edu/kennedy/docs/incrementalchange.pdf>. Acessado em 08-08-2010.

KLEIN, W. 1994. *Time in Language*. London: Routledge

KLEIN, W. , LI, P. & HENDRIKS, H. 2000. Aspect and Assertion in Mandarin Chinese. *Natural Language & Linguistic Theory* 18. p. 723-770.

KRIFKA, M. 1989. Nominal reference, temporal constitution and quantification in event semantics. In *Semantics and contextual expression*, ed. Renate Bartsch, Johann van Benthem, and Peter van Emde Boas, p. 75–115. Stanford, CA: CSLI Publications.

_____. 1992. Thematic relations as links between nominal reference and temporal constitution. In *Lexical matters*, ed.

_____. 1998. The origins of telicity. *Events and grammar*, ed. by Susan Rothstein, p. 197–235. Dordrecht: Kluwer.

KRIVOSHEIN DE CANESE, N. & ACOSTA ALCARAZ. 2007. *Gramática de la lengua guaraní*, Asunción, Colección Ñemity.

LANDMANN, F. 1991. *Structures for Semantics*, SLAP 45, Kluwer, Dordrecht.

LIUZZI, S. & KIRTCHUK, P. 1989. Tiempo y aspecto en Guaraní. *Amerindia* 14, p. 9–42.

RAMCHAND, G. 1997. *Aspect and Predication: The Semantics of Argument Structure*. Oxford: Oxford University Press

REICHENBACH, H. 1947 *Elements of Symbolic Logic*. Free Press, New York.

ROTHSTEIN, S. 2004. *Structuring Events: A Study in the Semantics of Lexical Aspect*. Blackwell: Oxford.

ROTSTEIN, C & WINTER, Y. 2004. Total adjectives vs. partial adjectives: Scale structure and higherorder modifiers. *Natural Language Semantics* 12, p. 259–288.

SANCHEZ-MENDES, L. 2011. Scalar Properties of Degree Modification on the Verbal Domain: Evidence from Karitiana. Comunicação apresentada no Workshop Scalarity in Verb-Based Constructions. Düsseldorf, Alemanha.

SAPIR, E. 1944. "Grading: a study in semantics". *Philosophy of Science* (11): 93–116.

SMITH, C. S. 1991. *The parameter of aspect*. Dordrecht: Kluwer.

TENNY, C. L. 1994. *Aspectual roles and the syntax-semantics interface*. Dordrecht: Kluwer.

THOMAS, G. 2007. Quantification, completive aspect and degree modification in Mbya. In A. Deal (Ed.), *Proceedings of Semantics of Under-represented Languages of the Americas (SULA)* 4.

_____. 2009. Comparison accross domains in Mbyá. In H. Bliss and A. Reis Silva (eds.), *Proceedings of WSCLA 14 (UBCWPL)*.

TONHAUSER, Judith & COLIJN, E. 2010. Word order in Paraguayan Guaraní. *International Journal of American Linguistics* 76. p. 255–288.

TONHAUSER, J. 2006. *The Temporal Semantics of Noun Phrases: Evidence from Guaraní*. PhD thesis, Stanford University.